



UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**OS JOVENS QUE FICARAM: PARTICIPAÇÃO, INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA DA JUVENTUDE NO ASSENTAMENTO VALE DA
VITÓRIA.**

LUIZ CARLOS VIEIRA

2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**OS JOVENS QUE FICARAM: PARTICIPAÇÃO, INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA DA JUVENTUDE NO ASSENTAMENTO VALE DA
VITÓRIA.**

*Sob a orientação da professora
Elisa Guaraná de Castro*

Dissertação a ser apresentada ao curso de pós-graduação de Ciências Sociais em desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Rio de Janeiro, RJ,
Dezembro de 2009.

305.23
V658j
T

Vieira, Luiz Carlos

Os jovens que ficaram: participação, inserção e permanência da juventude no assentamento Vale da Vitória/Luiz Carlos Vieira, 2009.

140 f.

Orientador: Elisa Guaraná de Castro

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia: f. 118-126

1. Juventude assentada - Teses. 2. Participação – Teses. 3. Inserção – Teses. 4. Permanência– Teses. I. Castro, Elisa Guaraná. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

LUIZ CARLOS VIEIRA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Elisa Guaraná de Castro. Dra. CPDA/UFRRJ
(Orientadora)

Maria José Teixeira Carneiro. Dra. CPDA/UFRRJ

Erineu Foerste. Dr. UFES

Dedicatória

Dedico a meu pai e minha mãe por terem me ensinado a ser perseverante e a não desistir nunca.

Agradecimentos

Foi num encontro que discutia educação, promovido pelo MST capixaba, no início da década de 1990, e através de uma palestra de um sociólogo professor da UFES, naquela oportunidade, que conheci a sociologia. Depois de longo tempo, ao tentar o vestibular, em que fui aprovado na Universidade Federal do Espírito Santo, não tive dúvidas em qual curso me inscrever. Ao final da jornada da graduação, o tema que escolhi não seria outro a não ser os estudos relacionados às pessoas do meio rural que são minhas raízes desde sempre. A vontade de conhecer mais o ambiente o qual fazia parte, visto por mim de fora, e compreender de forma acadêmica, várias situações que presenciei, levou-me a este caminho.

Ao final de mais uma etapa, gostaria de agradecer imensamente e em primeiro lugar minha família que me apoiou muito, meu pai, minha mãe, e meus irmãos. Sem eles tudo seria mais difícil. A meu pai, em especial, que incansável, me acompanhou em todas as visitas e foi fundamental para a coleta de dados de campo.

Agradeço também aos assentados que pacientemente me atenderam e foram solícitos em responder às fatigantes perguntas nas entrevistas.

Quero fazer um agradecimento especial à professora Regina Bruno, minha primeira orientadora, por ter me acolhido como orientando e a professora Elisa Guaraná que tão pacientemente, me ajudou na conclusão deste trabalho. Agradeço ainda à professora Maria José pelas dicas sobre meu projeto, nas disciplinas em que tive oportunidade de participar, nas quais ela era a professora. À professora Leonilde pelas críticas construtivas para desenvolvimento do projeto.

Outro agradecimento vai em especial para Rejane Santos que me acompanhou neste período e sempre me deu força naqueles momentos de desânimo, em que o cansaço batia mais forte, testando a minha capacidade de resistência e perseverança.

Agradeço ainda aos bons amigos que fiz nesta instituição, em especial à Laeticia Jalil, Pablo Romero, Leonardo e ao Júnior. À Cristiano Desconsi pelas boas conversas e debates tomando mate e pelo apoio dado nos momentos de dificuldades que apareceram em minha estadia na cidade do Rio de Janeiro.

Agradeço também aos amigos que fiz e pessoas especiais que conheci nestas idas e vindas como os da República de Maruípe que me acolheram aqui em Vitória de onde escrevo. Obrigado ao Robson, ao José Borba (Paraíba). Aos meus amigos Oliver, Juan França (carioca), Juan Urbina (hoje de volta ao Chile) pelos bons momentos de diversão proporcionados Vitória afora. Ainda devo agradecer ao professor João Saldanha, da Universidade Federal do Espírito Santo, por me apresentar o curso do CPDA/UFRRJ, e por me ajudar na escolha do tema que não abandonei e que hoje apresento a vocês.

Luiz Carlos Vieira.

Hino do Movimento Sem Terra.

Letra: Ademar Bogo

Música: Willy C. de Oliveira

*Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!*

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular*

*Braços Erguidos ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!*

*Nossa Força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!*

RESUMO

VIEIRA, Luiz Carlos. **Os jovens que ficaram: participação, inserção e permanência da juventude no assentamento Vale da Vitória, RJ. 2009.** Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

O trabalho aqui apresentado diz respeito aos jovens que permanecem no Assentamento Vale da Vitória, situado no município de São Mateus no estado do Espírito Santo. A intenção foi descobrir como se dá a participação, inserção e os condicionantes de permanência dos jovens e como eles são vivenciados no assentamento nas suas múltiplas dimensões, ou seja, como estão inseridos no contexto do grupo e da família. No assentamento Vale da Vitória (local da pesquisa), pude perceber a constituição e existência de três gerações distintas, que foram construídas durante a trajetória deste assentamento rural que foi fundado na década de 1980. O assentamento possui um grande número de jovens que ainda permanecem com residência fixa e alguns já têm família constituída. Pude perceber que a constituição destas gerações tem ligação com o processo de formação deste assentamento na sua trajetória histórica e constitui-se ainda hoje em disputa. Isso determina a participação mais efetiva nas atividades coletivas do assentamento e delimita as fronteiras entre elas. Por isso, participar, estar inserido e permanecer deve ser pensado em relação ao contexto. Este permanecer é flexível, não constitui algo rígido porque pressupõe uma circularidade. Assim não dá para pensar a permanência como sinônimo de fixação. Para a análise, parto do princípio que a construção da categoria jovem e velho se faz de acordo com cada sociedade e a divisão entre adultos e jovens é uma identificação relacional.

Palavras chaves: Assentamento, juventude, participação, inserção, permanência.

ABSTRACT

VIEIRA, Luiz Carlos. **The young people were: participation, inclusion and retention of youth in the settlement of Valley Victory, RJ. 2009.** Dissertação (Master in Social Science in Development, Agriculture and Society). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

The work presented here concerns young people who remain in the settlement of Valley Victory, located in the city of St. Matthew in the state of Espírito Santo. The intention was to find ways in which the participation, integration and the conditions of stay of young people and how they are experienced in the settlement in its multiple dimensions, is, how they fit within the group and the family. When laying Valley Victory (research site), I could see the formation and existence of three different generations, which were built during the course of this rural settlement which was founded in the 1980s. The settlement has a large number of young people who remain fixed residence and some have already made family. I could see that the formation of these generations has connection with the process of formation of this settlement in its historical background and is still up for grabs. This results in more effective participation in collective activities of the settlement and the boundaries between them. So participate, be inserted and remain to be thought of in relation to the context. This stay is flexible, is not something hard because it presupposes a circularity. So you can not think of staying as a synonym for fixing. For the analysis, assume that the construction of young and old category is according to each company and the division between adults and youth is a relational identity.

Keywords: Settlement, youth, participation, inclusion, permanency.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS.

Figura 1: mapa das macrorregiões do Espírito Santo.....	36
Quadro 1: assentamentos no norte do Espírito Santo.....	39
Figura 2: mapa do município de São Mateus.....	80
Figura 3: auditório do Ceforma (Centro de Formação Maria Olinda.....	112
Figura 4: núcleo familiar.....	140
Figura 5: escola no Vale da Vitória.....	140
Figura 6: plantio de mamão.....	141
Figura 7: plantio em formação de café conilon.....	141
Figura 8: reunião do grupo de jovens da igreja.....	142
Figura 9: reunião do grupo de jovens da igreja.....	142
Figura 10: campo de futebol.....	143
Figura 11: motos estacionadas a beira do campo de futebol.....	143
Figura 12: boteco.....	144
Figura 13: celebração na comunidade.....	144
Figura 14: casa de uma família do núcleo fundador.....	145
Figura 15: casa em construção de um jovem recém casado.....	145
Figura 16: moradia.....	146
Figura 17: construção do novo prédio para turmas de ensino médio da EFA Nestor Gomes.....	146
Figura 18: crianças em sala de aula na EFA Nestor Gomes.....	147
Figura 19: Ceforma (assentamento Joeirana).....	147
Figura 20: Forró.....	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. TRANSFORMAÇÕES NA AGRICULTURA E A LUTA PELA TERRA NO ESPIRITO SANTO	16
1.1 Modernização no campo: um processo de uma só via.....	16
1.2 Os atores da luta pela terra no Espírito Santo: CPT, MST UDR.....	18
1.3 Transformações na agricultura capixaba e a luta pela terra.....	27
1.4 A constituição do assentamento Vale da Vitória e o contexto local.....	33
2. JUVENTUDE, JOVEM E JUVENTUDE DE ASSENTAMENTO	40
2.1 O “ser jovem”: visões a respeito da construção desta categoria.....	40
2.2 A juventude rural.....	46
2.3 Juventude e assentamentos.....	49
3. A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO VALE DA VITÓRIA: GRUPO, GRUPOS E GRUPÃO	54
3.1 A relação entre as gerações nos espaços de participação do assentamento Vale da Vitória.....	57
3.2 A oposição entre as gerações: adultos x jovens; jovens casados x jovens solteiros; comissão velha x jovens; e idosos x jovens.....	62
3.3 Grupos da igreja: encontro de casais e encontro de jovens.....	67
3.4 A associação agroecológica.....	69
4. OS JOVENS QUE FICARAM: INSERÇÃO E PERMANÊNCIA EM PROCESSO	73
4.1 A questão do trabalho.....	73
4.2 (...)” Bom pra quem tem. Queria que todo mundo tivesse um veículo e sua casa. Com certeza é importante”.....	79
4.3 Atividades de lazer entre os jovens do Vale da Vitória.....	86
4.4 A EFA(Escola Família Agrícola): educação e permanência.....	93
4.41 EFA e o MST: opções de ensino e formação que ajudam na permanência.....	107
4.5 O assentamento Vale da Vitória e seu potencial de atratividade.....	108
5. CONCLUSÕES	112
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
7. ANEXOS	125
Anexo A – notícias	125
Anexo B - recorte dos entrevistados	127
Anexo C - fotos	130

Introdução

O trabalho de pesquisa aqui exposto procura entender com se dá a participação, inserção e a permanência de jovens num assentamento fundado na década de 1980. A intenção foi perceber os condicionantes que levam os jovens a permanecerem naquele assentamento rural. Fiz opção por desenvolver a pesquisa no assentamento Vale da Vitória, no município de São Mateus, localizado a norte do Estado do Espírito Santo dado a minha familiaridade com o local e por perceber que, não somente ali, mas nos assentamentos da localidade ainda existem uma grande quantidade de jovens tanto homens quanto mulheres, casados e solteiros.

Num primeiro momento a intenção era entender a saída dos jovens, que residiam no Vale da Vitória, como um processo que “exclui” o jovem, assim o assentamento seria um local que não teria formas de acolher e inserir o jovem nos seus espaços participativos tanto num sentido organizacional como produtivo. No decorrer da construção do projeto a opção pela alteração se deu a partir de leituras sobre a temática da juventude e debates nas disciplinas metodológicas, mas, principalmente, a partir das visitas ao assentamento, onde percebi que o campo era muito mais rico do que eu esperava, mesmo conhecendo a área previamente.

A opção pelo estudo da permanência se deve em primeiro lugar à percepção de que o assentamento estudado trazia uma particularidade: a presença de uma grande quantidade de jovens que residem no mesmo. Por meio das visitas e observações percebi que no local a maioria das casas é de boa qualidade, existe uma quantidade significativa de veículos e áreas plantadas com culturas predominantes na região, como o café e a pimenta-do-reino. Algumas famílias já possuem bens de consumo a que me refiro são veículos, e, principalmente motos. Tendo isso em vista, a ideia geral do projeto mudou. A pesquisa passou a ser uma tentativa de refletir sobre a participação, permanência e a inserção da juventude num assentamento fundado na década de 1980. Neste contexto, foi levado em conta as múltiplas dimensões internas, pensando o assentamento inserido num contexto externo que influencia na sua dinâmica.

A escolha pela área se deve, ainda, à minha familiaridade com a localidade na qual vivi até 1994 num assentamento vizinho (assentamento Joeirana) e onde minha família ainda se encontra. Neste longo período vivenciei, mesmo que ao longe, a

transformação desta localidade de Nestor Gomes, que é um distrito do município de São Mateus, em termos populacionais, estruturais, e econômicos que se deu, principalmente, a partir da instalação dos assentamentos que foram imprescindíveis neste processo. Esta capacidade de transformação dos assentamentos já foi demonstrado por Leite et.al. (2004) num estudo que apontava as transformações provenientes da criação dos assentamentos e diversas dimensões nos locais em que estavam implantados.

Uma das dificuldades que tive para desenvolver a pesquisa foi a escassez de material tanto acadêmico, quanto documental sobre os assentamentos rurais do Espírito Santo. No órgão à qual o assentamento está vinculado, que é a Seag (Secretaria de Estado da Agricultura) e também no Incra, haviam poucos documentos sobre o assentamento Vale da Vitória que se resumiam a alguns arquivos desorganizados. A responsável pelo setor que cuidava das questões dos assentamentos na época, informou-me que a escassez de material era um problema até para o órgão, já que não conheciam a realidade da maioria dos assentamentos.

Toda esta situação me colocou numa posição de pesquisador nativo, que tendo proximidade com a realidade me permitiu melhorar a minha observação. Por outro lado abriu precedentes para o risco de naturalizar certas situações vividas por mim no passado e que ainda se mostram no presente. A entrada no campo de pesquisa não foi problemática. O destaque neste processo, e que teve grande importância, foi a companhia de meu pai nas visitas. Foi intencional de minha parte levá-lo, já que ele é muito conhecido, não só no assentamento, mas também na localidade e nos outros assentamentos que se localizam no entorno. Isso porque foi uma das lideranças do MST no passado e é morador da localidade há muitos anos. A ida dele nas visitas propiciou uma maior abertura nas falas dos entrevistados que expuseram questões ligadas não só à pesquisa mas também questões que se mostravam como conflitos internos.

O primeiro contato com as pessoas foi numa celebração na igreja católica do assentamento, onde me foi dado um espaço para falar da pesquisa para quem estava participando daquele evento e como seria desenrolado o processo. Isso me colocou diante da comunidade e me impôs a necessidade de retorno dos resultados da pesquisa aos assentados, o que será feito ao termino de todo processo de construção e aprovação do trabalho.

Outro fato interessante da pesquisa, é que em alguns momentos, senti-me um dos pesquisados porque às vezes era lembrado como o filho do “Zé Vieira”, como meu pai é conhecido. A presença dele nas visitas despertou esta associação que é presente no contexto dos assentamentos da localidade que é relacionar o filho ao pai. Aliás, percebi que ainda sou associado ao assentamento Joeirana, onde residi, isso dado a esta relação dos filhos aos pais.

Após as entrevistas, na maioria das vezes, aconteciam conversas informais, cujo conteúdo remetia a fatos do dia a dia dos assentados da localidade. Conversas sobre produção de café, pimenta-do-reino, política local, e problemas de relacionamento e cisões nos assentamentos eram comuns, bem como conflitos existentes no interior do Vale da Vitória. Em alguns momentos, ainda, surgiam conversas triviais sobre o passado, sobre fatos que aconteceram na época em que eu ainda morava na localidade, como idas a Nestor Gomes na ocasião de festas, e as mudanças do passado em relação ao presente em termos do que melhorou no assentamento na sua estrutura, tanto de organização como de produção.

Foi necessário um exercício de afastamento como algo fundamental para o bom andamento da pesquisa. Aproveitando as palavras de Portelli, (...) “nossa tarefa foi de interpretar criticamente todas as narrativas” (...) e deixar de lado qualquer juízo de fato ou de valor, para melhor apreensão dos objetivos da pesquisa. Isso não foi uma tarefa fácil, dado ao grau de identificação que possuo com a localidade. Mas, se configurou num exercício interessante este afastamento necessário, entretanto não tão fácil de se mostrar na prática. O conhecimento prévio do local foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e proporcionou-me entender melhor as dinâmicas às quais estive inserido durante parte de minha vida.

O meu envolvimento foi um instrumento chave para perceber alguns conflitos existentes no assentamento e como eles podem influenciar a vida das pessoas que residem no Vale da Vitória. Por exemplo, em algumas entrevistas ficou clara a existência de alguns conflitos no assentamento, bem como narrativas de descontentamentos diversos em relação ao movimento social (MST), e às comissões do assentamento e mesmo em relação aos rumos que a cooperativa tomou no passado e que levou à sua falência.

Apesar de não ter sido decisiva, a vivência prévia em Nestor Gomes foi essencial para a escrita de alguns tópicos do trabalho, porque, como os pesquisados, vivi naquele momento e como ainda não perdi o contato com o lugar, consigo visualizar

diversas mudanças que ocorreram e vem ocorrendo naquele local. Este fato permitiu problematizar questões inerentes ao campo e contribuiu para que eu pudesse ver “de fora” o local e as pessoas pesquisadas, estabelecendo caminhos para o melhor entendimento da dinâmica dos acontecimentos internos ao assentamento.

Uma característica importante desses assentamentos é o fato de que cada assentado se auto identifica com o assentamento em que reside e suas dinâmicas não podem ser comparadas em todos os aspectos, dado aos arranjos e rearranjos, que ocorrem no interior de cada um dos assentamentos e que são fruto das disputas que seguem um ritmo próprio, diferenciando-se uns dos outros. A intervenção de um assentamento sobre o outro é praticamente inexistente, cada um vivencia a seu modo os seus “problemas” internos. Este fechamento “para si” está ligado ao fato de se constituírem em núcleos independentes entre si. Mesmo os assentados, tendo vivido na mesma época e no mesmo acampamento, ao se constituir um assentamento se forma um novo espaço que constrói suas particularidades no dia a dia de sua história.

A partir do estudo algumas particularidades do Vale da Vitória vieram à tona. Isso reforçou a necessidade de se entender as dinâmicas internas, principalmente organizacionais do assentamento e também sua inserção na dinâmica local. Como já dito isso se mostrou mais complexo do que eu esperava, principalmente no que concerne à identificação de três gerações distintas e que a relação entre elas determina a posição e papel que cada um vai ocupar no assentamento.

Para o desenvolvimento da pesquisa optei por fazer entrevistas semi estruturadas individuais com pessoas escolhidas de forma intencional dentre os pesquisados. As entrevistas foram aplicadas em três momentos. Um na ocasião da construção do projeto e em duas ocasiões anteriores à escrita do trabalho. Foram realizadas seis visitas para observação e contato com as pessoas do assentamento. Um destes momentos foi na celebração na igreja católica, outros foram observações no campo de futebol e em bares que existem dentro do assentamento. Foram entrevistados 18 pessoas entre jovens solteiros, casados, e adultos (núcleo fundador) que estão qualificados em anexo no final do texto.

No primeiro capítulo procuro resgatar um pouco do contexto do Espírito Santo nas transformações da agricultura brasileira e na instalação dos grandes projetos e os impactos sociais, econômicos e políticos fruto deste processo. Como no restante do país, este processo foi de apenas uma via excluindo a pequena propriedade que ficou à margem do que acontecia naquele momento histórico.

No segundo capítulo é feito um resgate de diversos trabalhos sobre juventude, num primeiro instante localizando a categoria jovem como alvo de disputa e apropriação pelo estado através das políticas públicas. Na sequência discute-se a categoria jovem a partir do “ser jovem” e como ela se constrói no meio rural tanto em assentamentos quanto em outros espaços.

No terceiro capítulo, é tratado a questão do lugar do jovem na dinâmica do assentamento a partir da identificação de três espaços participativos, “grupão” (termo nativo), grupo e grupos. A saber, o “grupão” é um lugar de decisão que cabe aos titulares do lote e é onde são tomadas as decisões mais importantes com relação ao assentamento. Neste espaço o voto cabe aos titulares de lote e os jovens que não o são, não podem votar. Os grupos são aqueles lugares em que a participação e inserção são mais flexíveis, como a igreja, os grupos de casais, grupo de jovens e a associação de produção agroecológica.

Finalmente, discute-se como o jovem está inserido e os condicionantes de permanência constatados através da pesquisa a partir de vários aspectos. O primeiro foi perceber como os jovens estão inseridos no trabalho familiar; qual a influência do acesso a bens de consumo, motos e carros como fatores de permanência; a importância dos espaços de lazer e de sociabilidade neste processo; e, por fim, os aspectos educacionais e formativos por parte da Escola família Agrícola e do Movimento dos trabalhadores Sem Terra como forma de fortalecer um “habitus” voltado à vivência no campo.

CAPITULO I - Transformações na Agricultura e a Luta pela Terra no Espírito Santo

Para compreensão das mudanças que ocorreram na agricultura capixaba e o que foi o processo de luta pela terra no Espírito Santo, é importante fazer um breve resgate destas transformações no Brasil. Este fenômeno, que foi a transformação da agricultura, dá um panorama de como se constituiu a luta pela reforma agrária e a criação dos projetos de assentamentos rurais em todo o Brasil e conseqüentemente no Estado do Espírito Santo, o qual está localizado o assentamento onde a pesquisa foi desenvolvida. Não é exagero dizer que as dinâmicas de organização das pessoas que compõem estes espaços, guardam características herdadas da luta pela reforma agrária e do impacto que ela causa em todos que estão envolvidos. Sendo assim, a visão do processo contribui para perceber particularidades, quando se tem em vista adentrar um pouco este universo da organização e perceber o lugar das pessoas na mesma.

1.1 Modernização do campo: Um processo de uma só via

A expressão do capitalismo rural no Brasil ganha contornos bem mais definidos com o processo de modernização no meio rural. Segundo Guilherme Delgado,

“Este processo de modernização técnica da agricultura e de integração com a indústria é caracterizado por um lado pela mudança na base técnica de meios de produção utilizados pela agricultura, materializada na presença crescente de insumos industriais e de máquinas industriais. De outro lado, ocorre uma integração de grau visível entre a produção primária de alimentos e matérias-primas e vários ramos industriais. Estes blocos de capitais vão constituir mais adiante a chamada estratégia do agronegócio que vem crescentemente dominando a política agrícola do Estado” (Delgado, pag. 58).

Este processo foi financiado pelo estado brasileiro e objetivava processar mudanças na base técnica da agricultura. Isto trouxe conseqüências perversas com a expulsão de grande contingente de pessoas que tiveram que sair do campo e ir para compor as periferias das grandes cidades.

Para Delgado pode-se perceber neste processo um pacto tecnicamente modernizante e conservador, que simultaneamente aos avanços e integração entre indústria e agricultura, ainda conseguiu trazer para perto as oligarquias rurais ligadas às grandes propriedades territoriais. Neste período de modernização conservadora observa-se o direcionamento de diversos programas e projetos voltados para o latifúndio que garantem a defesa da estrutura da propriedade e grande valorização dos latifúndios territoriais.

O processo de modernização do campo não levou em consideração uma outra via, a reforma agrária. As mudanças vieram sem que se alterasse a forma com que se configura a propriedade da terra no Brasil, no latifúndio por extensão. De acordo com Palmeira e Leite (1998), os chamados efeitos perversos, fruto deste processo de não alteração da base da agricultura se materializou através da concentração da propriedade, desigualdade de renda, pelo aumento do chamado “êxodo rural”, diminuição da qualidade de vida da classe trabalhadora do campo, acirrou a questão ambiental e a exploração do trabalho, entre outras.

Os produtores que não migraram e que ficaram no campo passaram a constituir mão de obra barata e na maioria das vezes não especializada. Os trabalhadores ficam à margem do que acontece, sem usufruir seus frutos e há um fortalecimento à exclusão econômica e social. De acordo com Muller (1993), a generalização deste modo moderno de produção, que impôs uma igualdade de condições de produção, caracterizou a agricultura como uma atividade de crescimento sem emprego. Ou seja, os ganhos de produção e produtividade aumentaram destruindo postos de trabalho. Olhando para o futuro e considerando a necessidade de novas e contínuas inovações (tecnológicas, organizacionais e institucionais), pode-se admitir que estas atividades agrárias modernas não podem ser pensadas como demandadoras de mais agentes para elevar sua oferta, ainda que se suponha uma bateria de políticas protecionistas.

A modernização do campo segundo Muller (1993) pode ser chamada de uma “modernização parcial”, que beneficia os grandes produtores, mas como dito acima gera grande desemprego que para ele não se trata mais de uma pobreza e miséria herdada de outros momentos, e sim, fruto das contradições deste processo que foi a modernização das relações de produção no campo que obedeceu apenas uma via gerando uma “pobreza moderna,” que teve efeitos não somente no campo, mas também nas cidades,

visto que grande parte do contingente de pessoas excluídas do processo migrou para as cidades.

Uma das consequências deste processo foi a organização dos principais afetados e postos à margem destas mudanças. Num ambiente de exclusão e pobreza fez-se necessário organizar-se para enfrentamento, como foi o caso do movimento dos Trabalhadores Sem-terra e de outros movimentos sociais rurais. A terra associada à sobrevivência leva o camponês a resistir e lutar pela reforma agrária como forma de permanecer no campo. Os movimentos sociais têm um papel importante na constituição de um dos produtos destas lutas que são os assentamentos rurais como forma de pressionar à realização da reforma agrária no país. Não dá para desvincular a ação dos movimentos, já que sua influência se dá para além da conquista da terra. Isso porque quem participa do processo de luta pela terra leva consigo o capital social adquirido neste período que, em muitos casos, influenciará nas dinâmicas organizacionais e produtivas dos assentamentos e no modo de vida das pessoas. Para entender melhor este processo é necessário conhecer um pouco como se deu o processo de luta pela terra que originou o assentamento e quais os principais atores envolvidos.

1.2 Os atores da luta pela terra no Espírito Santo: CPT, MST e UDR.

A luta pela terra está longe de se acabar. Neste contexto as disputas e a correlação de forças aumentam e a reforma agrária já faz parte das políticas necessárias ao país, não só pela pressão dos movimentos de luta pela terra ou pelo caráter democratizante desta política, mas também pela necessidade de se produzir alimentos.

No Espírito Santo a luta pela terra teve como atores principais o MST, a CPT e a UDR. Estas instituições atuaram de forma decisiva no processo de constituição dos primeiros assentamentos rurais existentes no Espírito Santo. Estes movimentos contra e a favor também desempenham papel importante no cenário nacional.

Segundo Medeiros (1989) esta inserção da igreja na questão da reforma agrária está ligada à intensificação dos conflitos e a crescente mobilização dos trabalhadores. A participação da igreja fica evidente através do documento da CNBB, intitulado “A Igreja e os Problemas da Terra”, onde, segundo a autora, era denunciado o modelo econômico vigente no país, a concentração fundiária, as migrações de trabalhadores, a violência e a exploração no campo. Martins (2000) destaca o papel fundamental da

igreja na organização de trabalhadores já no período militar e de sua força como canal de expressão. Para ele foi extraordinário o papel que a Igreja teve e continuou tendo nessa articulação, com suas pastorais sociais, como a pastoral indígena, a pastoral da terra, a pastoral do trabalho. Elas foram corretamente definidas pelos bispos como pastorais de suplência, mero socorro temporário. As tensões sociais e políticas recrudescidas na ditadura ganhavam um rosto, um protagonista, na mediação pastoral.

Para Stédile (2000) a importância da Igreja católica se dá a partir do nascimento da CPT (Comissão Pastoral da Terra), que surge da necessidade de se reorganizar a luta dos camponeses, devido ao grau elevado de violência sofrido por estes. A participação da igreja também é importante neste contexto de luta pela terra não só por ter sido um dos movimentos que ajudou na criação do MST, mas também porque marca um momento de intervenção da igreja católica junto aos trabalhadores do campo. A CPT articula a participação da igreja não só como agente messiânico, mas assume o papel de articulador ideológico. Para Stédile (2000) a CPT é a aplicação da Teologia da Libertação¹ na prática, dando uma contribuição importante na organização camponesa, tendo uma importante contribuição na organização dos trabalhadores.

O MST outro que teve papel importante neste processo tem uma de suas raízes históricas na atuação da CPT. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se apresenta como fonte de transformação da sociedade e de mudanças profundas na estrutura de dominação vigente. Organizados a partir de novas identidades sociais, ultrapassam o quadro institucional, exigindo o reconhecimento de categorias excluídas tais como dos povos indígenas, ribeirinhos, seringueiros, geraiszeiros e quilombolas. Através do embate político, ideológico e da prática o movimento visa combater a concentração de terras como uma forma de democratizar o campo, fazendo com que haja uma melhor distribuição das terras.

A terra é vista como um meio de vida e de reprodução social de milhares de famílias que foram excluídas ou expulsas de suas pequenas faixas de terra em todo o país. Na página eletrônica deste movimento isso fica expresso na descrição das lutas do MST, que declara que,

“(…) é preciso realizar uma ampla Reforma Agrária, com caráter popular, para garantir acesso à terra para todos os que nela trabalham. Estabelecer um limite máximo ao tamanho da propriedade de terra, como forma de garantir sua utilização social e racional. É preciso

¹ Corrente de pastoral que aglutina agentes de pastoral, padres e bispos progressistas que desenvolvem uma prática voltada para a realidade social (Stédile e Mançano, 2000, pág. 20).

organizar a produção agrícola nacional tendo como objetivo principal a produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados (transgênicos) para toda a população, aplicando assim o princípio da soberania alimentar. A política de exportação de produtos agrícolas deve ser apenas complementar, buscando maior valor agregado possível e evitando a exportação de matérias-primas”.

A luta pela terra e reforma agrária ganha força na década de 1980 com o surgimento do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). Não só a luta pela terra, mas também novas dinâmicas de representação dos trabalhadores passam a fazer parte do contexto das organizações sociais no Brasil. O MST desponta como um dos grandes movimentos sociais do país, fazendo parte de um período de transição política no Brasil, hoje é um dos grandes movimentos organizados a nível mundial. Este movimento surge, segundo Stédile (2000) de vários fatores tendo como principal determinante as transformações que a agricultura brasileira sofreu na década de 1970. Tem seu berço no Sul do país no Estado do Rio Grande do Sul e da conjuntura de transformação da agricultura daquele estado, mas que já estava em curso também no restante do país com a aceleração da mecanização da agricultura e implantação de pacotes tecnológicos provenientes da chamada modernização agrícola. (Medeiros, 1989; Navarro, 2000; Leite, 1998; Oliveira, 2001).

O crescimento deste movimento na década de 1980 também está relacionado a todo um processo de mudanças que se processava neste período, desde a ditadura militar. Os eventos citados no parágrafo anterior (Stédile, 2000; Navarro, 2002; Medeiros, 1989), constitui uma fase em que grandes contingentes de trabalhadores ficaram à margem e saíram do meio rural por não se enquadrarem nas mudanças repentinas fruto da modernização do capitalismo agrário brasileiro. Vale mencionar a influência que as ligas camponesas tiveram na concepção do MST enquanto movimento organizado no campo brasileiro. Para Stédile (2000) existe um reconhecimento do movimento em torno das ligas camponesas² pelo que elas representam, e em função de

² As ligas camponesas representaram um marco de luta dos trabalhadores e conseguiram organizar uma base social formada por foreiros. A luta principal era contra a expulsão da terra e do aumento do foro. Este movimento levou ao assassinato de João Pedro Teixeira um dos criadores do movimento. As ligas camponesas firmaram a imagem da radicalidade e de ação fora dos limites institucionais. No entanto, grande parte de sua trajetória foi marcada pela defesa dos trabalhadores na justiça, usando o instrumental legal existente (Medeiros, 1989, pág.80).

sua experiência histórica, sendo o MST um movimento ressurgido, mas com outras formas de ação no que se refere à luta no campo brasileiro.

Segundo Stédile (2000) o MST surge como um movimento camponês que tem como bandeira três reivindicações prioritárias: terra, reforma agrária e mudanças gerais na sociedade. Para Navarro (2002) entre os movimentos sociais que apareceram neste contexto de transformação do cenário agrário brasileiro, em fins dos anos 70 e início dos 80, do século passado, o MST é que apresenta a mais forte identidade social e tem sido capaz de definir a sua base social e motivá-la, sendo que suas ações são sempre de grande impacto na opinião pública. Um processo de renovação constante e de investimento na formação de seus quadros militantes lhe dá um grande poder de renovação.

A formação do militante pode ser vista como um processo constante, desde que a criança se insere nas escolas do movimento e nas cirandas que são montadas nos encontros desta organização. Para além do aspecto pedagógico, as consequências deste processo, tanto num aspecto positivo quanto negativo acredito, ainda não foram mensuradas. Rosely Caldart (2003) afirma que não há como avançar nas lutas sociais do campo se os seus sujeitos de direitos não se dedicarem à sua própria formação. A intenção é formar o sem-terra com uma postura menos corporativista e com um horizonte de luta social cada vez mais amplo, a qualificação sempre se fez necessária tanto para qualificar os quadros para a luta pela terra, ou para viabilizar a produção nos assentamentos.

O movimento Sem Terra, como um movimento de massa, se destaca pela capacidade de mobilizar suas bases e arregimentar mais trabalhadores em torno da bandeira da reforma agrária. Já conseguiu grande número de assentamentos através da promoção de ocupações de terras nas regiões do país. As implantações destes projetos de assentamentos trazem um reordenamento não só nas terras, do local, onde são implantados, como levam uma nova dinâmica nestes locais em todos os aspectos. Desde sua criação até hoje o MST vem empreendendo uma série de ações para que a reforma agrária “saia do papel” e que seja posta em prática, aliás, a luta deste movimento já transcende simplesmente a questão da reforma agrária, é uma disputa tendo em vista a democratização do campo brasileiro e luta contra o agronegócio³ capitalista que tem

³ Segundo Ramos (2007) na imprensa e nos meios empresarial e político tem predominado o uso da expressão “agronegócio”, em grande medida devido à atuação de uma entidade criada com o propósito de

sido apontado como uma solução para problemas no meio rural como o desemprego e desenvolvimento pelo aumento da produção.

As frentes de lutas do MST foram reafirmadas, recentemente, através do seu V Congresso realizado em 2007 em Brasília que teve como tema “Reforma agrária, por justiça social e soberania popular”. A intenção é de se articular com outras instituições com o intuito de reafirmar a oposição ao sistema imperialista, e manter enfrentamento ao latifúndio. Do encontro foi formulado um documento, que está disponível no site institucional do MST que mostra a necessidade de manter sua contraposição às empresas transnacionais, principalmente as produtoras de insumos transgênicos que vistas como destruidoras do meio ambiente através das monoculturas da soja, cana-de-açúcar e eucalipto. O documento ainda reafirma que a disputa passa a ser não só pela terra e contra o latifúndio, mas também pela preservação dos recursos naturais e com a tendência a fortalecer uma proposta de contraponto a este modelo que seria a agroecologia enquanto prática. Ainda, neste contexto de proposta de embate, há uma disposição: combater o trabalho escravo que vem se disseminando, ou talvez sendo descoberto, e contra a criminalização constante dos movimentos sociais.

Segundo Leite (2007), o congresso do MST teve uma grande importância já que reabre o debate sobre os argumentos contra a efetividade da reforma agrária de modelo distributivista. Para ele, alguns pontos marcam os argumentos dos setores contrários à reforma agrária. O primeiro que o modelo produtivista do agronegócio resolveria a questão da pobreza e do emprego no campo; que a reforma agrária é uma tese ultrapassada e não teria representatividade em termos econômicos e na sociedade brasileira; com o avanço da modernização da agricultura já não se tem terras disponíveis para a reforma agrária; que os projetos de assentamentos rurais já implantados estão num processo de favelização rural e que a maioria das famílias que estão assentadas não tem vocação para a agricultura, o que compromete o sucesso da reforma agrária. E conclui que é necessário retirar o caráter reducionista que vem sendo disseminado principalmente pela mídia, que desqualifica e impede o debate sobre a reforma agrária.

Por outro lado os latifundiários e as grandes empresas rurais se organizaram em torno da defesa do direito de propriedade alegado por eles. Esta disputa entre

levantar, divulgar e, principalmente, buscar influenciar os níveis e as instituições de governo na concepção e implementação de políticas destinadas a alavancar, melhorar e mesmo resguardar os recursos materiais e humanos envolvidos nos diferentes agronegócios. Essa entidade, a qual se refere o autor é a ABAG (Associação Brasileira de Agribusiness).

trabalhadores e proprietários de terra dá o tom do que é a disputa pela terra no Brasil atual, bem como o produto dela, a violência que ainda persiste até hoje. Isto torna mais complexo a luta pela terra no Brasil e o surgimento da UDR (União Democrática Ruralista) comprova esta afirmação. Segundo Moura (2000) ela funciona como o braço legal dos latifundiários, e acoberta os crimes cometidos nos conflitos por parte dos latifundiários e se avolumam os conflitos à medida que os camponeses se conscientizam e os latifundiários organizam grupos para combater os sem-terra.

Aliás, este conflito marca uma das principais características da elite brasileira que é a defesa intransigente da propriedade privada, principal forma de sua reprodução na estrutura agrária, esta é a marca das elites do campo e que representam o atraso que persiste até hoje. Para Bruno (2003) são dois os traços que marcam as classes e grupos dominantes no campo, a saber, a defesa da propriedade como direito absoluto e a violência como prática de classe. Seria assim, uma espécie de direito incontestável, algo naturalmente herdado e conseguido pelo trabalho. Da grande propriedade teria partido a determinação dos valores sociais da sociedade brasileira, em especial a audácia, a respeitabilidade, a bravura e o destemor para enfrentar as adversidades.

Nesta disputa entre sem-terra e latifundiários a violência é algo não raro entre os lados envolvidos. Esta violência segundo Bruno (2003), não é um ato individual e esporádico, e sim uma violência ritualizada e institucionalizada, que implica a formação de milícias e a lista dos marcados para morrer e os massacres. Também trata de desqualificá-la e também a seus mediadores, veiculados pelos proprietários e empresários rurais, no exercício da dominação política.

As práticas violentas dos grandes proprietários de terra obedecem a um habitus de classe fundamentado na tradição (Bruno, 2003). Mesmo em contextos de uma agricultura modernizada e com avanços tecnológicos que fazem do Brasil um dos grandes exportadores de grãos e produtos agropecuários, ainda persistem velhas práticas baseadas num patrimonialismo exacerbado. As elites agrárias ainda atuam como detentores de poder no campo, em função da sua reprodução enquanto classe e acumulação de capital, neste avanço incessante do grande capital no meio rural não se reconhece fronteiras ou práticas alternativas para preservação do meio ambiente; a intenção é manter no patamar mais alto o nível de produtividade e concentrar ainda mais as terras.

No embate entre latifundiários e trabalhadores existem algumas tragédias como o episódio de Eldorado do Carajás⁴ e o massacre de Corumbiara, sendo que um dos episódios, muitos tiveram oportunidade de ver pelo noticiário. Os acontecimentos acima citados fazem parte de uma lógica de violência que se instaurou no campo brasileiro. As estruturas de poder, desta forma garantem a impunidade, o aparato político impede a transformação do campo, que segundo o autor viria através de uma reforma agrária planejada.

O que se viu neste processo de luta pela reforma agrária, foi uma tomada de posição por parte de alguns setores como a imprensa brasileira em favor da lógica do atraso na estrutura agrária. Como avalia Regina Bruno,

“Nos anos 80, a imprensa quase sempre se posicionou explicitamente a favor da grande propriedade como modelo de eficácia econômica e produtiva mostrando-se hostil aos argumentos que fundamentavam as várias vertentes do discurso reformista em favor de uma reforma agrária: defendeu a ideia de uma reforma agrária anacrônica e atrasada, foi contra a desapropriação das terras como instrumento prioritário da reforma, questionou a eficácia da agricultura familiar e a constituição de setores reformados e deu substância à discussão da reforma agrária como expressão do comunismo e da estatização do campo. A grande imprensa também exacerbou a força da mobilização patronal rural e fez apologia à União Democrática Ruralista (UDR), ainda quando não se tinham claros seus contornos, procurando desqualificar os mediadores dos trabalhadores rurais, em especial a igreja progressista e o MST (Bruno, 2003, pág. 293).

O que acontece neste período é uma espécie de criminalização das ações dos mediadores e das lutas empreendidas pelos camponeses através da influência dos grupos do patronato rural, que ainda persistem como forma de enfraquecer as lutas sociais não só no campo, mas também na cidade.

As instituições patronais em suas formas organizativas, segundo Regina Bruno (2003), criaram todo um conjunto de normas de controle e código em que procuraram unificar os discursos e impor um mesmo comportamento a todos que se associavam e aos proprietários, sendo que a fidelidade aos códigos de conduta que eram consideradas fator essencial para a unidade dos grupos e para eficácia das ações. É neste momento de tomada de posição que fica nítida a luta de classes no meio rural. A UDR representa

⁴ Massacre de trabalhadores ocorrido no município de Parauapebas onde 19 sem-terra foram assassinados, durante uma manifestação na rodovia local, por policiais e fazendeiros.

neste momento a necessidade de organização em prol da suposta defesa incondicional da grande propriedade e é a responsável pela formação do aparato repressivo paralelo ao estado pelos grandes proprietários rurais.

A organização destes grupos toma maior formato com a união da chamada bancada ruralista⁵ no Congresso brasileiro, que tenta de forma política impedir que as ocupações de terra continuem e que se tornem realmente uma demanda de política social assumida pelo governo. Para Oliveira (2001) mesmo no contexto de violência promovida pela UDR, foi eleita grande quantidade de parlamentares através dos fundos de campanha formados pelos integrantes desta instituição. E conseguiram fazer do capítulo da reforma agrária algo com menor expressividade em relação ao estatuto da terra da época dos militares.

Mas, o combate ao MST e às ações dos movimentos sociais, perpassa os governos da nova república. No governo de Fernando Henrique Cardoso de acordo com Comparato (2001) o MST num primeiro momento era tratado como um movimento de pouca força e que não representava muito, e apesar de suas falas a favor da reforma agrária, sempre deixava de lado a figura do movimento. Mas, o tom mudou com o tempo. O MST passa a ser tratado como um adversário, e com a ocupação de prédios públicos e manifestações a partir de maio do ano 2000, Fernando Henrique Cardoso adota um tom mais duro ao se referir ao movimento e suas ações. O governo de Fernando Henrique Cardoso fica marcado, para Oliveira (2001), como um dos governos em que o tipo de violência contra os camponeses foi de morte sendo executados por agentes do Estado e suas forças policiais . A repressão seria uma contrapartida ao apoio da bancada ruralista ao governo federal da época.

Para Martins (2003), a criação do Ministério Extraordinário da Reforma Agrária foi um avanço porque se criou de fato um organismo de gestão política autônoma da função social da propriedade sobrepondo-se à gestão técnica do Incra. Mas, a intenção era mais de manter as ações sobre controle do que a vontade de realmente tornar a reforma agrária algo real. A ideia disseminada é de que quase não existiam sem-terras e que o assentamento das famílias que estavam esperando em acampamentos resolveria o problema das famílias que necessitavam de terra no país.

⁵“Sua origem remonta ao lobby exercido pela União Democrática Ruralista (UDR) durante a Assembleia Nacional Constituinte (1987/88), para impedir que a nova constituição facilitasse a realização da reforma agrária” (Comparato, 2001, pag. 112).

Para Stédile (2000), a política deste governo visava uma agricultura voltada para o modelo americano baseado nas grandes propriedades produtoras de grãos para exportação e pequenas unidades produtivas com produção altamente tecnificada e com uso intensivo de capital. Ainda nas falas deste autor, o governo, naquela conjuntura, adotou algumas estratégias para condução da política de assentamentos rurais visando estimular a criação de um mercado de terras, propunha uma reforma agrária de mercado em que seria regulada pelas próprias forças capitalistas. Se isso tivesse se efetivado provavelmente teria causado entraves na condução das ações do MST com relação à estratégia de ocupações.

A intenção era de esvaziar a luta pela terra, ou mesmo de desqualificá-la, bem como por à margem os movimentos sociais perante o debate da questão da reforma agrária, uma vez isolado teoricamente perderia força perante sua base e principalmente seu poder de mobilização.

No governo atual do presidente Lula, a forma de lidar com a reforma agrária e a forma de se tratar o latifúndio, traz grande influência do governo passado. De acordo com Mançano,

“Existe uma tentativa de impedir que a realidade do campo brasileiro apareça como de fato é: como uma das estruturas mais concentradas do mundo e em intensificação; com o aumento de famílias acampadas à beira das estradas e dentro dos latifúndios; com o empobrecimento dos camponeses; com o aumento da expropriação e exclusão” (Mançano, 2009, pág. 17).

Assim o governo teria vários desafios em romper com estes resquícios do governo passado sendo que uma das principais formas é tratar a reforma agrária como uma política pública e não como uma política compensatória.

A luta pela reforma agrária no país constitui-se num dos grandes dilemas da sociedade brasileira e que ainda está longe de uma resolução, mesmo porque envolve vários interesses. Por se tratar de uma política relevante para o país, e que pode ser uma forma de desenvolvimento local, bem como uma fonte de geração de renda e emprego no meio rural como demonstrado em trabalhos como o de Medeiros e Leite (2006), a reforma agrária não pode ser tratada meramente como uma forma de aliviar os conflitos entre camponeses e latifundiários, mas sim constar da agenda de desenvolvimento do país como uma forma de democratizar as relações sociais no campo, ao mesmo tempo

como forma de aumentar a produção de alimentos destinados ao consumo humano. No Espírito Santo o embate em torno da reforma agrária também foi permeado por conflitos e disputas desde os anos da década de 1980 com as primeiras ocupações que culminaram com a criação de vários assentamentos rurais promovendo o acesso de várias famílias à terra.

1.3 Transformações da agricultura capixaba e a luta pela terra.

As contradições no meio rural brasileiro e o processo de mudança na base da agricultura trouxeram efeitos perversos para as pessoas que residiam no meio rural, camponeses, meeiros, trabalhadores rurais e outros. Como foi apontado, a expropriação muitas vezes se processou de forma violenta expulsando e algumas vezes até assassinando pessoas. A base da agricultura é a propriedade latifundiária, agora denominada de agronegócio. A opção no meio rural foi a modernização do campo brasileiro como um processo de uma só via.

No estado do Espírito Santo também se experimenta uma série de mudanças visando colocar o estado no eixo de desenvolvimento econômico já em curso no país. Segundo Vanda Valadão (1999) o governo Jones dos Santos Neves (1951-1954) procurou combater problemas-chaves que dificultavam o desenvolvimento capixaba relacionados à infraestrutura. Uma das alternativas por ele adotada, foi traçar o Plano de Valorização Econômica do Espírito Santo, que incluía desde a expansão da eletrificação até a reaparelhamento das obras de infraestrutura voltadas para investimentos de ordem comercial, industrial e portuário.

A partir da década de 1970 a cafeicultura, após recorrentes crises relativas à cafeicultura e dos programas de erradicação de cafezais⁶, sofre uma redução na participação na economia, pouco produtivos, do governo federal. Opta-se por uma diversificação através da indústria. A intenção era criar outra base de crescimento o que num primeiro momento foi marcado por um incremento neste setor com capital local e

6

“Neste período governava o estado o Christiano Dias Lopes (1967-1970). Este governo representava as forças políticas que queriam uma saída econômica através de um projeto de industrialização equilibrado que incluísse a agricultura. Havia, portanto, no governo estadual, a preocupação de promover a diversificação econômica e a restauração institucional necessária, de maneira a coadunarem diretrizes e ações em favor de tal diversificação” (Valadão, 1999, pág. 49).

alguns incentivos do plano de metas do governo JK. Segundo documento recente do governo do Estado este período foi marcado pela instalação de duas indústrias de pelotização de minério de ferro da Vale do Rio Doce (CVRD), constituindo-se num salto da indústria de transformação do Espírito Santo, com uma taxa de crescimento anual de 15%. Ainda aponta que,

“Num segundo momento entre (1975-1985) foi mais significativo do ponto de vista da diversificação tendo sido capitaneada pelo grande capital estatal e estrangeiro. Essa etapa foi marcada pela instalação dos chamados grandes projetos - grandes unidades industriais focadas na produção de bens intermediários (commodities) - formuladas no âmbito de um planejamento estratégico do governo federal que objetivava deter, ou minimizar, a reversão ocorrida no ciclo econômico nacional a partir de 1975, após o fim do período conhecido como milagre econômico” (Plano de Desenvolvimento do Espírito Santo 2025, 2006, pág. 18).

A via de desenvolvimento do Estado foi marcada pela instalação e apoio aos grandes projetos tanto estatal como de origem privada. Este movimento também acontece rumo ao meio rural capixaba. Este modelo segue todo um sistema de incremento da modernização e industrialização pelas elites.

O processo desenvolvimento da economia capixaba trouxe uma concentração de renda. De acordo com o documento do governo,

“percebe-se que o processo de desenvolvimento econômico dos últimos anos teve um traço marcadamente excludente. Excelentes indicadores econômicos ao lado de baixos indicadores sociais de escolaridade, longevidade e acentuada desigualdade social, resultando em crescentes índices de violência, revelam que, no Espírito Santo, o econômico e o social trilharam rumos diferentes, como uma distribuição desigual dos benefícios gerados pelo ciclo de desenvolvimento” (Plano de Desenvolvimento do Espírito Santo 2025, 2006, pág. 21).

Entre os projetos que aumentaram a participação na indústria de transformação está o setor de papel e celulose⁷ fruto da implantação da empresa Aracruz Celulose S/A, em 1978, na área litorânea do Estado. Este evento veio acompanhado de intenso processo de formação de florestas homogêneas de eucalipto para fabricação de celulose.

⁷ Dados apresentados pelo documento Plano de desenvolvimento Espírito Santo 2025.

A expansão das áreas florestais de eucalipto passa de 25119 ha, em 1970 para 143148 ha em 1980.

Na mesma linha de projetos subsidiados se dá a implantação do Pro álcool - Programa Nacional do Alcool no Estado do Espírito Santo em que são instaladas usinas tanto na região Norte e como no Sul do Estado. A cana estimulou muitos produtores a abandonarem as outras culturas e foi priorizada, por representar cultura sem riscos, ter demanda e venda garantida na época (Valadão, 1999). Os investidores na área das destilarias contaram com crédito subsidiado para instalar e modernizar seu parque industrial. Os investimentos na cana-de-açúcar incentivaram muitos agricultores a mudarem de culturas priorizando a produção de cana.

A cafeicultura segue o mesmo caminho, retoma força e volta a se expandir em novo formato baseado em novas tecnologias com a radicalização da utilização de insumos industriais através do projeto de modernização, que se verificava já em andamento em todo Brasil e que já acontecia também no meio rural. A própria erradicação dos cafezais em si já mostrava o novo movimento que viria mais adiante. O novo modelo agora é baseado na eficiência da produção com a utilização crescente de novas tecnologias, promovendo assim a liberação de mão de obra do campo. Para Valadão,

“Em 1970 com o plano trienal de renovação e revigoração de cafezais, viabilizado no período de 1971-1975, houve uma retomada do espaço perdido pelas culturas permanentes da década anterior. Essas culturas passaram a receber maior apoio na montagem de uma infraestrutura básica e no uso de equipamentos agrícolas” (Valadão, 1999, pág. 58).

E finalmente vê-se o crescimento das áreas para implantação da pecuária, principalmente nos municípios do norte do Estado, por se tratar de uma atividade pouco exigente em termos de trato e investimento de capital e mão de obra (Valadão, 1999).

Neste contexto, de acordo com os dados⁸ levantados por Valadão (1999), antes das ocupações a situação entre 1970 e 1980 mostrava que aproximadamente 11.389 estabelecimentos com área até 100 ha desapareceram. Houve um aumento visível das áreas acima de 500 ha que ocupavam 17,3 % da área total das terras destinadas à agropecuária, passando a ocupar na década de 1980, 26,4% da área agrícola estadual

⁸ Os dados apresentados pela autora foram extraídos do censo agropecuário IBGE de 1980.

(Valadão, 1999, pág. 62). Esta corrida pela aquisição de terras levou à valorização dos imóveis rurais, o que provocou uma dinâmica de estímulo a vendas das terras dos pequenos agricultores. Outros dados⁹, levantados pela autora, mostram que esta estrutura provocou a saída de grande contingente de pessoas que migraram para as cidades. Em 1940 a população rural era de 80,01%, diminuindo para 36,08% em 1980, podendo chegar a 27,14% até 2010.

As contradições no meio rural capixaba, como em todo Brasil, leva a criação do MST enquanto forma de contraposição a política desenvolvimentista de via única, principalmente a partir dos grandes projetos instalados no Estado. As ações de luta pela terra no início da década de 1980 surgem com uma série de ocupações em terras devolutas e de empresas rurais ligadas às grandes empresas.

Segundo Valadão (1999), estas primeiras organizações de trabalhadores se devem ao trabalho nas comunidades eclesiais de base de periferias através da CPT (Comissão Pastoral da Terra) no município de São Mateus, organizando trabalhadores que passam a ser “sem-terra”. A organização se dava através de reuniões semanais em que eram trabalhadas questões sobre o cotidiano dos trabalhadores e suas necessidades. Depois de algum tempo estes trabalhadores passaram a se definir como “lavradores desempregados”. A maioria das pessoas que estavam participando, tinham histórico de vida no campo.

O sindicato também teve papel importante na organização destes trabalhadores rurais, neste período, juntamente com a CPT. Destes dois seguimentos saem as primeiras lideranças que vão iniciar os trabalhos do MST no Estado, que engrossará suas fileiras de lideranças a partir dos seus primeiros acampamentos e assentamentos.

O MST toma forma a partir da ação independente de suas primeiras lideranças, que juntamente com lideranças descontentes do sindicalismo, assumem a tarefa de conduzir as mobilizações. O MST surge no Estado em 1985 se estruturando de forma significativa e assumindo o papel de luta pela terra. Esta alteração na base da luta pela terra se deve segundo Valadão (1999), a um processo de mudança no processo de condução da organização dos trabalhadores por parte dos sindicatos, que vinham adotando a via da negociação. Esta forma de condução destas negociações não agradava e seu encaminhamento, e forma de reivindicação estavam gerando insatisfação.

⁹

Os dados utilizados pela autora para mostrar a questão do êxodo rural no Estado foram retirados do IBGE, do censo demográfico do Espírito Santo- 1940-1980.

As ocupações de terras foram acontecimentos importantes porque contribuíram de forma significativa para contraposição à nova configuração da estrutura agrária capixaba que como no restante do país seguia um modelo concentrador e baseado, em sua maioria, nas grandes propriedades. Estas ocupações são de grande importância porque fazem parte das primeiras grandes ocupações realizadas no Brasil pelo MST e datam do período inicial de atuação deste movimento na luta pela terra, que vem em contraponto às estratégias modernizantes das elites rurais e a implantação dos grandes projetos oriundos do processo de modernização da agricultura.

As primeiras ocupações de terra ocorreram no norte do Estado. Elas datam do ano de 1985 onde mais de 350 famílias ocuparam a fazenda Georgina na rodovia que liga São Mateus a Nova Venécia, no KM 41, que também nomeia o distrito de Nestor Gomes. Desta ocupação de terras foram desapropriadas duas áreas para assentar estas famílias. Este início das ações efetivas na luta pela terra no Estado acirra a disputa e é marcada pela tentativa de impedir o avanço das ocupações através do uso da força pelo Estado e pela ação da UDR. De acordo com Valadão (1999) esta instituição manteve constante vigilância para impedir as desapropriações tanto na justiça ou mesmo apoiado na polícia militar para desocupar áreas. Assim o cenário da reforma agrária no Estado, até 1989 era composto pela determinação do MST e de seus aliados que através das ocupações criassem fatos políticos e fizessem da reforma agrária algo em debate; a postura do governo diante dos fatos; a postura de obstrução dos representantes dos proprietários na comissão do Plano Regional de reforma Agrária; e a organização da UDR em diversos municípios do Estado.

Outro acontecimento que marca este período, e que já estava permeado pela luta entre as duas principais organizações, UDR e MST, foi um segundo momento em que foram ocupadas mais terras, na fazenda da empresa FLONIBRA, também na localidade de Nestor Gomes, onde cerca de 500 famílias a ocuparam. Mesmo com todo o aparato dos latifundiários e apoio do governo estadual não foi possível impedir que esta ocupação ocorresse. Posteriormente, ainda seria ocupada em 1988 outra fazenda de uma empresa, Acesita Energética, já listada na época pelo INCRA para desapropriação. Com uma área de 1500 ha ocupada por trabalhadores, que segundo Valadão (1999) era composto na sua imensa maioria por cortadores da cana, cultura fortemente disseminada na região norte do Estado, principalmente no município de Conceição da Barra¹⁰.

¹⁰ Município vizinho a São Mateus e com histórico de produção de cana-de-açúcar.

Considero o ápice dos conflitos de terra no norte do Estado a morte de um fazendeiro membro da UDR e um dos líderes dos fazendeiros da região norte do Espírito Santo. Em resposta, como aponta Valadão (1999) seguiu-se o assassinato de um sindicalista do município de Linhares, e um integrante de uma comunidade eclesial de base da igreja católica.

A luta pela terra no estado do Espírito Santo, como em outros Estados da nação mostra o quanto a luta pela reforma agrária está envolta de contradições próprias do meio rural brasileiro onde a violência não é algo raro quando posta frente a frente às classes que protagonizam o embate e as disputas. Neste processo o MST se afirma com um dos mediadores não só no processo de luta pela terra, bem como se destaca como um dos atores relevantes no cenário social e político, como ideológico na luta pela terra e de classes agora exposta para toda a sociedade brasileira. No Estado do Espírito Santo como afirma Valadão (1999) para se afirmar como mediador por excelência, o MST, no Estado assume um discurso com conteúdo mais definido sobre o problema que queria ver resolvido, apoiado no combate à propriedade privada, na crítica à atuação do Estado na área das políticas voltadas para o campo, na luta contra o latifúndio e o acesso à terra como meio de promover justiça social.

O movimento procura mudar de formato para desvincular-se de uma de suas origens que foi o movimento sindical rural, cria novas identidades sociais entre sua base e passa a se constituir num movimento com grande poder de mobilização de pessoas, cria novas simbologias e se mostra cada vez mais autônomo à medida que deixa em segundo plano as ações de outros agentes que lutam em prol da mesma bandeira.

No Estado e Brasil afora isso é evidente, ainda hoje, na estrutura que o MST conseguiu montar nestes últimos 20 anos de sua existência, onde já se faz presente em todo território nacional, bem como conta com milhares de pessoas atuando e forma politicamente cada vez mais pessoas para seu quadro militante, e exerce grande poder de pressão sobre o Estado e consegue alianças com vários setores da sociedade para aumentar sua força de atuação.

1.4 A constituição do assentamento Vale da Vitória e o contexto local.

Os anos iniciais da década de 1980 foram marcados pela emergência do MST em todo Brasil. Nesta época as condições para as ações e surgimento deste movimento

foram possíveis dentre outros fatores, pela necessidade de se converter o sistema baseado na ditadura militar em moldes democráticos. Assim havia um esgotamento do período ditatorial e uma articulação para que se redemocratizassem o país.

Segundo Palmeira e Leite (1998) a discussão sobre a reforma agrária é retomada neste contexto de mudança, sendo que eram múltiplas as visões sobre a reforma agrária e seus significados para o Brasil. Um das marcas deste período são as transformações ocorridas no campo como algo já consolidado e até como foi conduzida causou efeitos perversos, termo usado pelos autores, que refletiam na sociedade como um avanço do latifúndio de extensão e mudança na forma de produzir.

A reforma agrária aparece como uma possibilidade, ou seja, através dela se daria a incorporação da dimensão social, fazendo parte das políticas contra exclusão adotadas nos anos da década de 1980. Para os autores a reforma agrária era vista, principalmente a respeito do debate sobre os significados do que seria esta reforma agrária, como forma de se possibilitar uma flexibilização da estrutura agrária concentradora, desta forma uma vez que esta política “saísse do papel”, levaria conseqüentemente à redução da concentração da estrutura agrária, aparecia ainda como uma oportunidade de criação de novos postos de trabalho no campo e também como fixadora de mão de obra no meio rural.

O I Plano Nacional de Reforma Agrária fruto de lutas e processos sociais (Palmeira e Leite, 1998) que já estavam em curso, não obteve os resultados desejados, isto é, a estrutura não se modificou. O PNRA não cumpriu seu objetivo no âmbito a que fora criado. Segundo observação dos autores até 1990, apenas 515 projetos de assentamentos já haviam sido feitos através do PNRA.

No Estado capixaba o número de projetos de assentamentos, atualmente, cresceu bastante e muitos já existem desde o primeiro PNRA, a maior parte dos projetos de assentamentos estão localizados na região norte do Estado.

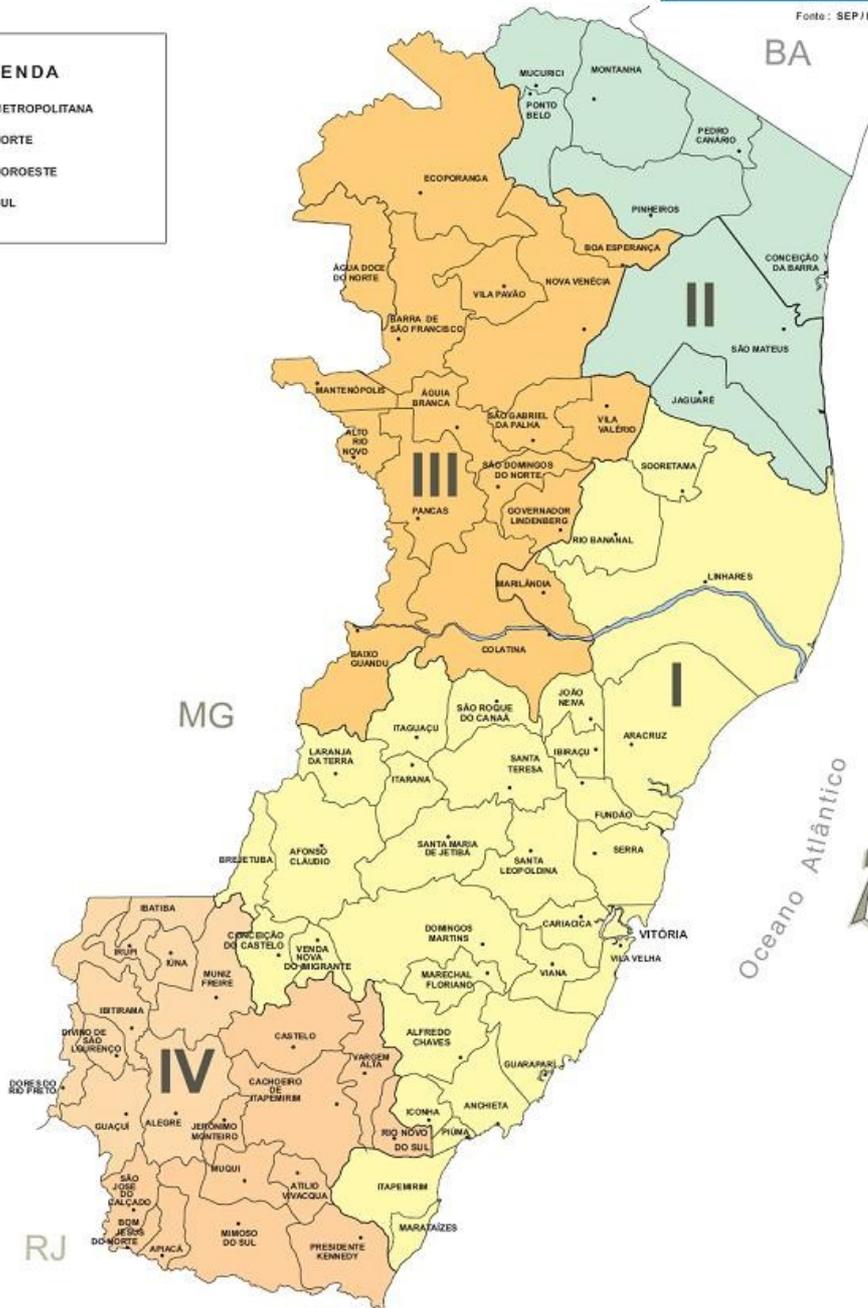
2) Mapa 1 - as Macrorregiões do Espírito Santo.

Divisão Regional do Espírito Santo

Macrorregiões de Planejamento

Lei 5.120 de 01/12/95

LEGENDA	
I	METROPOLITANA
II	NORTE
III	NOROESTE
IV	SUL



Fonte: http://www.es.gov.br/site/espírito_santo/mapas.aspx.

O norte do Estado possui uma alta concentração de assentamentos de reforma agrária. São 49 projetos, sendo 28 projetos federais (Incra) e 21 estaduais (Governo do Estado) onde estão assentadas 2.429 famílias numa área total de 24.202,06 hectares.

Quadro 1 - Assentamentos de Reforma Agrária – Região Norte

Municípios	assentamentos	Famílias assentadas	Área total (ha)	data
Águia Branca	PA* 16 de abril	48	488,3200	24/9/1998
	PA Rosa de Saron	39	508,2255	29/4/2002
Barra de São Francisco	PA 3 Corações	156	1.058,8134	17/11/1998
Conceição da Barra	PA Pontal do Jundiá	48	778,2704	16/2/1986
	PE Independência	10	103,0000	14/3/1988
	PA Paulo Vinhas	63	474,0900	5/12/1996
	PA Valdício B. dos Santos	89	888,4000	9/4/1996
	PE** Rio Preto Itaúnas	30	460,0000	25/6/1985
Ecoporanga	PA Córrego Vermelho	7	80,9000	10/1/1993
	PE Vale do Ouro	30	357,6200	22/12/1989
	PE 22 de julho	12	131,6300	19/9/1991
	PE Bom Jesus	18	180,7000	17/9/1991
	PA Miragem	214	1.135,0000	31/12/1997
	PA Boa Vista	57	577,6708	14/12/2004
Jaguaré	PE Córrego da Areia	31	155,0000	5/9/1984
	PE São Roque	10	90,0000	4/12/1985
	PE Córrego da Onça	8	90,0000	16/12/1985
Montanha	PE Bela Vista	34	210,0000	14/7/1985
	PE Francisco D. Ramos	25	193,0000	23/6/1988
	PE Córrego do Balão	7	40,0000	18/7/1985
	PA São Sebastião	83	690,6288	6/10/2004
	PA Oziel Alves	34	612,5240	10/1/2005
	PA Adriano Machado	63	873,0378	10/1/2005
Mucurici	PA Córrego da Lage	118	1.182,3000	9/4/1996
Nova Venécia	PA Pip-Nuck	50	676,5970	18/6/1987
	PA Gaviãozinho	25	440,1900	11/7/1991
	PE Córrego Alegre	18	173,0000	12/12/1988
	PE 13 de Maio	45	501,1300	15/5/1989
	PE Três Pontões	20	207,2000	9/7/1988
	PA Celestina	31	314,4277	26/12/1997
	PA Córrego do Augusto	25	324,3500	5/1/2001
	PA Rodeio	35	310,5224	25/3/2002
PA Travessia	21	287,3398	6/8/2003	
Pedro Canário	PA Castro Alves	129	1.504,3471	5/5/1988
Pinheiros	PE Nova Conquista	19	155,0000	12/2/1985
	PE 11 de Agosto	11	126,8000	28/2/1986
	PE Nova Vitória	32	525,0000	17/2/1986
	PA Olinda II	86	791,7647	4/2/1997

	PA Maria Olinda	71	706,8888	29/8/1997
Ponto Belo	PA Otaviano R. de Carvalho	98	962,7300	29/4/2002
	PA Panorama	130	1.042,4800	6/10/2004
São Mateus	PA Georgina	80	1.052,8355	12/11/1986
	PA Juerana	18	282,5506	12/5/1987
	PE Córrego Grande	27	261,0000	17/2/1985
	PE Vale da Vitória	39	474,0000	19/5/1986
	PE Pratinha	17	188,8000	22/9/1991
	PE São Vicente	5	27,6000	30/9/1991
	PA Guanabara	12	119,7246	19/2/1998
	PA Zumbi dos Palmares	151	1.386,6481	13/12/1999
TOTAL		2429	24.202,06	

* PA: Assentamentos do Governo Federal (Incra).

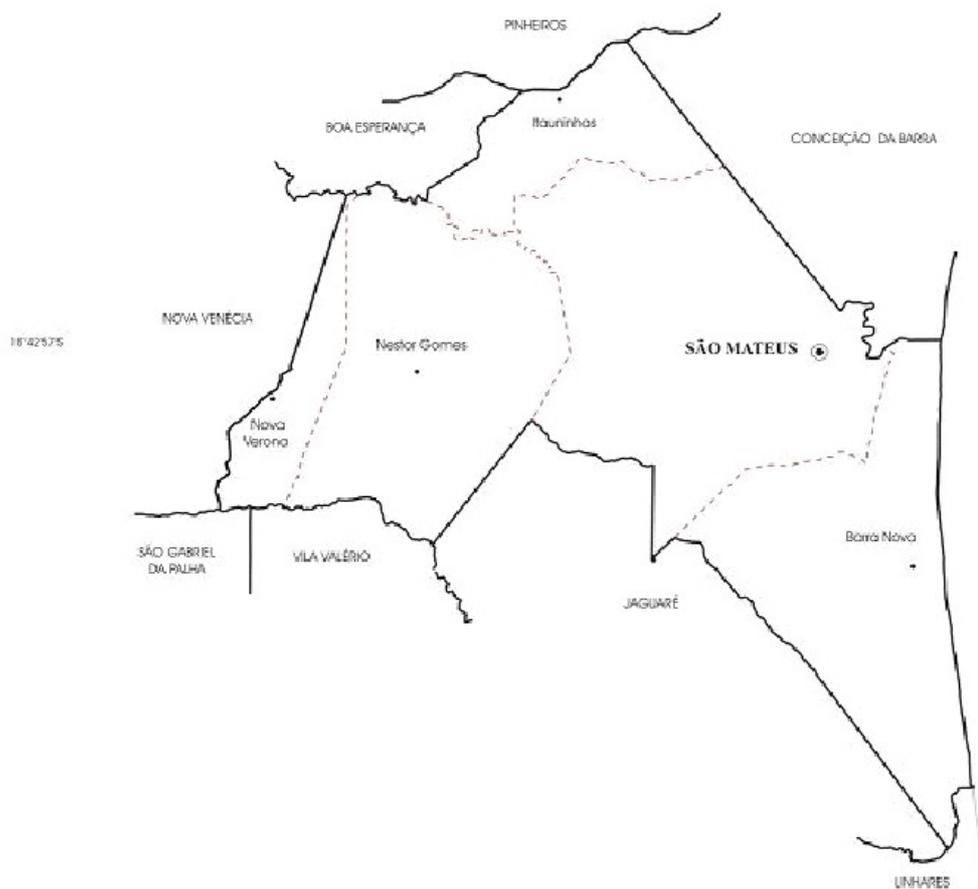
** PE: Assentamentos do Governo Estadual.

Fonte: Incra – SR Espírito Santo

O assentamento Vale da Vitória está localizado no distrito de Nestor Gomes, município de São Mateus (norte do Espírito Santo). Este distrito traz como particularidade à existência de assentamentos antigos, com aproximadamente vinte anos de fundação¹¹. Estes são oriundos das primeiras mobilizações com intuito de fazer ocupações de terras devolutas e/ou improdutivas nesta região, a partir de 1985, com a ocupação da fazenda Georgina. Este acontecimento é considerado histórico pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Espírito Santo. Esta primeira ocupação contou com 350 famílias, que foram assentadas em áreas desapropriadas pelo Incra, 1057 ha de terra da fazenda Georgina em São Mateus e 778 ha no município de Conceição da Barra (Valadão, 1999).

1) Mapa 2 - Município de São Mateus, região norte do Estado do Espírito Santo.

¹¹ Estes assentamentos são frutos do 1º PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária).



Fonte: http://www.ijsn.es.gov.br/follow.asp?urlframe=cartografia/mapas_munic.asp

O Assentamento Vale da Vitória, situado na localidade de Nestor Gomes, fica cerca de 40 km da sede do município. Este assentamento é composto por 39 famílias e apesar de alguns terem vindo da mesma localidade e já se conhecerem previamente, a maioria é formada por pessoas de vários locais. O acesso a terra se dá após ocupação da Fazenda Georgina, organizada pelo Movimento dos trabalhadores Sem-terra em 1985. Neste assentamento foi criada a primeira cooperativa de assentados do Estado, e que conta com a adesão de várias famílias dos assentamentos da região, todos fundados na década de 1980.

Outro evento que resultou no aparecimento de outros assentamentos nesta localidade, foi uma ocupação em 1986 numa área de 80 alqueires de terra de propriedade da empresa Flonibra, na localidade de Córrego da Prata, localizado no km 44 da estrada que liga o município de São Mateus à Nova Venécia, ocupada por 500 famílias (cerca de 2000 pessoas) de sem terras. (Valadão, 1999).

No distrito de Nestor Gomes, contexto onde a pesquisa vai ser desenvolvida, é importante destacar ainda a existência da Escola Família Agrícola de Nestor Gomes que funciona em regime de alternância¹² e que recebe alunos dos assentamentos e de agricultores familiares da região. Este distrito possui, dentre suas particularidades, o Centro de Formação Maria Olinda que foi criado oficialmente no 15º Encontro Estadual do MST-ES, realizado em seu auditório, entre os dias 13 a 16 de janeiro de 2004. O centro possui uma área de 10 ha doada pelo Assentamento Joeirana¹³ onde já funcionou o CIDAP¹⁴ (Centro Integrado de Desenvolvimento de Assentados e Pequenos Agricultores do Espírito Santo). O centro de formação é mantido pelo MST e visa à formação de militantes e filhos de assentados oriundos de todo o estado do Espírito Santo.

Outro aspecto relativo à localidade é que com a implantação dos assentamentos houve um impacto no dinamismo local, como foi lembrado pelo diretor da Escola Família Agrícola local.

Diretor- Os assentamentos trouxeram uma nova cara, principalmente para o distrito de Nestor Gomes, que cresceu bastante não só em termos de população, mas também em termos econômicos, melhoria na agricultura, e outra questão foram a formação, a estruturação dos movimentos, do MST na região, melhorou não só a questão econômica, mas também a questão da formação das pessoas na região, hoje tem várias pessoas na região que passaram pela formação... Pelo centro de Formação do assentamento aqui na região. Então além da questão econômica, da questão populacional melhorou também a questão da educação na região.

Houve um substancial crescimento da localidade após implantação dos projetos de assentamentos na região. Atualmente, na localidade, há um comércio dinamizado composto por padarias, supermercados, lojas de eletrodomésticos e de móveis, posto de gasolina, lojas de material de construção, de produtos agropecuários,

¹² A pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico (citado por, Teixeira et al., 2008).

¹³ O assentamento Joeirana é originário do 1º PNRA, é composto por 18 famílias que tiveram acesso à terra em 1987 e está vinculado ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

¹⁴

O CIDAP foi transferido para o município de São Mateus onde funciona atualmente. Este centro tem como objetivo captar recursos para serem investidos nos assentamentos e na pequena agricultura.

de irrigação e de adubos, e de uma agência bancária do SICOOB¹⁵ instalada recentemente. Este aspecto é importante porque demonstra a importância do processo de crescimento local após a fixação das famílias em assentamentos. Isto ainda é interessante porque constitui uma característica que influencia na vivência dos jovens e está atrelada a todo o complexo de fatores que podem ser determinantes na relação ficar ou sair enquanto opção para a juventude não só do Vale da Vitória como dos outros assentamentos ali existentes.

Este aspecto corrobora as percepções da pesquisa desenvolvida por Leite et.al. (2008) em que percebe que o acesso à terra permite às famílias uma maior estabilidade, leva a rearranjos e tem sido essencial para desenvolvimento das estratégias de reprodução familiar. Estas mudanças acabam por resultar em melhorias nos rendimentos e nas condições de vida, especialmente quando se considera a situação de pobreza e exclusão social que caracterizam muitas das famílias antes de ingressarem nos projetos de assentamentos.

¹⁵ O Sicoob é um sistema cooperativo de crédito e se converteu no segundo maior financiador da cafeicultura no Espírito Santo.

CAPITULO II - JUVENTUDE, JOVEM E JUVENTUDE DE ASSENTAMENTO

2.1 O “ser jovem”: visões a respeito da construção desta categoria

O jovem através dos estudos é visto de formas diversas. A discussão recorrente é em torno de tentar compreender o significado ou significados da categoria jovem. Compreender esta perspectiva em suas várias dimensões possibilita esclarecer como o jovem é percebido e se auto percebe na sociedade em que está inserido. Vale retomar o debate sobre como alguns autores têm percebido em suas análises esta construção.

Ser jovem é visto como “moratória social”, “etapa de transição”, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania. Na realidade, são desiguais e diferentes as possibilidades de viver a juventude como “moratória social”, por isso fala-se tanto em “juventudes”, no plural. Por outro lado, como toda experiência geracional é historicamente inédita, os jovens de hoje vivem uma situação singular.

Segundo Novaes e Vital (2005) na sociedade moderna não há consenso em torno dos exatos limites de idade que devem vigorar para definir quem é jovem, mas a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro. De alguma forma comparar as gerações também significa comparar as sociedades. Neste sentido, para Novaes (2005) o desafio de hoje é construir uma perspectiva geracional envolvendo adultos e jovens desde uma olhar intergeracional e intrageracional. A mesma autora sugere que devemos considerar dois aspectos para se tratar de questões relativas à juventude: num primeiro momento devemos perceber o aspecto biológico, quando falamos sociologicamente de “problemas da juventude” e o segundo é geracional, onde é preciso considerar como determinantes marcos culturais de uma época são ou não partilhados pelos jovens de uma mesma geração.

O jovem refletiria bem a própria condição da sociedade nas suas contradições em todos os níveis, desde fatores culturais a condicionantes materiais como a estrutura

social como produtora de desigualdade. A própria condição juvenil, neste contexto, está em processo, isto é, está em constante construção. Deste modo, para Novaes e Vital (2005), compreender a juventude de hoje é compreender o mundo de hoje nas suas multifacetadas transformações.

Nos enfoques que consideram a questão biológica, como por exemplo, Durston (1998), a juventude tem sido tratada como uma fase de transição, ou seja, uma passagem para vida adulta onde se adquirem direitos apoiados em normas que são culturalmente construídas e que, através da socialização, o indivíduo interioriza como requisito prévio para ser reconhecido como membro da sociedade. Seria assim uma fase de preparação caracterizada por sua capacitação para ser inserido na vida futura de adultos. O ser jovem é percebido como uma fase de preparação e por isso mesmo, com certa tutela dos considerados adultos. É vista como um privilégio ou como um espaço de maior liberdade social e por isso também de pouca responsabilidade, onde o jovem ensaia e encontra sua posição na sociedade e no mundo adulto. Um período transitório entre um estágio e outro. Durston (1998) concebe a juventude como uma etapa biológica associada a uma questão social, para entender e propor políticas para a juventude de determinada sociedade. Seria uma tentativa de unir uma perspectiva baseada na faixa etária a um corte geracional como forma de identificar de que jovem estamos tratando, numa tentativa de diferenciação desta categoria das demais.

Na visão de Dayrel (2005), utilizando Morin¹⁶, não dá para pensar as etapas infância, juventude e maturidade de forma rígida, que se esgotam em si mesmas, sendo que a passagem de um ciclo para outro implica na superação do estágio anterior, cada uma destas etapas deveria se adequar a um conjunto de normas socialmente construídas ligadas a um imaginário social, que define o que fazer ou não, em cada uma destas etapas. Cada ciclo de vida inclui os outros já vivenciados, numa dialógica entre infância, adolescência, maturidade e velhice.

Esta perspectiva coloca o jovem para além de uma etapa, simplesmente, a juventude não pode ser vista apenas como uma etapa pré-determinada, ou seja, um momento. Dayrel considera,

“(...) a categoria jovem não mais presa a critérios rígidos, mas sim como um processo de crescimento, mais totalizante que ganha

¹⁶ Citado por Dayrel (2005, pag. 307).

contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelo indivíduo no contexto social. Significa entender a juventude não como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando se entrar na vida adulta. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pelas qualidades da troca que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem (Dayrel, 2005, pag. 310)”.

Uma outra contribuição neste esforço de compreensão do que é ser jovem dentro de uma sociedade foi desenvolvida por Mannheim (1982). A sua perspectiva não está totalmente desvinculada da análise geracional, justamente quando pensamos numa perspectiva relacional de compreensão da categoria jovem. Desta forma o estudo de Mannheim (1982) percebe as gerações como grupos geracionais com situações similares vivenciadas em determinado contexto social e histórico, é como fazer parte de uma classe social, então estar numa geração independe do indivíduo. Esta perspectiva percebe as gerações enquanto grupos que se identificam, mesmo de forma subjetiva como compartilhadores de uma construção cultural similar, e que influi nas ações dos indivíduos. Esta perspectiva não despreza o conflito existente que pode opor duas gerações, justamente por causa das similaridades de situação.

Esta perspectiva abre um leque de opções, pois insere a juventude dentro de uma dinâmica para vivenciar determinado momento histórico e seus conteúdos simbólicos. Desta forma o jovem, apesar de se identificar como fazendo parte de um universo adulto, pode compartilhar bens coletivos inerentes a determinados indivíduos que estão vivenciando este mesmo período histórico e espaços similares, a diferença está nas formas de experimentar suas vivências e interações dentro do contexto social.

O período de juventude e as representações do tempo de ser jovem variam em diferentes sociedades, contextos socioeconômicos, políticos e culturais. Moldam-se segundo as formas em que participam, produzem e se expressam. Assim sendo, podemos falar em gerações dentro de uma geração, ou seja, os jovens do assentamento Vale da Vitória podem experimentar a sociedade como os demais jovens da sociedade como um todo, como por exemplo, no acesso a bens de consumo, no entanto, tem

similaridades com outros jovens de outros assentamentos porque vivenciaram todo um processo de luta pela terra, cada um com suas representações destes momentos, mas que os diferenciam dos demais jovens da sociedade nesta característica. Ou senão no caso do casamento, que pode inserir uma nova condição de vivenciar a sociedade e mesmo nas dinâmicas do assentamento. Aliás, esta ruptura afasta uma geração da outra, independente da idade, em uns aspectos, como a necessidade de se integrar mais ao “grupão” como veremos no terceiro capítulo.

A valorização das metas palpáveis, da subjetividade e do aspecto político dentro dela, assim como a novas aspirações intrageracionais, é parte do sentido das pessoas jovens. Neste âmbito constroem signos e símbolos, redes e vínculos, muitas vezes negando a institucionalidade, e exercem seu modo de participação, os direitos e auto afirmação da realidade (Krauskopf, 2007). Assim, para o autor,

“A fase juvenil é a etapa na qual, com maior intensidade, são cruciais as interações dos recursos pessoais e grupais com as opções e as características do entorno. Isso torna necessário considerar a complexidade da sociedade no século XXI no impacto dos caminhos e subjetividades juvenis. A construção da juventude na América Latina e no Caribe ocorre em meio a transições históricas e políticas, a contextos de desigualdade econômica e a um forte influxo da globalização. São produzidos assim contextos de maior ou menor grau de multiculturalismo e multilocalização, estruturas de oportunidades enraizadas em condições econômicas e políticas com uma distribuição predominantemente dual. O mundo cibernético faz parte de uma mudança cultural que acentua as diferenças e contribui com novos códigos, condições e experiências para os processos de constituição identitária das juventudes. (Krauskopf, pág.151, 2007).

Já para Dayrel (Dayrell, 2003), cada sociedade constitui um jovem a sua imagem. As representações e as manipulações fazem o jovem agir dentro dos limites estabelecidos pela própria sociedade em que ele está inserido. Assim, a juventude seria uma condição social, um tipo de representação. O ser jovem desta forma se fundamenta na própria imagem que dele é construída socialmente pelo grupo que vai além do recorte biológico.

Outras abordagens procuram localizar o jovem num plano simbólico que é produzido pelo grupo do qual ele faz parte. Nesta perspectiva a juventude deve ser apreendida num plano cultural, histórico e social, bem como se deve atentar para seu

caráter simbólico produzido na sua interação com o meio a qual pertence (Melucci, 1997; Dayrell, 2003; Wheisheimer, 2002).

Ser jovem, na sociedade contemporânea teria que ser visto como uma definição cultural, isto é, simbólica. As pessoas não são apenas jovens pela idade, mas porque assumem culturalmente as características juvenis. Isso associada à cultura coloca os jovens em relação às suas próprias experiências temporais. Assim a sua identidade seria construída a partir destas experiências (Melucci, 1997). Isto mostra uma das tendências dos estudos que é direcionar a construção social da categoria através de um aspecto geracional, mesmo sem desprezar o fato de se perceber o ser jovem como uma etapa de vida e por isso passageira.

Uma contribuição muito importante e muito utilizada quando se trata de perceber e compreender a construção da categoria jovem foi empreendida por Bourdieu (1983). Na sua perspectiva de análise a divisão entre adultos e jovens bem como esta identificação é relacional. O termo juventude seria fruto de disputas no âmbito social. Na perspectiva do autor a construção da categoria jovem e velho se faz de acordo com cada sociedade. A imagem do ser jovem e ser velho está em relação com as experiências dos indivíduos inseridos no contexto a ser analisado. O recorte biológico das idades pressupõe que a idade limita e acaba por produzir uma ordem onde se espera que cada um se mantenha em sua posição. Isso implica numa aceitação de sua condição limitante em relação ao acesso aos bens sociais. Bourdieu rompe com a concepção naturalizada de juventude como uma categoria que se constrói naturalmente.

As categorias, jovem e velho (Bourdieu, 1983) demarcam o lugar que cada um, dentro de um contexto histórico, deve manter em relação ao outro. Assim, a idade social construída tenta delimitar um aspecto biológico do indivíduo. A sociedade constrói seu recorte de idade em função de uma faixa etária específica para cada ciclo que os indivíduos em suas características biológicas estão inseridos. Ser jovem e velho é fruto de classificações que são objetos de manipulações.

A construção do jovem e do velho dependerá da conveniência e dos embates em torno destas duas categorias que estão em oposição. Ser jovem ou velho significa estar em relação a alguém, ser o jovem ou velho de alguém. Assim juventude seria apenas uma palavra. Esta perspectiva de Bourdieu desnaturaliza a perspectiva da construção biológica mostrando que esta é bem mais complexa do que é apontada.

Ainda nas caracterizações da juventude é importante recuperar a perspectiva de Foracchi (1977). Para a autora a juventude é ao mesmo tempo uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência. Quando concebida como uma etapa que antecede à maturidade e com características singulares, ela é um momento de descoberta da vida e da história. Relembrando uma das primeiras pesquisas realizada entre jovens de classe média no Brasil, pela autora, referindo-se à ação estudantil, apresenta como problema principal o engajamento do jovem e do estudante em formas radicais de atuação, considerando que toda uma constelação de processos, mecanismos e pressões são mobilizados para promover sua integração ao sistema. Foracchi (1977) percebe que a vinculação do estudante é a expressão de sua situação social, ou seja, seria uma expressão de sua condição de classe. Estas expressões de mudanças alimentadas pelos projetos de ascensão da pequena burguesia seriam inerentes à dinâmica das relações familiares, propondo valores e objetivos sociais que marcam profundamente a formação da personalidade do jovem e sugerem as possibilidades de constituição de sua consciência do social.

A análise empreendida por Foracchi (1977) nos remete a análise empreendida por Mannheim (1982) que trata da problemática geracional como um fator sociocultural inserido num contexto histórico. Uma geração, assim, poderia ser definida por uma identidade de situação que abrange grupos os quais estão englobados em determinadas faixas etárias, que fazem parte de um contexto histórico e social. Estas identidades podem ser traduzidas através dos modos de comportamento, sentimento e pensamento.

O que fica claro na minha concepção é que é necessário para compreensão da categoria jovem, num dos seus principais dilemas que é de qual jovem estamos falando, analisá-la numa perspectiva de convergência das duas perspectivas, tanto num plano geracional quanto relacional para se entender como o jovem é percebido na sociedade. O ser jovem está numa relação com a sociedade que ele vivencia e de suas experiências naquele local, interagindo, socializando e criando redes de sociabilidade. Este aprender e ensinar também se vincula com o momento histórico numa perspectiva mais ampla da sociedade e de sua produção social, cultural e política, na qual ele se insere quando reproduz estes saberes na sua dinâmica diária como, por exemplo, quando assume para si a necessidade de consumir determinado bem de consumo que é modismo na sociedade. É necessário ver a juventude como uma multiplicidade de situações sociais e, como em Mannheim (1982), apresentar os marcos sociais historicamente desenvolvidos

que condicionam as distintas maneiras de ser jovem. O que concluo é que a juventude pode ser vista de forma relacional. Esta perspectiva é que está sendo adotada para analisar a juventude no Vale da Vitória em suas múltiplas dimensões e na sua relação com as outras gerações existentes neste contexto.

2.2 A juventude rural

Com relação aos jovens rurais os estudos procuram perceber a influência das imagens de uma cultura urbana que atrai com a promessa de uma vida menos difícil. A tendência à saída dos jovens já vem sendo analisada há algum tempo como é o caso de Guigou (1968), que atribuía à saída, naquele momento e contexto europeu, às transformações culturais oriundas da introdução de novas formas de comunicação que entram em conflito com as formas tradicionais vivenciadas pelo jovem. Ainda conclui, através de entrevistas com jovens camponeses, que a saída está direcionada ao trabalho assalariado, que passa a ser visto como forma de acessar uma remuneração fixa, além de proporcionar autonomia frente aos pais.

As pesquisas sobre campesinato trazem contribuições importantes para entendermos as dinâmicas familiares e, por conseguinte da própria juventude aí inserida como nos aponta Castro (2005) a respeito de estudos como o Bourdieu (1962); Arensberg e Kimball (1968); Thomas, W.I. e Znaniecki, F. (1974) bem como Moura (1978).

Em pesquisas sobre campesinato no Nordeste, Garcia Jr. e Heredia, (1971) constataram que naquele contexto o trabalho familiar geralmente se faz sob os desígnios do pai que controla a produção, principalmente no que eles chamaram de roçado familiar que garantiria à família enquanto unidade de consumo. Este processo de dominação patriarcal, dentro da família, é estendido ao trabalho. Existiria um processo de controle que fortalecia a dependência dos filhos e mulher à unidade de produção familiar. Haveria uma constante legitimação do homem no domínio das atividades do roçado. Para a autora o trabalho no roçado é que possibilita o consumo familiar que se realiza na casa, adquirindo assim um caráter dominante sobre a casa. Este predomínio reflete-se na casa sob a forma de oposição e distinção feminino e masculino. Uma vez quebrado um elo deste processo reprodutivo pode abrir-se a novas formas de

configuração, já que o trabalho tem um papel determinante neste contexto. A transferência efetiva de uma geração para outra da terra, da casa e dos animais concretiza-se no momento da morte do chefe de família (Herédia, 1979).

Um outro aspecto que se tem configurado numa problemática importante a se abordar nestes contextos é a migração. No caso das mulheres, as pesquisas apontam como um fenômeno comum quando há escassez de terras pode-se dá entre outros fatores, pela carga de trabalho em excesso, sem contrapartida, fruto de dinâmicas intrafamiliares, ou mesmo como forma de buscar maior autonomia frente aos pais e irmãos (Abramovay, 1999; Camarano, 1999; Duque, 2002)

Ainda neste contexto outra pesquisa aponta uma maior incidência de saída de jovens. Este processo de migração seletiva tem levado a um processo de masculinização no campo (Stropasolas, 2000). O fenômeno das migrações é visto por alguns autores como uma forma de estratégia que pode ser uma alternativa à pobreza rural, desde que lhes seja propiciada as ferramentas e capacidades para enfrentar a sociedade e a economia, e desenvolver-se, seja no campo ou na cidade e por outro lado também propõe a ampliação das alternativas e oportunidades para viabilizar sua vida no campo (Durston, 2000).

A preocupação com este fenômeno de saída dos jovens tem sido tratada por estudos voltados sobre a América Latina, no que se refere às políticas públicas voltadas para a permanência dos jovens nas suas comunidades, que neste contexto são vistos como atores chaves para as transformações locais (López, 2007; Durston, 2000). No Brasil alguns estudos têm seguido neste caminho, além de buscado compreender o jovem como inseridos numa dinâmica de reprodução social da família. Como Wheisheimer (2005) que chama a atenção para a necessidade de se atentar para a heterogeneidade quando se fala de juventude rural, ou seja, o jovem é produto de uma construção social, histórica, cultural altamente dinâmica. As expressões juvenis, desta maneira emergem de singularidades dos diferentes mecanismos de inserção do jovem na sociedade a qual faz parte.

Neste sentido Carneiro (1998, 2004) aponta para a dificuldade de construção de um conceito de juventude rural, de um tipo ideal de jovem rural. A mesma autora, num estudo comparativo, problematiza a questão da dicotomia rural e urbano, ou seja, o desejo de permanecer no campo não pressupõe mais a profissão de agricultor. A elaboração de novas identidades no meio rural não é mais sustentada pelas atividades

essencialmente agrícolas. Para Carneiro (1998) o ser jovem está pautado numa construção de identidade em diálogo com as imagens de um universo rural e de espaços urbanos.

Uma outra preocupação apontada pelas pesquisas, tanto no Brasil quanto na América Latina, diz respeito aos padrões sucessórios e as relações de gênero no meio rural. E têm apontado uma tendência a beneficiar apenas um dos herdeiros, sendo a preferência pelo filho mais velho e homem. Aos que não acessam a terra se criam mecanismos de compensação que é propiciar estudo a estes jovens homens e mulheres que ficam à margem do processo. Isto faria parte de uma estratégia para não fragmentação das terras e forma de garantir a reprodução da propriedade (Brumer, 2002; Wheisheimer, 2002; Abramovay, 2001; Paulilo 2004; Durston, 2000).

Nestes contextos o trabalho da mulher, ainda é visto como invisível Paulilo (2004), mostra que as mulheres ainda ficam associadas aos trabalhos domésticos. Este trabalho visto como não trabalho, portanto sem produto de valor, é percebido como ajuda mesmo sendo uma dupla jornada incluindo aí os trabalhos na roça. (Brumer, 2002; Wheisheimer, 2002).

As questões apontadas, nestes estudos, têm sido tratadas por autores que se ocupam dos estudos relativos à família e juventude rural em contextos de assentamentos rurais.

Questões como a sucessão, gênero, dinâmica familiar e o acesso à produção são elementos que permitem analisar a juventude nos assentamentos rurais. O estabelecimento de estratégias familiares são mecanismos que permitem notar como se dá a permanência da juventude, à medida que são relativas ao grupo, mas também porque cada família pode construir estratégias diferenciadas. De acordo com sua dinâmica interna específica pode contribuir para permanência do jovem integrante deste núcleo familiar. Esta ideia de estratégia diferenciada pode estar vinculada à participação maior ou menor da família nas atividades do assentamento e atividades organizacionais para fora do assentamento.

Os assentamentos são locais de formação de sociabilidades e de construção de identidade social que em determinado momento toma contornos específicos dado à forma em se acessa a terra.

Muitos jovens que constituem este universo estão ou estiveram inseridos nestes momentos de formação do assentamento. Eles vivenciaram momentos que também se constituem na formação de uma nova forma de experimentar as experiências na propriedade, isto pode ser percebido em alguns estudos, já apontado acima, que demonstram que estas experiências e a luta pela terra são valorizadas nas trajetórias tanto de jovens como de adultos no assentamento. Assim, a construção da categoria jovem e velho se faz de acordo com cada contexto social. As imagens do ser jovem e ser velho estão na relação com as experiências dos indivíduos que vivenciam o contexto ser como veremos a seguir.

2.3 Juventude e assentamentos rurais

Já se tem uma série de trabalhos que procuram entender a dinâmica da juventude nos assentamentos rurais em suas múltiplas dimensões (Castro, 2005, 2008, 2006; Sales 2006; Damasceno; Martins, 2008; Menezes et all., 2008; Sousa et all., 2008; Daros, 2008, entre outros). Os assentamentos na sua construção, mesmo sendo originários em sua maioria de um processo de luta e posteriormente de uma intervenção estatal, com a realocação de famílias na terra, guarda algumas particularidades. Estas diferenciam até os assentamentos entre si, apesar de algumas construções cotidianas serem parecidas. O esforço de pensar o jovem neste processo é instigante porque é uma categoria que ao mesmo tempo em que aparece e é acionada, às vezes se torna invisível no que se refere à participação e inserção. Ela é acionada como necessária à reprodução do lote familiar, mas, ficam a margem na participação. A questão, aí relacionada, nos remete à construção de todo um processo de hierarquização (Castro, 2008) baseada na disputa que envolve a legitimação da autoridade dos mais velhos.

“Mas essa relação de autoridade não se restringe ao âmbito doméstico, se estendendo para contextos coletivos do assentamento. Os jovens entrevistados afirmaram que são tratados com descaso por parte dos adultos em determinados espaços, principalmente nos espaços de decisão política do assentamento, como assembleias e reuniões de associação. Essa “queixa” não é localizada, pois a encontramos nos relatos dos jovens do acampamento pesquisado, e mesmo em relatos em outros contextos, como em eventos nacionais de juventude, e, ainda, na fala de lideranças reconhecidas de movimentos sociais rurais” (Castro, pág. 121, 2008).

A invisibilidade do jovem está submetida à visão de um jovem muitas vezes relapso e que não está preparado para as responsabilidades do contexto social no qual está inserido. Em assentamentos e acampamentos rurais, os jovens carregam uma imagem marcada pelo descompromisso e desinteresse, associada à falta de legitimação. A tendência de saída e atração pelo meio urbano pode ser problematizada como fez Castro (2005) em sua análise, realizada num assentamento e um acampamento na Baixada Fluminense, discutindo a questão, ficar ou sair do meio rural. Para a autora essa questão ou dilema é mais complexo do que muitas vezes é apontado, isto é, como resultado de uma simples atração pelo mundo urbano e do desinteresse pelo trabalho rural. Desta forma um dos condicionantes de ruptura e conseqüente saída, está ligada à posição de dependência e subordinação do jovem à família, desta forma, sair significa romper com as relações de autoridade. Assim, ficar ou sair significa também continuar ou partir da casa dos pais em busca de maior autonomia.

A relação entre adultos e jovens, segundo Castro (2005), é marcada por uma oposição de discurso dos adultos e jovens, onde os primeiros têm os jovens como desinteressados. Já a juventude do assentamento estudado pela autora, percebe uma desqualificação da sua participação nos espaços coletivos de decisão. Esta participação é ainda mais restrita para as mulheres e se apresenta como conflituosa quando se fala em jovem, e no caso das mulheres é quase inexistente. Ainda sua pesquisa demonstra a valorização do lote e da luta pela terra, bem como o desejo de permanência no assentamento. Esta relação entre ficar e sair se constrói e reconstrói no cotidiano destas comunidades.

A participação nos espaços, principalmente o organizacional do assentamento, foi uma das questões encontradas no Vale da Vitória. Conforme relatos, nenhuma pessoa considerada como jovem fez parte da comissão de assentados como veremos no próximo capítulo. Ângelo, um dos jovens casados, afirma que

Ângelo - tudo que o jovem for fazer, alguma coisa, tudo tem que passar pela comissão, tem gente que participa, é difícil eu participar das conversas.

Outras questões ressaltadas pela autora sobre os problemas enfrentados pelos jovens são questões antes de tudo enfrentadas pelos assentados. Por exemplo, as difíceis condições de vida e de produção, sendo que algumas dificuldades atingem de forma mais direta os jovens do assentamento. “A reprodução social dos assentamentos, e em

especial das famílias, sofre com as limitações impostas pela própria política de assentamentos rurais, empreendida atualmente pelo modelo de reforma agrária adotado no país”. A autora também aponta para a necessidade de se repensar a ideia de sair ou ficar como formas definitivas porque a saída pode significar estratégias familiares para manutenção do lote. A pesquisa aponta para uma tendência à “inserção em condições precárias no mundo do trabalho, tanto para filhos de assentados, ex-assentados, morando ou não no assentamento, ou mesmo jovens urbanos, sejam homens ou mulheres, quando buscam outras colocações referentes a trabalho”.

Entender o jovem neste contexto é também ver o assentamento como um espaço não apenas de disputas, mas de formação de sociabilidades. Oliveira (2007), apreendendo o assentamento como um contexto sociocultural distinto, conclui que os jovens se inserem na produção familiar por meio da construção do modo de vida e da forma de trabalho desenvolvida pela própria família. Na família os papéis e o lugar do jovem é definido em espaços de atuação, tanto dos jovens quanto das jovens. Assim de acordo com Menezes (2008) quanto à divisão do trabalho e às relações de gênero no interior dos lotes, as meninas são socializadas desde muito cedo em diversas atividades agrícolas. Embora, o trabalho das filhas seja necessário para “ajudar” os pais na agricultura, elas são poupadas para poderem se dedicar mais ao trabalho doméstico e à escola, porém neste processo acabam sendo afastadas do espaço de decisão e produção nos lotes e no assentamento. Os meninos são integrados desde muito cedo no trabalho agrícola, aprendendo todas as atividades e etapas do ciclo agrícola.

Em muitos assentamentos, os jovens quando se casam, tendem a se tornar agregados, na propriedade da família, junto aos pais, ou seja, se tornam sem-terra (Sales, 2006). Uma tendência que se fez presente na pesquisa foi a saída de jovens do assentamento que se casaram para ocupações do MST ou na compra de direitos de uso na ocasião da desistência de famílias em assentamentos vizinhos ou mesmo de outras regiões do país. Isso se mostrou comum e sugere uma estratégia familiar para realocação dos filhos que não serão comportados no lote. Outra tendência é que os jovens casados continuem como agregados dos pais e em muitos casos a propriedade familiar é fragmentada, porém aciona-se uma outra estratégia que é de se manter plantações coletivas ou em alguns casos a utilização de máquinas, compra de insumos, e aquisição de financiamento de forma coletiva como será tratado no quarto capítulo.

Em minha segunda visita e contato com o assentamento Vale da Vitória, no início da pesquisa, pude perceber que a inserção dos jovens no trabalho da família tem

sido importante para a sua permanência. Alguns dos primeiros entrevistados que já possuem suas lavouras sem vínculo com a família me disseram ser importante porque lhes dão certa autonomia para produzirem e poder fazer uso do produto de suas colheitas como bem lhes convier. A primeira impressão é que o acesso dos jovens à produção no interior da família constitui elemento de uma forma de trabalho que pode ser um diferencial à medida que deixa a impressão que este acesso por parte dos jovens à produção autônoma é mais flexível.

O estabelecimento de estratégias familiares são mecanismos que permitem notar como se dá a permanência da juventude, à medida que são relativas à vivência das famílias. Também, porque cada família pode construir estratégias diferenciadas de acordo com sua dinâmica interna específica que podem contribuir para permanência do jovem integrante deste núcleo. Esta ideia de estratégia diferenciada neste assentamento pode estar vinculada à participação maior ou menor da família nas atividades do assentamento e atividades organizacionais para fora do assentamento.

Os jovens assentados, segundo alguns estudos, tendem a buscar formas de lazer cotidiano, e sofre influência do estilo de vida urbano (Salles, 2006) o que mostra um rompimento destas fronteiras entre o ser rural e urbano, ainda que estas tragam no seu bojo algum tipo de hierarquização e classificação (Castro, 2005). As formas de sociabilidade se fazem através de todo um processo de criação destes espaços. Assim atividades esportivas e culturais são aquelas onde jovens têm maiores possibilidades de integração social, de curtir, de se divertir nesse momento de encontro com os amigos (Sales, 2006). No assentamento Vale da Vitória constatei que o campo de futebol é um espaço de circulação predominantemente masculino, mas que gera toda uma gama de relações no seu entorno durante o jogo, como por exemplo, “paqueras” entre jovens.

Os jovens do meio rural participam de diferentes grupos e organizações sociais juvenis, seja de grupos religiosos, grupos de jovens, associações, grupos culturais; essa gama de atividades: culturais, sociais e políticas representam uma nova dinâmica de relações sociais e a socialização e ocorre nos diferentes espaços em vivem os jovens. Para Sales,

“A organização dos jovens nos assentamentos tem se efetivado principalmente através da formação de grupos de jovens. Os referidos grupos têm como função congregar os jovens para diversas atividades e, entre elas, pode-se destacar: lazer, discussão sobre a realidade do campo, organização e participação dos jovens em eventos políticos e culturais”. (Sales, pág.8, 2006).

Como apontado anteriormente existe o desejo de permanência do jovem na terra. Sua saída demonstra e abre um leque de outras temáticas que tem influência neste processo. É necessário ir além do fato da saída estar vinculada a atratividade da cidade em relação ao meio rural. Visão que me parece ser naturalizada atualmente.

As múltiplas visões construídas dos jovens demonstram a complexidade quando se pretende analisar a juventude rural. Uma das tarefas a ser fazer é tratar o jovem como categoria não naturalizada e inserida num contexto e sendo influenciado pela dinâmica daquele grupo nas suas particularidades, como já demonstrado num esforço que foi empreendido por Castro (2005) onde a juventude designaria um conjunto de relações sociais vividas por aqueles que são considerados jovens naquele determinado momento. O jovem, enquanto categoria, se constrói na vivência e dinâmicas da sociedade a qual pertence e na forma como é percebido por esta sociedade.

CAP. III- A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO VALE DA VITÓRIA: *GRUPO, GRUPOS E O GRUPÃO.*

Para entender a dinâmica da colocação dos jovens no assentamento Vale da Vitória é necessário compreendê-lo em torno dos espaços de participação que se constituem para além da família. Estes lugares de sociabilidade e trânsito em que circulam as pessoas, que compõe o todo do assentamento, me parece dividir-se em grupos, e a participação é diferenciada em cada espaço. Através das entrevistas feitas no assentamento, identifiquei três recortes de integrantes do assentamento: um formado pelos fundadores do assentamento¹⁷, ou núcleo fundador, outro pelos jovens casados¹⁸ e um terceiro integrado pelos jovens solteiros¹⁹, as quais considero como gerações (Mannheim, 1982)²⁰ distintas. Desta forma a fronteira que pode delimitar o limite de experiências sociais e culturais de cada geração do Vale da Vitória, além de outros, é o casamento que parece se constituir num ponto de ruptura importante para diferenciação das gerações tratadas na pesquisa.

¹⁷ Adotei este termo como categoria e refere-se às pessoas que fundaram o assentamento e aquelas que entraram posteriormente. Por vezes, vou me referir à categoria *titulares de lotes*, que considero uma *categoria nativa*, por ter sido acionado em alguns momentos nas entrevistas.

¹⁸ Os jovens casados são aqueles jovens que já se casaram e permanecem no assentamento, ou em seus próprios lotes, adquiridos através de compra de pessoas desistentes que saíram do assentamento, ou mesmo residindo no lote familiar.

¹⁹ Os jovens solteiros são aqueles que ainda não se casaram e que ainda residem no assentamento junto à família.

²⁰ A perspectiva de geração utilizada é a de Mannheim (1982). Segundo ele as gerações não podem ser tomadas como um grupo concreto. Uma das características que faz com que o grupo se reconheça enquanto tal é o fato de ter consciência de que pertencem a uma geração. Para tomar um recorte geracional parte-se do princípio de que as pessoas se reconheçam enquanto partilham uma situação comum de um mesmo momento histórico. A questão das gerações está ligada a uma similaridade de situação. Este aspecto leva a compreensão de que uma geração está inserida num determinado momento histórico e social. Neste processo a interação social dá moldes que caracterizam o compartilhamento de uma situação que está inserida num contexto. A problemática das gerações está na compreensão desta como uma situação social. Uma geração, assim, pode ser definida por uma identidade de situação que abrange grupos que estão englobados em determinadas faixas etárias que fazem parte de um contexto histórico e social, estas identidades podem ser traduzidas através dos modos de comportamento, sentimento e pensamento, como aponta. O conflito aí pode ser notado quando certos padrões de experiências e de pensamento se tornam aparentes numa transição geracional. Neste momento também se pode perceber a existência de determinada geração quando estes pensamentos e experiências se tornam diferentes ou podem mudar mais ou menos neste processo de transição que é dinâmico, um processo contínuo de mudança.

Estes três recortes, núcleo fundador, jovens casados e jovens solteiros, além dos idosos, crianças e adolescentes, formam o *grupo*²¹ do assentamento que interagem no dia a dia. O *grupo* é composto pelos *grupos* e pelo *grupão*²². A percepção do ser jovem está na visão em que cada *grupo* tem do que seriam os atributos da juventude ou o que é ser jovem. No assentamento Vale da Vitória, ser jovem, também tem vinculação com a participação possível e engajamento do jovem nas atividades do *grupão* e dos *grupos*. Considero os dois como categorias nativas e são utilizados para delinear espaços em que se dão a interação e participação das pessoas que compõem o Vale da Vitória. O primeiro termo adotarei em determinados momentos referindo-me a todo o conjunto dos *titulares dos lotes*. Ele é acionado, na maioria das vezes, quando se refere a uma reunião ou assembleia das famílias do assentamento. O segundo, também nativo, refere-se aos *grupos* que surgiram no assentamento, como o que compõem os que compõem a igreja católica e a associação agroecológica.

Os espaços criados no assentamento e que representam o local em que as pessoas se encontram coletivamente, são a igreja e as reuniões, ou assembleias, que são vistas como lugares “formais”, porque representam os locais onde as decisões são tomadas. As reuniões são vistas como um local de ponto de encontro, elas são responsáveis por criar regras específicas para as disputas e conflitos, ela fortalece o caráter de unidade social do assentamento e o universo sob a qual ele está envolvido (Comerford, 2008) e servem ainda como local de legitimação de algumas lideranças. Na oportunidade pude perceber que parte das lideranças que compõem a comissão do assentamento é antiga, desde o acampamento até hoje muitos persistem nesta tarefa, fato que não agrada a todos do assentamento. Este descontentamento foi expresso em algumas conversas informais nas quais eles foram lembrados como pessoas que querem “controlar” o assentamento.

O espaço destinado às resoluções de problemas ou mesmo para tomada de decisões, não é espaço privilegiado dos jovens, o que mostra uma visão do jovem como um indivíduo que não está preparado para assumir a responsabilidade de decidir e pensar em relação ao *grupão*. Ainda não tem reconhecimento e legitimidade para ocupar este espaço e mesmo depois de casado, a propriedade da terra é que vai definir o

21

22 O interessante desta categoria é que possivelmente ela tenha raízes no processo de organização e de luta pela terra porque ao ser lembrado, sempre está em relação a um espaço privilegiado de tomada de decisões.

poder de decisão junto ao grupão e a possibilidade de concorrer a uma vaga numa das comissões do *grupão*. A relação aí pode residir mais na questão ser proprietário ou não de um lote do que ser enquadrado no corte daqueles que são considerados jovens casados e sem lote e os jovens solteiros. O fato dos jovens se casarem lhes confere certa legitimidade perante o *grupo*, já que rompe com o estigma da falta de responsabilidade.

O fato de se casar e formar uma nova unidade familiar pressupõe que eles tenham que assumir outras responsabilidades não só perante a nova família formada, mas também, em função dos *grupos* aos quais ele vai se encaixar nesta nova fase. Um exemplo disso é a comunidade (igreja católica) onde a participação dos jovens não segue aspectos tão complexos quando pensamos na estrutura do grupo em si. O espaço comunitário até pela questão religiosa é aberto a uma maior participação, apesar de se ter algumas pessoas da comissão do assentamento que também compõe o corpo de lideranças na igreja.

Por serem espaços de sociabilidade (Simmel, 1983), de encontro e de decisões diferentes, comunidade e “*grupão*” possuem dinâmicas próprias. O “*grupão*” envolve questões como a saída de uma família e escolha de outra que entrará, por exemplo. No “*grupão*” algumas pontos podem aparecer como pontos controversos, que remetem à intervenção do “*grupão*” em questões familiares mostrando que as pessoas se identificam enquanto grupo, quando acontece algum desentendimento de determinada envergadura. Vê-se uma separação ou “*racha*” (termo utilizado a identificar este processo), mas dificilmente vemos uma família isolada, mesmo quando há uma cisão forma-se um outro *grupo* paralelo dentro do “*grupão*”, que começa a seguir e a funcionar autonomamente. Este processo pode ser permanente ou temporário como uma estratégia. Por exemplo, quando se tem a necessidade de escolher uma família em função de outra que saiu é dada preferência aos jovens casados que residem no assentamento e que tenham condições financeiras naquele momento de adquirir o lote posto à venda. Uma vez que passe a ser *titular de um lote* no assentamento, o jovem casado passa a compor o *grupão* e passa a ter direito a participação nas decisões mais complexas que podem atingir todo corpo de integrantes do *grupo*. Após se tornar um *titular de lote* através da compra, o jovem casado além das decisões, tem um leque de oportunidades como uma maior facilidade de conseguir acessar projetos. É muito comum jovens, tanto solteiros quanto casados, que residem no mesmo lote que a família adquirirem projetos em nome de seus pais.

Tanto *grupão* quanto os *grupos* são espaços de participação das diferentes gerações do assentamento. Neles elas se percebem e são percebidas. A construção da categoria jovem no assentamento, assim está na sua vivência nestes espaços de participação. A percepção do que é ser jovem e do papel deles e delas estão numa relação com a imagem que lhes são atribuídas e construídas a partir do papel que cada um assume no interior destes espaços.

Os jovens que se casam alcançam determinado status em relação ao *grupo* do assentamento Vale da Vitória, mas deixam de circular nos espaços criados para interação dos jovens solteiros. Esta mudança de condição não confere aos jovens casados poder de fala junto ao *grupão* nas decisões gerais e mais complexas e que são vistas como problemas a serem resolvidos por parte do conjunto do assentamento quando se reúnem em assembleia. Estas decisões cabem aos *titulares de lotes*. Para que o jovem casado consiga poder de decisão e de voto, terá que essencialmente ter acessado um lote. Não dá para definir, mesmo porque, no assentamento não presenciei um caso destes, se em caso de falecimento e em que haja dois filhos ou filhas que fiquem como será esta inserção nas instâncias de decisão. Isso pode, quando acontecer, pode levar a novos arranjos na configuração participativa do Vale da Vitória. A questão se mostra ainda mais interessante, já que nos espaços das assembleias do *grupão* tendem-se, até por algumas disputas que se colocam neste ambiente, levarem em consideração o voto apenas dos titulares homens ou mulheres, se no futuro surgirem várias famílias, formadas pelos jovens que estão se casando, e uma nova paisagem em que o número de famílias aumentará substancialmente, como serão tomadas as decisões do *grupão*. Abre-se uma nova possibilidade, e estratégias de participação que agregarão esta geração de filhos que estão permanecendo que como percebi existem famílias em que a quantidade de filhos e filhas vivendo no lote, já se coloca como significativa.

3.1 A relação entre as gerações nos espaços de participação do assentamento Vale da Vitória.

A relação entre as gerações do assentamento está envolta em uma série de visões construídas de uma geração em relação à outra nos diferentes espaços de

participação e circulação, como nos *grupos* da igreja e na associação. Nestes espaços se dão algumas formas de classificar o jovem: como jovem interessado, juventude desinteressada, “bons jovens” entre outras. Isso pode ser notado através de uma das queixas com relação aos considerados jovens solteiros, cuja visão construída, é de desvinculamento das atividades gerais do “*grupão*” e que a maioria não tem interesse em participar das atividades do assentamento e também de ações coletivas do MST quando solicitados. A noção de jovem solteiro está relacionada à falta de vontade e de interesse para as atividades gerais do assentamento.

3.1.1 A oposição entre as gerações: adultos x solteiros, jovens casados x jovens solteiros, comissão velha x juventude e idosos x jovens.

Um dos espaços onde os jovens solteiros possuem uma organização própria, ligada à *comunidade*²³ (igreja), é o *grupo* de jovens. Eles possuem atribuições ligadas à vivência da *comunidade*, ou seja, ajudam nos trabalhos relativos à igreja católica. Esta participação nas atividades lhes dá credibilidade perante a *comunidade*²⁴, devido à importância que as atividades na igreja representam para o *grupo*. A igreja é também um local de sociabilidade em que os jovens têm a oportunidade de se encontrarem e interagir em finais de semana após a missa que acontece aos domingos. Mas isso não é suficiente para retirar dos jovens a visão de falta de compromisso e de responsabilidade que é atribuída aos jovens solteiros transparece uma contradição. Ao mesmo tempo em que não lhe é dado condições de participar efetivamente lhe é cobrado o contrário. A queixa é de que eles se fecham nas suas atividades, vistas como próprias dos jovens e esquecem de contribuir mais nas atividades, principalmente da igreja. Valter, um dos fundadores do assentamento vê os jovens como importantes para o assentamento e classifica-os de acordo com o nível de comprometimento.

²³ Termo nativo relativo à igreja católica existente no assentamento desde que foi fundado. Quando se referem à participação na comunidade significa a vivência na igreja católica local.

²⁴ A *comunidade* (igreja católica) é um importante espaço de sociabilidade, ponto de encontro e também de passar informações do cotidiano do *grupão* em relação ao dia a dia do assentamento. Até pela importância que tem a religião para as pessoas que compõem o *grupão*, ser liderança da comunidade proporciona legitimidade junto aos demais. Uma das queixas relativas à comunidade, foi a conversão de algumas pessoas do assentamento para religiões evangélicas, para além do assentamento. Existe ainda certo receio de que se instale uma igreja protestante dentro do assentamento.

E - Esta questão me chamou atenção. Mas porque eles se fecham?

Valter - Existe dois grupos de jovens. São as mesmas pessoas com duas intenções. Existem uns jovens que não se tornam grupo, mas são uns jovens que fazem parte da ajuda na hora da organização e da mobilização, essas coisas mais do MST. Existem alguns... E têm outros jovens que fazem um trabalho mais ligado à comunidade, mais voltado pra questão da igreja que também não é um grupo grande que são uns bons jovens e tem aqueles que, acho, acompanham depende do que vai fazer, se for uma coisa que agrada os jovens eles vão num grupo bom, mas se for uma coisa assim mais de organização, é uma minoria.

Este espaço de participação da *comunidade* é aberto à inserção dos jovens que resolvem desenvolver alguma forma de liderança junto à igreja. Assim mesmo não tendo uma participação muito efetiva na vida organizacional do assentamento e para fora dele, o que se percebe pelo termo “bons jovens” é uma valorização do “interesse” por parte da juventude que frequenta regularmente a igreja (*comunidade*). De uma forma mais ampla ainda é atribuído à maioria dos jovens falta de interesse em participar não só da *comunidade*, mas também das reuniões e assembleias do *grupão* que ainda acontecem com certa frequência. A falta de participação dos jovens na igreja e nos demais *grupos* e no *grupão* está relacionada de alguma forma à dificuldade em que os jovens têm de serem ouvidos e terem poder de decisão. A diferença entre os anseios e a necessidade de uma maior autonomia da juventude aparece como algo causador de conflitos. Esta suposta falta de interesse está na atribuição em relação aos jovens de um individualismo crescente que os afasta das atividades coletivas do assentamento. Isto aparece como uma característica negativa em relação à juventude por parte das outras gerações e que os diferenciaria de um lado, aqueles que tem maior interesse nas atividades do assentamento de outro, os jovens que não dariam muita importância aos acontecimentos do dia a dia do Vale da Vitória.

E- Houve conflito de ideia entre a turma mais nova e a mais velha?

Valter- Sim, porque querendo ou não, nossos filhos são mais individualistas que nós, porque o jovem principalmente é aquele que quer ter suas coisas de jovem, por exemplo todo jovem quer ter uma moto, quer ter suas coisas, mas assim na ordem. E se partir para um trabalho coletivo ele vai ter que ceder mais, vai ter que dedicar mais tempo, inclusive quando a gente tinha o trabalho mais coletivo a gente participava mais das decisões. A gente ia às manifestações, participava das decisões políticas, hoje é mais complicado. As pessoas podem até participar mais de forma indireta.

Neste jogo de representações os demais componentes do *grupo* tendem a valorizar os jovens solteiros pela participação em atividades de organização, junto ao movimento social. Como mostra Valter participar em ações coletivas implementadas pelo MST, atribui reconhecimento perante o *grupo*. Uma das formas de quebrar a imagem de individualismo e de falta de compromisso é ser militante. Uma vez que se está atuando em alguma atividade política como militância, isso confere certo status perante aos integrantes do assentamento.

Este envolvimento mais efetivo pode conferir voz na hora de opinar nas reuniões e assembleias, mesmo que não determinem o resultado do que é proposto. Os jovens que participam nas atividades do MST são como uma extensão do movimento no assentamento. É como se fossem as vozes dos assentados junto ao movimento social. Este fato se deve à crença e no que representa ainda hoje o MST, para aquelas pessoas. Uma vez que ainda é importante este envolvimento os jovens que ascendem a cargos junto ao movimento são vistos de forma diferente, no que se refere à responsabilidade e compromisso.

Segundo Aline, coordenadora do grupo de jovens da igreja, apesar de alguns jovens que não terem interesse de ir às assembleias, não é dado voz aos jovens neste espaço.

E- você já participou de alguma assembleia do grupo?

Aline- Sim, já faz tempo.

E- Mas os que você conhece, eles participam?

Aline- eu creio que sejam poucos, na verdade a assembleia assim quase não tem, assembleia mesmo é difícil ter, da gente juntar, as coisas estão acabando com o passar do tempo. Eu lembro que logo que eu cheguei aqui eu tinha seis anos, mas eu consigo recordar diretamente. Diariamente as pessoas se reuniam na igreja pra conversar sobre os problemas da comunidade, do assentamento. Hoje até a... Eu me esqueci... É um grupo de pessoas, na verdade só tem homens que assim quando tem algum problema eles sentam pra discutir e resolver...

E- Existe alguma resistência por parte dos adultos para que o jovem participe?

Aline- Eu acho que cada grupo tem seu lugar nas organizações. Mas eu não posso dizer uma coisa da minha imaginação, eu tenho que dizer algo que está acontecendo, quase não tem esse negócio tal dos jovens estarem sempre ali, eu quase não vejo isso.

A fala da coordenadora reforça o pouco espaço de participação dos jovens, tanto entre as lideranças do assentamento, todos homens e *titulares de lote*, bem como na assembleia a presença da juventude é bastante restrita. Apesar de a fala de Jorge, um dos *titulares de lote* que pertence à comissão dos assentamentos, que afirma que não há restrição quanto à participação dos jovens, tentar mostrar o contrário.

Além da relação jovens e adultos a percepção de uma categoria em relação à outra no universo do assentamento se dá na oposição jovens casados e jovens solteiros. De uma condição a outra o papel que cada um ocupa no assentamento muda e a própria percepção em relação a si próprio, e aos papéis que tem a desempenhar nos espaços do *grupo*.

A oposição entre jovens casados e jovens solteiros se materializa na participação no *grupo* de jovens da igreja. Os jovens solteiros do assentamento têm uma ação mais efetiva, mas voltado para eles, o *grupo* de jovens, como pude perceber, configura-se num espaço de sociabilidade, um local de encontro entre eles e de reafirmação de sua condição de solteiros. A relação casado e solteiro demonstra uma relação complexa que aponta em várias direções no que se refere à construção da categoria jovem no assentamento e no lugar destes jovens no *grupão*. Márcio, um dos jovens casados e hoje um titular de lote, observa que existe um afastamento do *grupo* de jovens após o jovem se casar e mesmo sendo mais novos em termos de idade os novos casados passam a frequentar o espaço participativo na *comunidade* reconhecido como próprio dos considerados adultos que é o encontro de casais. Em algumas entrevistas notei que mesmo os jovens casados que tem menos idade em alguns momentos se reconhecem como adultos em relação aos solteiros. Isso dado à sua condição de casado que seria representar um rompimento com a condição de solteiro lembrado como momento de imaturidade e falta de compromisso.

E - Você participa mais do grupo de jovens?

Márcio - eu participo do grupo da nossa idade, agora do grupo de jovens mesmo tem muito tempo que eu não participo mais.

Élson - antes de eu me casar eu participava do grupo de jovens.

Márcio - a gente se considera jovem, agora eles lá porque não são casados, acham que só eles são jovens, aí não joga os casados no meio, qualquer discussão eles querem discutir sozinhos. “Não casado tá fora”. Eu acho que eles pensam assim.

E - Então quando os jovens se casam eles são excluídos deste grupo de solteiros?

Márcio - Não é que nós queremos ser excluídos, eles que nos excluem do grupo.

Esta passagem de condição e de papéis fica explícito na resposta de Élson, irmão de Márcio, que se casou e que reside no lote com sua mãe, que participava num primeiro momento, mas já frequenta aquele espaço.

O casamento pode significar o rompimento com a participação no *grupo* de jovens que frequentam a igreja. Na fala acima, dos dois irmãos que fazem parte do núcleo de jovens casados, demonstram que após se casarem existe um afastamento natural das atividades de jovens solteiros, isso independe da idade em que se dá o casamento. A queixa é de que os jovens solteiros não abrem espaço para os jovens casados para participação em suas atividades. Neste espaço há além das discussões religiosas, também algumas ações de cunho de entretenimento.

O casamento pode ser visto como uma passagem que representa assumir outras responsabilidades, de homem ou mulher casada, e que não condiz com a fase identificada como “fase jovem”, que de uma forma geral ainda é vista como um período de pouca maturidade e capacidade de assumir outras responsabilidades de um “adulto”. Dulce, uma jovem casada, acha que,

(Dulce)... Muitos valores se perderam porque no caso eu, agora eu já sou adulta porque casei, já não estou mais na era dos jovens. Claro que sou jovem, mas não participo do grupo de jovem mais, porque eu já participo do grupo de casais e muitos valores se perderam porque os jovens da minha idade muitos se casaram. Os mais novinhos que vieram, os pais não passaram isso pra eles. Então perderam os valores por isso que as pessoas desanimaram não sabe o porquê.

O casamento representa uma transição entre o ser jovem e o ser adulto. A maioria é obtida com o casamento. Apesar de se assumir jovem a intenção é de ter mais reconhecimento junto ao *grupo*. Quando casam, os filhos passam a constituir uma

unidade de produção e de residência separada. Mas, dado à impossibilidade de naquele momento obter outra área de terra alguns se estabelecem no lote da família e passam a trabalhar num fragmento separado da produção familiar.

Esta visão reforça a opção dos jovens se auto organizarem em *grupos* paralelos a fim de discutir as questões referentes à sua condição de jovem e buscar formas de criarem laços de solidariedade maiores entre eles, bem como propiciarem momentos de diversão e sociabilidade. A visão construída do lugar do jovem e o que representa ser jovem e adulto, ou seja, o pós-casamento, de alguma forma está no imaginário dos jovens solteiros que ao mesmo tempo em que deixam de fora os jovens casados dos seus momentos de reunião, passam a se considerar adultos quando se casam. Depois do pós-casamento conseqüentemente passam a frequentar os espaços vistos como próprios dos casados como o encontro de casais da comunidade. Mas como já vimos isso não lhe garante participação efetiva ao que me parece ser a instância maior do assentamento que é a assembleia do *grupão*.

Quando observamos a delimitação de condições e os papéis que isto lhes confere, percebe-se que os jovens casados perdem mais um espaço de participação e sociabilidade. Isto porque, mesmo casado, só conseguirão participação efetiva no *grupão* quando e se algum dia se tornar um *titular de lote*. Por outro lado, uma vez que passa de uma condição a outra deixa de frequentar de forma efetiva o encontro de jovens da igreja e as atividades que estes jovens desenvolvem para si.

Um outro aspecto está na relação entre a participação na instância que trata das questões do assentamento antes de levar até à assembleia para tomada de decisões. Neste espaço das comissões, que é um termo bastante antigo e usado desde a fundação do assentamento, não existem jovens participando. É um espaço privilegiado de pessoas que são titulares de lotes e que são escolhidos em assembleia do *grupão*.

No espaço organizacional não possui um jovem que esteja participando nas comissões do assentamento, apesar de algumas pessoas terem negado que existe uma exclusão do jovem deste espaço.

E– Existe uma comissão de jovens específica aqui no assentamento?

Márcio- não. Existe um grupo de jovens que faz parte da igreja, tem um coordenador que coordena a turma lá.

O fato de não existir uma comissão específica de jovens que trate das questões da juventude, em si já mostra a que este *grupo* não é tão maleável quanto à participação dos jovens tanto os casados quanto os ainda solteiros.

Na verdade as lideranças são direcionadas para as pessoas que são titulares dos lotes, ou seja, tanto nas reuniões como nas comissões isso tem um peso diferencial. As decisões são tomadas em função das famílias que estão cadastradas e respondem junto aos órgãos governamentais que ainda interferem de alguma forma no assentamento.

E- Você disse que existe uma comissão desde a fundação do assentamento. Existe algum jovem que participa desta comissão?

Jorge- por incrível que pareça ainda não tem. Nem uma mulher não tem. Porque você chama para participar e eles não querem assumir tarefa dentro do assentamento. A gente tem que fazer uma discussão, uma retomada para que as mulheres participem e a juventude, falta arrumar uma forma de motivar os jovens a participar, assumir os trabalhos dentro do assentamento.

Os jovens em questão veem como importantes estes espaços e que é necessário ter um jovem participando da comissão do Vale da Vitória. Valter, hoje ainda na comissão deste assentamento, acha que os líderes do *grupão* formam uma “comissão velha”, e que tomam decisões porque tem mais conhecimento político das coisas e isso é muito importante nas decisões. Ele ainda atribui a influência nas decisões a pessoas que tem maior conhecimento técnico, possivelmente se referindo aos mediadores de fora ou do próprio movimento social que ainda tem forte influência, não só no Vale da Vitória, mas também nos assentamentos do entorno.

Mesmo depois de casado, o jovem não é considerado apto a participar das decisões mais complexas do *grupão*, estas decisões cabem aos *titulares do lote*, ou seja, aos cadastrados como responsáveis pela propriedade familiar. Esta condição está numa relação direta do que representam as reuniões e suas decisões, já que nas oposições e conflitos que antecedem e que acontecem no momento da assembleia o voto de pessoas não cadastradas, como neste caso os jovens, tanto casados quanto solteiros, podem determinar os rumos de uma votação. Isto pode ir contra os interesses de determinadas lideranças, do movimento social que naquele momento pode ter interesse específico, de possíveis mediadores que tenha algum tipo de influência no assentamento ou mesmo de uma parte contrária ao que possa estar em jogo naquele momento. Outro aspecto é o

reconhecimento das decisões da assembleia por parte do órgão responsável pelo projeto de assentamento em questão. Este órgão (Secretaria de Agricultura do Estado) de alguma forma referenda a decisão legitimando a decisão da maioria dos que votam na assembleia. Decisão esta que vai ser posta em prática no interior do assentamento e diz respeito às múltiplas contradições e disputas próprias do dia a dia do assentamento. Vale lembrar que muitas vezes este processo pode levar a ruptura no *grupo*.

Neste contexto de oposições na pesquisa um outro tema veio à tona que foi uma relação idoso e juventude. No Vale da Vitória foi narrada a existência de algumas famílias em que apenas os *titulares do lote* já em idade avançada residem no lote. O fato da titulação da terra não ter saído ²⁵e o assentamento ainda estar vinculado ao Estado abre brecha para propostas de discussão, com tentativa de substituição destas famílias. Isso pode ser visto, para além da ideia de que o lote deve ser produtivo. Este fato pode se constituir numa estratégia de alocação dos filhos, que já estão casados, nestas possíveis vagas. Ou seja, o jovem casado que acessar esta vaga passa ao status de um *titular de lote*, passa a ser proprietário de uma fração de terra naquele assentamento. Para Valter esta é uma questão que o grupão deve intervir.

Valter- Uma outra questão que eu acho também, que no início atrapalhou muito e que está refletindo hoje, principalmente aqui no assentamento, é a questão das pessoas idosas. Teve uma época que saiu muitos jovens para ir para outros assentamentos, outras ocupações e às vezes ficavam só os velhos. Como estas pessoas ficaram idosas eles não têm mais força física pra trabalhar e a terra acaba ficando improdutiva. Inclusive aqui no nosso assentamento tem uns seis meses que morreu um senhor que já tinha morrido a mulher, e ele morreu há pouco tempo, só ficou uma filha que nem morava mais aqui. O que teve que fazer foi passar o direito pra outro porque não tinha mais ninguém da família pra trabalhar na terra, pra dar continuidade e tem mais pessoas aqui dentro que nós vamos ter problema. Tem umas três ou quatro famílias aqui que já são idosas que eles não têm filho pra trabalhar então, ou a terra está sem trabalho, está improdutiva ou vai ter que passar pra outras pessoas. Outros porque tem sua natureza dura não abre mão nem pra genro, nem pra filho e aí continua terra parada. Aqui nós temos uns quatro lotes deste jeito. Teve uma proposta do Incra passar aqui pra ver o que a gente vai fazer com estas famílias.

O fato de se ter pessoas idosas “sem condições de trabalho” abre precedentes para o argumento que diz respeito a manter a terra produzindo. Este dilema “o que fazer

²⁵ Apesar de ser um assentamento com mais de vinte anos de fundação a titulação definitiva ainda não foi dada aos assentados.

com os idosos” demonstra uma outra questão aberta no assentamento. Entendo que este processo está numa relação direta com o *grupo* quando se trata de manter a terra produzindo, no caso do assentamento estudado. Devido ao aspecto coletivista que ainda predomina no imaginário das famílias, mesmo que não no aspecto produtivo, mostra que a transmissão também está numa relação com o *grupão*. A saída de uma família pode resolver o problema de outra neste aspecto de transmissão, já que pode beneficiar um jovem casado que esteja em condições de adquirir aquele lote. Entendendo o casamento como uma superação da fase anterior de solteiro. A possível saída de um idoso e abertura de uma vaga pode ser fator de negociações e “armações” que acelerem o processo, uma vez que o *órgão* governamental na maioria das vezes tende a referendar a decisão da assembleia do *grupão*. As conversas anteriormente à assembleia visam obter maioria na votação final dos *titulares do lote*.

O que se conclui é que categoria jovem se constrói não somente em relação do ser solteiro ou casado ou na oposição jovem e velho, mas está numa relação com o nível de participação dos indivíduos nos *grupos* e no *grupão* do assentamento que parece ser composto por estes dois momentos de participação; a igreja e as reuniões e assembleias que acontecem no assentamento e que são espaços decisórios. Assim o fato de ser jovem e casado não garante uma participação efetiva, esta condição é para quem é conhecido como *titular do lote*, o que complexifica mais a questão porque remete ao fato do assentamento ser fruto de uma política pública, mesmo que tenha sido originado de uma ocupação. Assim para ter voz ativa nas decisões do *grupo* requer que o indivíduo seja cadastrado como titular da terra que ocupa junto aos órgãos governamental e, conseqüentemente obtenha respaldo nas decisões. Isso prova que a condição de *titular do lote* determina o nível de inserção do indivíduo no *grupão* independente de ser solteiro ou casado, apesar de ter ficado claro que a preferência é pelos jovens casados. A percepção do ser jovem está numa relação com as oposições criadas no interior do *grupo*, o lugar, status e a participação dos jovens no Vale da Vitória. Isso se processa de acordo com a relação estabelecida entre as gerações prevalecentes nos assentamentos e nos espaços em que estes se encontram e interagem no cotidiano como a igreja, *grupo* de jovens e o encontro de casais da igreja, bem como na associação de agroecologia.

3.2 *Grupos da Igreja: Encontros de casais e de jovens.*

No Vale da Vitória o ser jovem está numa relação às atividades da igreja, já que existe um grupo específico para que os que são identificados e se auto identificam como jovens solteiros participem. Estes espaços são bem delimitados, principalmente no espaço da igreja. Desta forma cada um deve participar do espaço que sua condição demarca, ou seja, os espaços das crianças, e dos casais, e dos jovens solteiros.

Na igreja a participação é mais efetiva e mais flexível por parte da juventude nas celebrações e na organização de eventos destinados à comunidade, bem como entre os líderes da comunidade. Entre os líderes da igreja existem jovens casados e solteiros à frente dos trabalhos e das celebrações que acontecem aos domingos.

Dois espaços de participação e de sociabilidade me parecem ser os mais flexíveis à participação dos jovens tanto casados como solteiros. Estes são os formados no interior da igreja católica que está localizada no assentamento. O primeiro são os encontros de casais que tem cunho religioso e que agrega os casais que participam da igreja, independente de serem do núcleo fundador ou aqueles jovens casados. Este espaço coletivo diz respeito a temas relacionados à igreja. Uma vez que é espaço de encontros e conversas relacionadas ao assentamento podem acontecer no seu interior, criando questões, e articulações que podem até chegar ao *grupão*. A participação dos jovens casados se restringe ao espaço visto como próprio das pessoas que já se casaram. Esta divisão não é tão visível quando se tem alguma atividade que seja necessária ao envolvimento de mais pessoas da comunidade como em algum tipo de evento.

E- Vocês dois são casados, existe alguma organização de jovens casados, ou ao casar vocês se inserem no grupo de chefes de família?

Élson- mais no círculo familiar, reunião de casados e tem encontro de casais.

Élson- de vez em quando tem uma festinha, quando eles vão organizar uma festa de um dia comemorativo. Eles arrumam um jeito e chama atenção da galera, aí na festa envolve todo mundo, tanto a jovens, quanto às crianças e quanto casados.

O segundo é o *grupo* de jovens, que é composto na sua íntegra por jovens solteiros. Neste espaço os jovens discutem questões diversas. As questões tratadas envolvem assuntos relacionados à comunidade e ao dia a dia da juventude solteira ali

fixada. O *grupo* de jovem da igreja se mostra como um lugar próprio para a construção de alternativas de lazer para os jovens, com a criação de eventos e viagens para entretenimento dos jovens. Enquanto forma de organização se constitui num espaço importante em que os jovens podem discutir questões diversas que naquele momento possa lhes interessar.

E- O que vocês tem discutido no grupo de jovem na igreja?

Júlia- Nós organizamos o encontro de jovem, como eu falei não tem uma pessoa pra assim chegar no encontro dizer o que está acontecendo dentro da comunidade, na organização. Nós trabalhamos assim. Pegamos um tema que seja como eu te falei comportamentos, convivências... Até tivemos um encontro passado, vou dá um exemplo, nós falamos, o tema foi “a dificuldade de agradar uma pessoa”, aí dentro do tema nós trabalhamos, com mensagens, com dinâmicas, com uma leitura, a gente reflete a leitura tal...

E- Tratam mais questões da juventude?

Júlia- A gente quase não sai fora, é só ali sobre a juventude mesmo.

As discussões entre os jovens solteiros no *grupo* de jovens²⁶ é bem variada, mas, como pude perceber, é um espaço que serve de local para a criação de espaços de lazer, com organização de viagens, churrascos. Como ponto de encontro e construção de identidade e sociabilidade.

Madalena- Eu participo. Enquanto está participando é legal. Fazemos de quinze em quinze dias, todo mundo vai e se diverte, fala bastante, Só que é uma coisa passageira, ao mesmo tempo em que tá bom, depois acaba tudo.

Além disso, são tratados temas como o consumo de bebidas e uso de drogas²⁷ dentro do assentamento, por parte de jovens ali residentes. Aliás, é uma preocupação crescente, principalmente porque há o receio de que tenha algumas pessoas que moram no assentamento que façam uso de drogas.

Cleber- Olha só a princípio assim, logo de começo assim a gente...A primeira coisa a gente se reúne na igreja e a primeira que coisa vemos o lado religioso nosso, católico de “tá” dentro da igreja

²⁶ Tive oportunidade de participar de uma reunião do grupo de jovens da igreja. Na ocasião me foi dito que ainda havia vários que não tinham ido naquele dia. As reuniões acontecem a cada quinze dias e são tratados de temas variados.

²⁷ Em algumas falas este tema foi lembrado e há uma preocupação grande com a disseminação do uso de drogas no assentamento. Esta preocupação não é só dos jovens, mas também dos mais “velhos”, tendo em vista que tem aumentado os casos de uso de drogas na localidade onde o assentamento está localizado.

discutindo todos os problemas, as dificuldades dos jovens aqui no assentamento. Um exemplo que acontece que tá atingindo muito os jovens, não só no assentamento, mas em todos os assentamentos, questão de drogas, seja ela qual for de cigarro estas coisas, a gente debate bastante isso pra ver quais os motivos e as maneiras corretas de tá saindo deste vício, um exemplo tem gente que tá fumando, bebendo, chega uma época que falaram que entraram até drogas aqui, mas não foi nada comprovado, mas nós estamos aí debatendo, discutindo, mas a gente continua discutindo isso porque de repente acontece de num intervalo de quinze dias pra outro talvez a gente não esteja reunido, assim todos os sábados, todos os finais de semana encontre alguém fumando e bebendo essas coisas assim durante a semana, então a gente sempre tá debatendo isso, as dificuldades que nós estamos tendo com relação a tudo que estamos vivendo.

Quando falamos de jovens solteiros e casados nestes espaços, vemos algumas fronteiras que delimitam esta categoria, ou seja, são espaços definidos e distintos. No *grupo* de jovens solteiros não se tem jovem casado, mesmo nos casos onde a idade não seja considerável. O que delimita a participação não é um recorte etário, na verdade o casamento, como já dito acima, apareceu como esta fronteira. Outro aspecto deste espaço é o caráter flexível que ele possui em relação a participação dos jovens. Esta flexibilidade também é percebida em outro espaço que é a associação de produção agroecológica existente no Vale da Vitória.

3.3 A associação de agroecologia

Algumas famílias do assentamento, além das suas atividades no lote mantém áreas de produção agroecológica. Elas estão organizadas em torno da Associação de Camponeses e Camponesas Agroecológica do Município de São Mateus, instituição criada para dar visibilidade, e organizar tanto a produção como a venda dos produtos cultivados pelas famílias que a integram. Na associação são congregados não somente os *titulares dos lotes*, mas também os filhos destes que tem interesse de fazer parte do processo. A associação congrega quatorze famílias, mas conforme me foi dito em entrevista são 32 sócios que tem vínculo com a instituição.

A produção é vendida em feiras livres de produtos orgânicos, ligadas à Rede de Agroecologia Capixaba (RAC²⁸). Os produtos ali vendidos são provenientes de

²⁸ Estas feiras têm as características de agregar as organizações da agricultura familiar, do poder público, organizações da sociedade civil, agricultores familiares e os consumidores. Além de se caracterizarem

agricultores que usam base agroecológica na produção. Nesta associação como me foi dito há participação de jovens tanto solteiros quanto casados que produzem de forma autônoma ou vinculados à família e que fazem parte como associados, e comercializam seus produtos na feira. Jorge presidente da associação mencionou que a associação mantém vínculos com instituições que apoiam projetos de agroecologia. No seu caso seus filhos que ainda são solteiros é que controlam a feira. A princípio ele conduzia as atividades de comercialização o que atualmente já constitui tarefa dos seus filhos que vendem e são responsáveis pelo dinheiro e condução da produção agroecológica na propriedade. Isso constitui uma forma de proporcionar aos filhos, tanto solteiros quanto casados, a possibilidade de produção autônoma.

Jorge- Então eu dou esta condição para ele administrar, porque ele já fazendo isso já não precisa entrar em outros ganhos, já sobra. Já é uma forma dele ter o dinheirinho dele no bolso. O jovem precisa comprar as coisas dele, é uma questão mais para a tendência individual que cada um tem. Não precisa mexer nas coisas, na pimenta e tal, apesar de que eles não gastam nada, é pessoa que não tem vício de gastar. Quando eles querem fazer alguma coisa eles chamam os amigos deles e fazem aí mesmo.

O cultivo de produtos e sua venda na feira se constituem numa forma de proporcionar acesso à renda por parte dos filhos que estão inseridos na associação e também é uma forma das famílias aumentarem a renda familiar. O espaço de participação na associação é aberto aos jovens, tanto solteiros quanto casados, mesmo os que não são *titulares de lote* no assentamento. Sobre a participação dos jovens na associação, Cleberson, um dos jovens solteiros que ainda reside no assentamento, explica que cada jovem é associado da associação e são pontos fundamentais na instituição porque são vistos como as pessoas que irão continuar o trabalho da associação.

Cleberson- a gente tem uma importância muito grande na participação na associação, porque é através de nós, mas não só nós,

como uma estratégia de aumentar a renda das famílias, elas constituem-se em espaços de debate de questões sociais, como as relações de gênero, produção agroecológica X produção agroquímica, intercâmbios e produção de conhecimento, entre outras. Mais do que um simples espaço de comercialização, estas feiras se propõem a dar respostas a um dos grandes problemas da agricultura familiar, que é a dependência ao mercado do café. No Norte, dentre os 17 municípios, 7 estão envolvidos com essa experiência: São Mateus, Jaguaré, Nova Venécia, Vila Pavão, Boa Esperança, Águia Branca e Vila Valério (PLANO SAFRA TERRITORIAL TERRITÓRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO, pág. 37, 2007)

mas sim de toda família que se envolve, mas assim o foco mesmo que mais as pessoas falam é o jovem que dá continuidade.

O jovem como uma continuidade da sociedade é uma visão recorrente nas pesquisas principalmente nas relacionadas às políticas públicas como, por exemplo, Durston (2000). Segundo este autor os jovens aparecem como uma imensa porção da população que deve ser acionada e inserida no contexto de mudanças necessárias no contexto local, ao serem inseridos no contexto produtivo e obterem sucesso, eles também estão automaticamente promovendo mudanças significativas à sua realidade.

Esta visão permeia também o imaginário das pessoas, que acabam depositando nos filhos a crença na possibilidade deles serem responsáveis por mudanças no âmbito da sociedade. Isso está aliado à reprodução social da família e manutenção do patrimônio conquistado. A criação da associação agroecológica faz parte, como pude notar ao longo da pesquisa, de uma forma de diversificar a produção e aumentar a renda das famílias. Ela aparece ainda como uma forma de proporcionar o acesso dos jovens, já que a participação na entidade tem maior flexibilidade.

Interessante que aí reside uma contradição que ao passo que se tenta manter os jovens através da geração de renda própria para além daquela destinada à manutenção do núcleo familiar, por outro lado, controla-se a inserção nos espaços participativos referentes à tomada de decisões que definem rumos do *grupo* de assentados do Vale da Vitória..

A criação da associação pode ser vista como uma destas formas de promover a inserção dos jovens. Cleberson disse que todo sábado ele vai a São Mateus junto com demais integrantes para venda de produtos. Ele gosta do ambiente da feira, porque segundo ele, é um local divertido e de encontro, de proximidade dos outros integrantes do *grupo*. Como a feira cresceu e o transporte já está limitado em termos de espaço, às vezes não é possível irem ele, o irmão e seu pai, então é feito o revezamento. No caso dele a produção ainda não é destinada exclusivamente a ele e o irmão, o que conseguem com a venda da produção fica para a família.

A Associação configura-se na oportunidade dos jovens terem acesso a uma fonte de renda. Vejo que é uma estratégia definida por algumas das famílias que compõem a associação. A feira foi um espaço criado para permitir, de alguma forma, a maximização da renda familiar e se somar às culturas principais, o café conilon e a pimenta-do-reino, que ainda ocupam a imensa maioria das áreas plantadas.

CAPITULO IV- OS JOVENS QUE FICARAM: INSERÇÃO E PERMANÊNCIA EM PROCESSO

Para compreender a participação dos jovens no assentamento Vale da Vitória foi preciso, como trabalhado no capítulo anterior, entender qual o lugar do jovem nos espaços de participação. Este exercício foi importante para compreender como os jovens casados e solteiros estão inseridos na dinâmica tanto organizacional como produtiva, no núcleo familiar e no assentamento e quais os condicionantes que ajudam na permanência dos jovens do assentamento Vale da Vitória. Mostrou-se importante perceber algumas questões como o trabalho na família, o acesso a bens de consumo por parte das famílias e de alguns jovens, os espaços de lazer e as formas de sociabilidade, bem como a influência da EFA e do MST neste processo.

4.1 O trabalho como possibilidade de permanência.



Foto 1: Plantio de café conilon.

O trabalho se expressa de algumas formas no assentamento. Há tanto os jovens quanto as jovens que trabalham fora do assentamento quanto os que preferem trabalhar no próprio assentamento. O que prevalece é o segundo que ocorre nos lotes familiares. No processo de trabalho na roça a principal cultura é do café, conforme foto acima. Esta cultura desponta como principal em termos de renda. Em conversas informais não só no assentamento Vale da Vitória, mas com jovens de outro assentamento, percebi que a cultura do café é de suma importância na vivência das pessoas. O café aparece como conteúdo, na maioria das vezes, das conversas que giram em torno da “lida” diária em relação a esta cultura. O que se fala é dos projetos de plantio, tratos culturais, colheita, compra de insumos, venda, Participar deste universo, que se inserem as pessoas que tem propriedade ou filhos destes, confere certa legitimação em torno de quem consegue manejar melhor a cultura e conseguir boa produtividade em pequenas áreas de plantio. As pessoas que conseguem manejar melhor e conseguem bons resultados obtêm reconhecimento perante aos outros e nas conversas. A cultura do café é tão importante, na vida não só de jovens quanto dos adultos, quanto à aquisição da terra por parte das pessoas que compõem o assentamento e que vivem no seu entorno. Nesta cultura está toda a base a maior parte da renda das famílias e de trabalhadores diaristas e meeiros que moram no município.

Entretanto, ainda existe o trabalho para fora do assentamento, em propriedades vizinhas ou do município em si. A maior saída para estes trabalhos eventuais se dá na época da colheita do café conilon e da pimenta-do-reino, e é feito tanto pelos jovens quanto pelas jovens. Existem, ainda, alguns jovens, na sua maioria mulheres, que são empregados no comércio local, mas ainda residem no assentamento, ou seja, saem pela manhã, mas voltam no final do expediente para o assentamento onde suas famílias ainda residem. Este aspecto não acontece somente no assentamento estudado, e sim constitui uma prática nos assentamentos do entorno. A saída da mulheres para trabalhar no comércio local mostra uma realidade do Vale da Vitória que é o pouco acesso das jovens ao trabalho nos lotes familiares e mesmo o acesso a porções de terra que algumas famílias cedem aos filhos.

Na oportunidade das entrevistas com pessoas que constituem o núcleo fundador do assentamento, as falas apontavam para uma preocupação antiga, com a questão do trabalho desde a fundação do assentamento. Uma das preocupações girava em torno de como proporcionar meios que fizessem com que a juventude, ali presente

não saísse. Esta perspectiva fica mais evidente a partir da fundação da cooperativa²⁹, hoje extinta. O jovem na cooperativa constituiria mão de obra necessária ao crescimento da cooperativa, sendo conseqüente à inserção dos jovens num trabalho remunerado. Isto aparece na fala de Jorge, que ajudou na fundação da cooperativa e fez parte da liderança da instituição, no que se refere aos objetivos que aquele projeto teve em relação à produção.

E - O que era produzido?

Jorge - tinha café, tinha pimenta, tinha maracujá, tinha mamão a ideia era de implantar mais algumas outras atividades lá na cooperativa, aí o pessoal numa região que só produz café, teoricamente é café e pimenta, a gente não pode implantar outras culturas porque a ideia também era de industrializar, ter agroindústrias na cooperativa, depois as agroindústrias poderiam ser onde as pessoas moram para não centralizar muito, a ideia era de descentralizar para a região cada um no seu assentamento e ele lá cobrir suas atividades lá pra não ter aquele negócio da concentração num lugar só às vezes algumas coisas poderiam ser concentradas ali, por exemplo o café, pimenta, a armazenagem e a venda poderia ser ali no local, mas outras atividades poderiam ser desenvolvidas lá onde o cara mora por exemplo um criatório de peixe, a gente já falava naquele tempo, uma própria criação de pequenos animais, poderia ser lá, apicultura o podia ser lá, as pequenas agroindústrias pra aproveitar todas as frutas que já tem lá em volta, não precisava ser cá em cima ela podia ser lá, desenvolvido lá na base onde o cara mora porque a própria família poderia desenvolver estas atividades e o jovem tá lá, poderia ser um ganho mais e aí dependendo do que as pessoas fossem bolando e fosse vendo que era melhor pra ele ali mesmo ia desenvolvendo ia-se criando lá, uma outra ideia era de a gente criasse uma indústria de roupa, a gente fez pesquisa, eu peguei documento mas não conseguiu avançar porque o camponês é meio difícil de desenvolver este tipo de atividade ele teria que passar por uma profunda educação, estudar pra poder entender, aquele que já veio lá da terra que é camponês legítimo este é difícil pra começar a entender num novo processo de mudança, isso tudo atrapalha porque hoje nós poderia ter uma indústria de roupa na região, poderia estar atendendo vários estados e vendendo pra vários lugares e aí nós não conseguiu, por exemplo a ideia da padaria foi nossa no Km 41. Nós chegamos a discutir e depois perdemos a oportunidade, então hoje o menino tem lá uma baita de uma padaria nós podia ter um conjunto de coisas dos assentados no Km 41, não era só atividade da roça.

O desenvolvimento de outras atividades que desse maior autonomia aos assentados, constituía uma das funções da instituição. A ideia era agregar os

²⁹ A Cooprava agregava assentados do Vale da Vitória e dos outros assentamentos do entorno. Atualmente está desativada. Sua sede foi instalada no assentamento Vale da Vitória.

assentamentos do entorno e criar mecanismos de autonomia para os associados, o principal seria diversificar as atividades produtivas. Alguns jovens trabalhavam nas atividades da cooperativa. Eram alocados na produção das culturas trabalhadas naquele momento e também no supermercado montado na época. Apesar do incentivo dado à participação dos jovens, constatei que nunca houve um jovem no corpo da diretoria da cooperativa, como acontece ainda hoje, onde não existem jovens que fazem parte da coordenação (comissão) do assentamento.

A ideia de manter o lote produzindo é acionada quando se fala em envelhecimento do núcleo fundador, a transmissão em vida aparece como uma das soluções para que o lote não cesse ou diminua a produção. Seria uma forma do lote permanecer em atividade e produzindo. Para Pedro,

Pedro - Apesar de aqui dentro ter muito jovem que mora desde o início eu acho que é essa questão da consciência é a coisa primordial porque eu vejo o seguinte, principalmente pra quem mora aqui desde o início, porque tem que trazer o valor do trabalho, porque as pessoas que eram jovens da mesma idade minha, que antes os pais era novo e hoje de idade e já não tem a mesma força de trabalho de antigamente e aí se todo mundo sai o lote vai fazer o quê, se a pessoa quer a terra alguém tem que tocar o trabalho. Eu vejo desta forma que a questão primordial seria a questão da conscientização, principalmente daquelas pessoas que moram desde o início que os pais construíram uma história, porque de certa forma é uma história que construiu, porque quem chegou aqui após topo muita coisa construída e talvez não sabe da dificuldade que passou pra chegar até chegar ao ponto que está hoje. Eu acho que tem muita coisa para melhorar, mas com muita luta e todo mundo que está aqui desde o início ajudou a construir esta história.

Um outro fato que chama atenção é a possibilidade de intervenção do *grupo* neste processo, à medida que um lote permanece muito tempo improdutivo, os *titulares do lote* familiar podem sofrer algum tipo de pressão para saída do assentamento com a venda do direito ao uso do lote familiar. Neste caso tem prioridade na compra pessoas do assentamento que não sejam *titulares de lotes*, ou seja, os jovens casados que ali residem. Este aspecto aparece como uma forma de alocar jovens casados que passam a ocupar uma unidade produtiva. Este processo gera conflito no assentamento com possíveis cisões de pessoas contra e favor a tentativa de retirada das pessoas idosas que não tem filhos que tenham interesse de permanecer no assentamento.

Isso é importante perceber porque não somente determina a questão exposta, sobre a saída dos idosos, mas também uma série de questões que aparecem no *grupo* e que são discutidas pela comissão e levada à assembleia do *grupão*, que ainda tem um grande poder de intervenção, em questões inerentes ao assentamento. Elas se identificam de acordo com o *grupo* a que fazem parte, assim temos, por exemplo, os assentados do Córrego Palmeira, a Joeirana³⁰, do Vale da Vitória. As pessoas que aí residem se reconhecem como moradores e participantes deste ambiente, assim são distinguidos os jovens de cada assentamento. Quando se fala em alguém sempre o lugar em que mora aparece como forma de identificação da pessoa e do *grupo* a que pertence.

O modo de produzir individualmente no lote aparece ao jovem como forma de exercitar sua autonomia e de conseguir acessar ao que melhor lhe convier. É uma forma de adquirir independência em relação à família. Como me contou Pedro,

Pedro- Eu tenho minha parte, a terra é de pai toda, mas eu tenho minha parte. Porque de certa forma fica melhor para trabalhar porque se for para colher tudo junto, na hora de colher não dá certo. Você colhe o seu ali você sabe o que você faz, você se vira da maneira que você acha mais certo. Mas com relação ao trabalho de modo geral, desenvolver as atividades a gente trabalha junto, que gente tem o que, tem a energia que é nossa junto, tem a água que é junta, a irrigação.

E- Vocês trabalham junto aqui?

Pedro- A terra é junta, mas lá na roça cada um tem sua parte, se eu tenho minha área de café sei o que é meu na hora de colher eu sei o que é meu, mas quando precisa trabalhar junto a gente trabalha junto no serviço.

A condução das roças se faz em determinados momentos em conjunto porque os bens que a família adquiriram são compartilhados pelos componentes da família, como acontece no caso dos equipamentos de irrigação, que dado ao alto custo passa a ser compartilhado por toda a família, num sistema de solidariedade familiar, onde os bens servem a todos. Assim, mesmo um equipamento sendo adquirido por um filho, servirá aos irmãos e aos pais quando o uso se fizer necessário. Esta forma de solidariedade serve como estratégia para baixar os custos de produção. Faz parte de um complexo de ajuda mútua que se dá não somente através do uso dos equipamentos de irrigação, mas também dos veículos que alguém da família possui, que mesmo morando

³⁰ Estes assentamentos estão localizados no entorno do assentamento estudado e também foram fundados na década de 1980.

em outro local, são postos à disposição do uso familiar. Isto ainda pode ser notado quando se fala em colheita, principalmente do café na época de “panha” onde mutirões familiares são comuns para reduzir custos e adiantar o processo evitando perdas.

Apesar de a individualização ser uma prática e um desejo dos jovens, sua desvinculação total da família não acontece, dado a estes laços de solidariedade, que se constituem em estratégias criadas no interior das famílias. Assim, mesmo com a formação de uma nova unidade familiar, pelos jovens que se casam, a proximidade e interação familiar ainda continuam ativas como forma de proporcionar a reprodução familiar e para facilitar no trabalho diário. Como nos apontam Dulce e Pedro,

E- Qual o cultivo que você mais gosta ou mais trabalha?

Pedro- Na nossa terra, na terra de pai, a gente mexe com o café, eu gosto de mexer com café também, tem um pouco de pimenta, agora até o final do ano eu acho que vou crescer um pouco mais, agora a gente gosta muito de aproveitar a terra também plantando milho e feijão. Com milho e feijão a gente gosta muito de aproveitar a terra.

Dulce- Mandioca também, vocês plantam também roça de aipim.

Pedro- Mandioca também, planta uma roça de aipim, mas também a gente procura plantar de tudo porque mora na terra pra poder ir no supermercado comprar então não compensa, compensa não adianta, inclusive agora mesmo poucos lotes, vou dizer nem no assentamento, mas nos assentamentos, igual agora mesmo lá em cima eu tenho um milho que daqui umas três semanas já tem milho pra quebrar seco e feijão, semana que vem praticamente já bater um pouco de feijão já. Acho que é poucos lotes que tem isso aqui agora e a gente agora já tem.

O que os jovens casados ou solteiros, que possuem seus “pedaços de terra” separados dos pais, plantam são os cultivos próprios da região e base da produção local, ou seja, café e pimenta-do-reino. Na parte que ainda é de propriedade dos pais a produção é destinada à manutenção da família. Além destas culturas que são base da agricultura local, ainda eventualmente é plantada a cultura da mandioca destinada à produção de farinha para venda no comércio local.

Uma forma de acesso ao trabalho por parte dos jovens da pesquisa se constitui pela feira de produtos agroecológicos que acontece na sede do município, onde as famílias da associação têm a oportunidade de vender seus produtos, sendo que os jovens têm participação efetiva neste processo como vimos no capítulo anterior. Para

Cleber, um dos jovens solteiros, a produção voltada para a venda na feira propicia aos jovens uma possibilidade de ganho a mais em relação à família, principalmente para aqueles jovens que ainda que trabalham com os pais e tudo que é produzido fica para a família.

Posso dizer que existe uma preocupação na alocação na produção. Este fato pode ser dado ao fato que a maioria das famílias do núcleo fundador já tem uma idade avançada, sendo que alguns já faleceram e os lotes já estão em mãos de filhos. Mas, pelo que constatei, existe uma tendência dos pais de cederem fragmentos de terra do lote familiar para evitar a saída do filho. O acesso a terra e a possibilidade de trabalhar de forma individualizada significa certa autonomia em relação à família. Na questão do trabalho as jovens mulheres ainda são associadas aos trabalhos domésticos e sem valor (Paulilo, 2004, Brumer, 2002) ou a trabalhar em outras atividades fora do assentamento, principalmente em atividades na localidade de Nestor Gomes que na sua maioria é ligada ao comércio varejista.

As relações de trabalho se mostraram conflituosas. A saída de alguns jovens foi atribuída a questões ligadas ao trabalho e à centralização da produção na figura paterna que se apropriaria do produto do trabalho familiar em benefício da manutenção da família. Os resultados da produção controlados pelo pai representa um dispositivo capaz de fazer com os jovens saíam. A distribuição das roças individuais aos jovens, no interior de algumas famílias é uma realidade. Isso pode ser percebido como um incentivo à permanência dos filhos no assentamento. Uma vez que com seu pedaço de terra passam a plantar para si próprio. É importante notar que no acesso aos roçados as jovens não tem prioridade. No acesso a estes lotes não existe uma preferência em termos do filho ser ou não mais jovem. No entanto, o fato do jovem se casar lhe proporciona prioridade dado à sua condição.

Isso foi destacado como relevante pela incapacidade de fazer produzir o lote familiar, já que a maioria das pessoas que constituem o núcleo fundador já possui uma idade avançada e muitos já não conseguem manter o lote produzindo. Invocando uma premissa muito utilizada na época em que a organização dos sem-terra na região e no Estado estava em plena atividade, usa-se bastante o termo “terra é para se produzir”, ou “terra é para quem nela trabalha”, deste modo a produção nos lotes deve ser contínua.

A ideia de trabalho está ligada à possibilidade de autonomia através da produção individualizada e de conseguir acessar bens que são do interesse dos jovens

solteiros ou casados. Entender isso nos levou a trabalhar a questão do consumo e dos bens que os jovens têm maior interesse de conseguir atualmente.

4.2 (...) Bom pra quem tem. Como é importante! Quem dera que todo mundo tivesse, queria que todo mundo tivesse um veículo e sua casa. Com certeza é importante (...).

Uma das coisas que me chamaram a atenção no assentamento estudado foi a existência de uma quantidade considerável de bens de consumo, principalmente de motos. Aliás, não só no Vale da Vitória como nos assentamentos vizinhos e também em Nestor Gomes a circulação de veículos é considerável. No assentamento percebi que eles existem numa quantidade relevante. Percebi quando circulei em espaços como a celebração na igreja católica e também nas vezes em que fui ao campo de futebol existente no assentamento.

Não foi feito um levantamento da quantidade de veículos existentes e em minha ida ao órgão no qual o assentamento está vinculado constatei que eles também não possuem esta informação.

A percepção da existência considerável de bens de consumo, e neste caso de veículos, me levou a criar uma pergunta: existe alguma relação entre consumo de bens com a permanência dos jovens no assentamento estudado? Vale ressaltar que a existência destes veículos não só neste assentamento, como nos outros existentes na localidade e mesmo entre os agricultores do entorno formam um grande fluxo de circulação.

As pessoas com quem conversei mostraram que o acesso a estes bens tem grande importância para as pessoas, não só pela satisfação em conseguir, mas também como um fator de mobilidade, principalmente de curtas distâncias, para idas à sede do município de São Mateus, como também de circulação na localidade, para trabalhos, e para o lazer. Comprar uma moto, veículo existente em maior número, constitui um dos objetivos dos jovens como fruto de seu trabalho na terra. O principal meio de alcançar isto é através da cultura do café conilon trabalhada não só no município, mas também, em todo o estado. Como afirmaram Cleberson e Júlia, ambos ainda solteiros,

E- Você acha que o acesso a motos, carros, casas, contribui para a permanência dos jovens?

Júlia- Eu creio que sim porque eles trabalham na terra. Porque tem que ter objetivos de comprar uma moto pra ajudar no acesso ao mercado e também para o lazer. Então chama atenção sim.

Cleberon- Eu acho que sim porque conforme a gente for trabalhando, não tem jeito da gente não ir acompanhando a tecnologia. Por exemplo, a questão de moto. O jovem hoje em dia para tá se locomovendo de bicicleta, principalmente, não tem como você se deslocar seis, sete e dez quilômetros só de bicicleta. Você tem que tá acompanhando a tecnologia, comprando a moto. Se você tiver o dinheiro você tem que comprar a moto e até mesmo um carro e outras coisas que a tecnologia vai avançando. Você tem que ir acompanhando aos poucos.

E- E aqui já tem muitos jovens que tem acesso a este tipo de veículo?

Cleberon- Sim, tem bastante e inclusive estes dias atrás eu tava pensando tantos jovens, uns já tem moto, outros já tão possuindo carro até mesmo também outras coisas mais valiosas que coloca em casa, seu mesmo, próprio. Coisas que você coloca lá não é só carro, moto estas coisas, mas outros bens que beneficia a família toda.

Possuir um veículo aparece como fator de conquista e expressa o valor que a terra tem para alguns jovens. Há uma relação entre o desejo de adquirir os bens e o acesso à terra. O interesse de se trabalhar de forma desvinculada dos pais é uma forma de se conseguir recursos como meio necessário à compra dos bens aqui expostos principalmente, as motos. Ficar está relacionado à possibilidade de se adquirir bens de uso próprio, uma vez que o assentamento propicia isso, os jovens tendem a permanecer na terra junto à família. Já para Aelson, Valter e Joana,

E- Qual a importância da aquisição de bens como moto, casas pelos jovens?

Aelson - Eles tem seus veículos de trabalho, suas motos, tem uns que já tem sua casa e até um pedacinho de café. Aí já toca também porque o pai já separou pra ele. Em casa também ajuda, mas tem jovem que casou aí toca seu pedacinho de roça tem sua motinha pra andar, então tem influência sim.

Valter- Eu acho, particularmente, que os jovens aqui, com relação a produção estão mais interessados que os chefes de família. A maioria dos jovens que estão conseguindo é através do próprio trabalho na propriedade. Os pais aqui, uma grande parte, também já entregou a terra pros filhos, estes que os pais já transferiram a responsabilidade para os filhos, estes estão se saindo bem, agora estes que estão presos ao pai estão na pior em todos os aspectos, tanto faz na questão econômica como nos estudos. Porque a maioria dos jovens adultos

eles tem moto, tem carro, então já tiraram do próprio trabalho deles não foi doação de pai nem de ninguém, porque a maioria também os pais já são idosos. Ainda têm alguns idosos que ainda não abriu mão pros filhos estes estão na estaca zero ainda.

Joana- Mesmo os casados que estão ainda no poder dos pais estão naquela ainda de não ter as coisas direito.

Ficar sem ter como trabalhar a terra significa também estar fora deste circuito de aquisição de bens, uma vez que o trabalho fora do assentamento não aparece como algo que provenha condição financeira de compra. Acessar a terra, tendo um pedaço de terra para cultivo independente, significa também a possibilidade de conseguir acesso a estes bens. Quando isso não acontece as possibilidades são limitadas.

Uma das questões interessantes é perceber a influência e impactos das motos na sociabilidade dos jovens, como forma de inserção e aceitação nos grupos, já que este veículo é de suma importância para a mobilidade dos jovens na localidade e no entorno. As idas às festas ficam sem dúvida, limitadas quando não se tem como se locomover a distâncias maiores e que não se possa ir de ônibus. Desta forma se constitui numa das formas de se promover a sociabilidade entre os jovens do assentamento e dos assentamentos do entorno, bem como os demais jovens que não são assentados.

As festas da localidade acontecem com maior frequência na época de colheita de café onde a circulação aumenta e a compra de veículos novos e usados com o dinheiro conseguido através da venda do café beneficiado ou não também cresce. Outras formas de se conseguir acesso a estes bens é através de empréstimos informais, cuja moeda é o café, que será pago em outras colheitas dos anos posteriores, e pela utilização de linhas de crédito para financiamento da produção, mas que são desviadas para aquisição destes bens ou mesmo de linhas de crédito próprias cedidas pelos bancos. Forma-se um verdadeiro mercado de compra e venda nesta época que movimenta toda região, e conseqüentemente a localidade.

Este mercado de compra e venda muitas vezes acontece entre os jovens nos espaços de sociabilidade existentes em bares, festas, em encontros casuais, onde na compra de um veículo melhor ou mais novo, o antigo é revendido a outro jovem que tenha dinheiro e interesse de compra. Este mercado de compra e venda é um espaço predominantemente masculino, pois estes bens são adquiridos quase exclusivamente por homens.

Aqueles jovens tanto casados, como solteiros que ainda estão ligados numa relação de dependência à família, como aparece em algumas falas tem dificuldade de acesso à produção e conseqüentemente à obtenção dos bens de consumo. Assim ficar ligado à produção coletiva da família aparece como fator de empecilho para uma independência de uso do dinheiro fruto do trabalho na produção. A produção individual dos jovens, principalmente casados converte-se na possibilidade de fazer uso do seu dinheiro, conseguido através da produção como melhor lhe convier e utilizá-lo na compra de bens de consumo e para manutenção da nova unidade familiar.

A pergunta, abordada como questão nas entrevistas, leva a percepção de como o assentamento mudou em termos de condições de vida durante a trajetória das famílias. Assim, quando se nota o nível de produção e de vida de alguns dos assentados, mesmo que ainda existam algumas famílias num estágio precarizado, vimos que a situação das famílias é bem melhor hoje. Algumas narrativas de memórias da formação do assentamento mostram que a conquista da terra aparece novamente como algo que tem um valor simbólico expressivo na vida das pessoas, principalmente daquelas que vivenciaram todas as fases desta trajetória. Como aparece nas respostas que versavam sobre as mudanças no assentamento numa comparação do passado e presente, do acampamento, fase de implantação, e os dias atuais com o assentamento já consolidado

³¹.

Márcio- Nas famílias no geral mesmo a gente deixou de ser empregado na época que a gente tava lá fora a gente trabalhava de meeiro e olha lá quando a gente conseguia achar uma meia de café ainda, no máximo era nós mesmos... Passamos a vida toda trabalhando de diarista, quando achava um serviço pra aqui e pra acolá, nós não tinha meia de café lá na época onde nós morava, no patrimônio de Santa Maria, e aí nesta vinda pra cá a gente melhorou de 200%, melhorou muito.

A melhoria nas condições de vida e a aquisição de bens de consumo apresentam-se assim como a expressão de que a conquista da terra proveu a possibilidade de mudança na vida das famílias. Da impossibilidade e precarização do trabalho de diaristas e meeiro à autonomia na terra conquistada.

³¹ Dado ao nível de vida que a maioria das famílias já conseguiu e a manutenção de um sistema organizativo e de decisão coletiva mesmo que a produção já esteja individualizada há tempos, que o assentamento Vale da Vitória está num estágio avançado. Isso está numa relação direta com a possibilidade de acesso a melhores moradias, e bens de consumo duráveis e não duráveis e onde a mobilidade, saída e entrada de famílias é reduzido.

Alguns dos filhos dos *titulares de lote* e até mesmo filhos de jovens já casados não precisaram trabalhar de forma alguma em propriedades particulares, mesmo havendo uma grande circulação de pessoas em outras propriedades na época de colheita do café, dado a produção de algumas propriedades.

Vale ressaltar que existem algumas pessoas que residem no assentamento e que trabalham em atividades do comércio local em supermercado e lojas, mas retornam ao assentamento todos os dias, saem pela manhã e retornam à tarde.

Jorge- Isso é uma pergunta importante porque nós há uns anos atrás a gente nem sabia se a gente ia conseguir a terra, porque tinha um monte de implicação aí, depois através da organização conseguimos a terra, e através da terra fomos conseguindo, foi conquistando outras coisas, fomos conquistando o crédito. Não tem nada dado tudo foi conquista dos camponeses. E esta questão de ter os bens de comprar as coisas, hoje eu fico contente porque você vai dentro dos assentamentos, você não vê ninguém que não tem sua televisão, seu fogão, muitos têm sua moto, muitos estão planejando pra comprar, outro tem carro, outros estão planejando para melhorar comprar veículo isso é importante, eu só tenho uma preocupação da gente comprar veículo financiado que tem hoje dentro do nosso crédito tem um financiamento para comprar veículo eu só preocupo com esta parte. Quem tem dinheiro e compra vendeu seu café tem dinheiro para comprar seu veículo, suas coisas, eu acho isso importante e é um ganho excelente para a juventude e para todo mundo, só o que me preocupa, eu não sou contra não, eu tenho a preocupação de você financiar um veículo de trinta, quarenta mil, porque nós não mandamos na economia do país. Tudo que, o café hoje está deste preço, mas nós não sabe se neste período se melhorou ou caiu porque historicamente o café tem dado dor de cabeça pra muita gente, desde que eu de pequeno vinha vendo isso, o café deixou muita gente pobre, enriqueceu e deixou pobre também. É igual a farinha desde e eu menino que conheço a farinha boa de preço e pensa que não ela não vale nada, e com o café aconteceu a mesma com nós aqui, eu só preocupo com isso. Eu não faço, eu não financio veículo com o crédito que a gente tem, se eu puder comprar, igual eu to querendo comprar uma moto (risos), eu vou comprar e pagar. Eu to isento (risos) se o café barateou problema dele e nosso, aí eu não fico preocupado, minha preocupação é só isso, mas de as pessoas ter bens, de está inserido na sociedade isso é bom demais, para nós que é assentado que veio lá da... Que não tinha direito a nada, isso pra nós é muito bom e hoje nós estamos fazendo parte do contexto deste povo aí que está comprando, igual o que acontece com Nestor Gomes. Quem é que mantém somos nós. Então eu acho que isso é muito importante, principalmente para a reforma Agrária, a gente sabe que isso é importante para o crescimento da reforma agrária.

A dinâmica de acesso a bens de consumo e o nível de vida das famílias fez com que a localidade tivesse um impulso. Sem dúvida a fala ilustra um fato importante da

interação dos assentados com a localidade. Este acesso aos bens de consumo tanto por parte dos jovens quanto dos demais componentes do assentamento, além de ser quesito valorizado entre a relação com o uso da terra como fonte geradora, impulsionou o crescimento da localidade. Lá já está instalada uma agência bancária voltada para financiar projetos na região e no município, possui ainda uma sede local do escritório do Incaper, houve uma expansão na quantidade de estabelecimentos comerciais, como oficinas de motos e carros, clínica odontológica, lojas de roupas e eletroeletrônicos, bem como supermercados e empresas que atuam na compra e venda de café e pimenta-do-reino. A própria dinâmica do local³² demonstra que há crescimento do consumo de bens nos assentamentos. Isso não é difícil perceber pelo grande fluxo de assentados em dias de sábado realizando compras diversas nos comércios ali localizados, bem como em festas e nos bares que são bastante frequentados, principalmente por jovens, dentre eles os residentes no assentamento Vale da Vitória e nos que estão localizados no seu entorno.

Os veículos podem não determinar a permanência, no entanto são importantes neste processo. A esperança alimentada de acessar e as condições materiais para que isso se efetive são elementos estimuladores da permanência. A permanência aí envolve também o contexto de possibilidades que o lote pode oferecer. Uma família em que o nível de vida ainda se encontra precário, como ainda existem famílias no Vale da Vitória, certamente terão maior dificuldade de fazer com que o jovem permaneça. Onde a família já atingiu um patamar em que permite prover ao jovem alguns benefícios mínimos, a saída quando acontece pode se referir às jovens que ainda estão à margem do processo. Apesar de permanecerem no Vale da Vitória o desejo de possuir estes bens remete à uma ideia de que os jovens possuem um ideal urbano (Carneiro, 1998), ao

³² As pesquisas sobre assentamentos rurais como a de Leite et al (2004) tem demonstrado que nos assentamentos a vida das famílias assentadas assume uma nova dinâmica, surgem novos espaços e redes de sociabilidades, refazem-se e reconstroem-se os antigos, e estabelece-se uma nova dinâmica na relação para fora do assentamento, na interação com as cidades e com o poder público municipal, e uma nova inserção na dinâmica política local. Mas ao mesmo tempo em que estão colocadas as diversas novidades, impõem-se também, com grande força no cotidiano dos assentados, uma dinâmica social e cultural muito próxima ao padrão vigente na região, e o dia-a-dia da maior parte dessa população vai ser marcado predominantemente pelas estratégias de reprodução da unidade familiar (que envolvem o trabalho dentro e também fora do lote), pelos vínculos de parentesco e de vizinhança, pela relação com a cidade, com a religião, com os espaços de lazer (Leite, 2004, p.111). Entre os assentados há um sentimento de realização no que se refere ao acesso a terra, e melhoria nas condições de vida em geral e a perspectiva de se ter maior autonomia quando passam a trabalhar na sua própria terra. (Leite, 2004). A implantação dos projetos de assentamentos além de trazer a possibilidade de acesso à terra para as populações excluídas, desponta como grande opção de trabalho. Além disso, dá proteção social proporciona moradia e permite a inserção no mercado de trabalho. Os assentamentos ajudam na geração de renda e dinamiza a produção local, promovem a reorganização e diversificação da produção familiar (Leite, 2004).

menos no sentido de acessar bens. O desejo de permanecer fica mais evidente e consolidado com o acesso a estes bens fruto de seu trabalho. A permanência estaria circunscrita numa diversidade de possibilidades, num campo de possibilidades (Velho, 1994) estendidas e construídas no cotidiano envolto às dinâmicas próprias do local.

O acesso aos bens nos leva a pensar outra questão que aparece como importante para a juventude do assentamento e do entorno que são os espaços de lazer, visto que, o principal objeto desejo dos jovens são os veículos, principalmente as motos. Estes aparecem como forma capaz de proporcionar não apenas diversão, entretenimento e sociabilidade entre os jovens. Acesso a bens de consumo e lazer parecem andar juntos e são complementares no contexto da pesquisa. As motos e os veículos são uma forma de melhorar a circulação dos jovens. Os meios de acessar estes bens são através do trabalho, sendo que o desejo de adquirir um fragmento de terra seja com a família ou não, representa a forma de conseguir o que desejam. O acesso a bens de consumo é importante porque produz uma dinâmica no mercado de compra e venda na localidade, principalmente na época de colheita do café conilon.

4.3 Atividades de lazer entre os jovens do Vale da Vitória para além do assentamento.

O lazer no assentamento Vale da Vitória possui algumas restrições em termos de diversidade de opções. A abordagem deste tema deixa claro que o lazer no interior do assentamento é importante, bem como sair para além do assentamento e buscar alternativas de diversão e sociabilidade em outras partes do município. Para os que já tem acesso a motos e carros isso, dado a mobilidade que estes meios de transporte proporcionam, facilita ainda mais esta busca de interação e sociabilidade em outros locais. O próprio acesso a estes bens proporciona uma aproximação com os outros jovens que não são assentados e mesmo com os outros jovens que são assentados e que moram nos assentamentos vizinhos. Esta nova geração de jovens, do contexto estudado, se aproxima pela similaridade de condições de acesso aos bens de consumo e do que partilham deste novo momento. No passado, provavelmente pela disparidade de acesso aos bens, esta interação e aproximação não se davam como na atualidade.

E- Naquela época eu me lembro que o pessoal vinha para o KM 41 (Nestor Gomes) todos de bicicleta.³³

Márcio- Quem tinha bicicleta. A maior parte nem bicicleta tinha naquela época era todo mundo de pé mesmo.

E- Hoje até lá na Joeirana tem um barzinho, do Valdecir.

Márcio - Eu vou aparecer lá qualquer dia destes.

E- Aqui mudou bastante as condições das famílias.

Elson- Antigamente mal tinha uma bicicleta pra você andar, agora quase todo mundo tem uma motinha, um carro.

Márcio- O povo não está querendo nem andar de bicicleta mais não (risos).

A memória dos jovens casados expressa a diferença de condições de vida de alguns jovens e como houve uma mudança no padrão de mobilidade. A facilidade de acesso a financiamento de bens de consumo e mesmo as melhores condições de produção do café e da pimenta-do-reino proporcionaram um aumento do acesso dos assentados aos veículos.

Ter um veículo pode significar ser mais ou menos aceito nos grupos de jovens ou determinar relações como namoro. Aparece como uma forma de legitimação do jovem junto aos seus pares.

No assentamento Vale da Vitória um fato que chama atenção é a existência de bares. Este fato gera formas de ver o assunto a favor e contra no assentamento. São quatro ao todo, que funcionam diariamente, mais no período noturno, e que são de propriedade de pessoas do próprio assentamento. Eles foram lembrados como opção de lazer principalmente para aqueles jovens que não tem a possibilidade de mobilidade com mais facilidade pela falta de veículo e para os jovens casados mesmo aqueles que

³³ Por ter residido por muitos anos na localidade e devido ao meu pai ser ainda um assentado num assentamento vizinho (Joeirana), me proporcionou um bom exercício de memória, já que às vezes as narrativas dos entrevistados que compunham o núcleo de jovens casados que estão na mesma faixa etária que a minha, aproximadamente entre 30 e 40 anos, se confundia com minhas experiências no mesmo momento do passado aqui exposto pelos informantes. O período aqui referido perfaz a formação dos assentamentos da localidade de Nestor Gomes na sua fase de implantação e porque não desbravamento e até pela novidade e discurso sobre as ocupações em todo Brasil, causou incômodo e receio por parte das pessoas que ali já habitavam. Neste contexto de inserção em campo chamo à atenção ao fato de meu pai ter me acompanhado em várias visitas o que proporcionou uma grande aceitação e estreitou a aproximação, dado ao fato dele ser bastante conhecido na região e percebi que ainda sou conhecido como “o filho do Zé Vieira”, como ele é conhecido na localidade e nos assentamentos. Percebi que a categoria filho, no Vale da Vitória também é bastante acionada na identificação dos jovens tanto casados como solteiros. Assim em diversos momentos os jovens eram lembrados como filho de alguém e neste caso das famílias do núcleo fundador. Desta forma considero importante, mas não é o caso da pesquisa, a utilização desta categoria já que não é muito utilizada nos trabalhos que tive a oportunidade de ler.

já tiveram acesso a estes bens de consumo. Quando perguntado sobre os o lazer nos fins de semana, Márcio, jovem casado, disse que

E- E fins de semana o que vocês fazem de lazer?

Márcio- ultimamente eu to fazendo é mais nada (risos) nem bola eu tô jogando mais, de primeiro eu gostava de jogar bola, mas depois que eu machuquei meu joelho aí não tem jeito mais, só jogar um baralho e tomar uns goles no boteco só isso mesmo.

Já Elson quando questionado sobre o mesmo assunto, afirmou que,

Elson- Eu mesmo é só assisto. Eu vou lá no campo dá uma olhada no jogo, de vez em quando dou um “chutinho”, de vez em quando jogo no veterano aí pra dá uma força. Lazer... De vez em quando vou lá no bar e jogo uma “sinuquinha” só e pronto, é lazer, tudo é lazer, tá divertindo.

Os bares aparecem como opção de diversão e como ponto de encontro dos assentados do Vale da Vitória e dos assentamentos do entorno que frequentam estes espaços. Em minhas idas ao assentamento não vi mulheres frequentando estes locais, uma suposição plausível é de que são espaços masculizados. Nas entrevistas algumas pessoas disseram que mulheres que frequentam estes espaços, podem ser alvo de má interpretação em relação à conduta delas ou fofocas. Os bares representam ainda uma forma de se evitar, na visão de alguns entrevistados, que os jovens saiam do assentamento para buscar estes espaços em outros locais.

E- E os bares? Vocês acham importante ter bares no assentamento?

Elson- eu acho que é mais a questão de segurar a juventude aqui mais ao invés de ir pra rua arrumar outra forma de viver na rua lá, drogas esses negócio aí. Ele tá aqui no meio de nós é melhor, aqui ele só tá vivendo no meio da gente, lá no meio dos outros se ele vê os incentivos do pessoal usando os “trem” lá, as porcarias, essas coisas assim. Aqui não ele tá mais perto dos pais ele não tá lá na rua.

E- é proibido ter bar em assentamento?

Márcio- Teve logo nos início. Aí tiveram estas questões de proibir bar nos assentamentos mas depois não teve jeito não. Quase todo grupo tentou formar um bar que atendesse todo mundo nas comunidades, principalmente nas comunidades sempre tentaram formar isso, nunca, não tem nenhum que foi em frente, não tem nenhum boteco das comunidades que foi em frente aí o pessoal particular você consegue trabalhar melhor, e aí cada um faz funciona mesmo só dois de uns tempos para cá e aí se aparecer outros que destacar melhor que eles do que eles aí quem destacar melhor é que vai tomar conta.

Uma das tentativas foi de ter estes espaços vinculados à comunidade, mas conforme me disseram não funcionou esta ideia, ficando mesmo a cargo das iniciativas individuais.

Além dos bares uma outra fonte de lazer, e neste caso a principal, é o futebol aos domingos após a celebração na igreja católica ali existente. O campo aparece como um local de sociabilidade, em que existe uma maior participação de jovens tanto homens e mulheres, ali se misturam todos que compõe o *grupo*. Entre os participantes a maioria são homens, mas pode-se perceber a ida de mulheres neste espaço. Podemos dizer que algumas atividades de lazer, no contexto, são destinadas e apropriadas pelos homens como no caso dos bares e algumas atividades às mulheres no caso da participação nas atividades da *comunidade*, na igreja. No campo de futebol³⁴, apesar de ter algumas mulheres, a maioria dos que ficam no entorno assistindo a partida são do sexo masculino. Neste caso, não estou levando em consideração o lazer para fora do assentamento. A necessidade de criar espaços que agreguem tanto as jovens, quanto os jovens, bem como os mais velhos aparecem como uma demanda, mas que esbarra na falta de incentivo por parte da iniciativa pública, projetos que visem a construção de áreas de lazer no assentamento, praças, quadras poliesportivas e outras demandas que não são apenas do Vale da Vitória, mas de todos os assentamentos vizinhos.

Se percebermos, o campo de futebol é uma extensão do lazer aos domingos que podem vir precedidos de alguma festa no entorno, sede do município ou município vizinho. No time de futebol participam na sua maioria jovens solteiros e casados, que competem em campeonatos rurais, estendidos aos times de futebol de várzea que são identificados de acordo com a *comunidade* a qual fazem parte. Nos times existe um intercâmbio de pessoas, assim no Vale da Vitória existem jovens de outros assentamentos, moradores do entorno que fazem parte da equipe.

E- E os espaços de lazer aqui no assentamento, tem espaços para diversão para os jovens?

Cleberon- inclusive faz pouco tempo, cerca de um ano e com ajuda dos jovens nós plantamos a grama no campo, que nós temos campo,

³⁴ Um dos aspectos não percebidos na pesquisa, mas que se fazem interessante são a formação dos espaços de gênero no entorno do campo de futebol, ou seja perceber quais as relações estabelecidas neste entorno entre as pessoas, do sexo masculino e feminino, que estão partilhando aquele momento, tendo em vista que o jogo de futebol constitui-se num evento e num espaço importante de sociabilidade e de lazer das pessoas onde o campo está localizado.

tem uma quadra de areia, porém é particular mas todos jogam bola nos finais de semana e agora tem um projeto de fazer uma quadra de areia da comunidade mesmo lá ao lado do campo lá que tem este projeto

E- existe área de lazer aqui?

Jorge- O que tem mais na área de lazer é o campo de futebol e quando a gente fala no lazer você vê só o homem e não é só o homem, mulher também tem de ter lazer. Quando a gente fala em lazer não é só o homem que vai lá e joga bola, mas outras atividades que a “mulherada” pode estar participando, nós tínhamos de ter uma área coberta, ter uma quadra coberta, ter um forrozinho outras atividades que pode estar desenvolvendo e isso é bom para gente para permanência de todo mundo no local e onde a juventude tem estas coisas eles não pensam em de ir para fora, nem do assentamento ele não saia, ficava aqui não precisava ir para o Km 41 para outros lugares.

A falta de áreas de lazer, de alguma forma exclui aqueles jovens que não tem acesso a outras formas de diversão. A busca pela compra de um veículo pode ser uma consequência deste processo à medida que se configura num dos desejos dos jovens que já tem acesso a áreas para trabalho de forma independente da unidade familiar.

Foi-me relatado na ocasião a iniciativa de montagem de um telecentro no assentamento, onde os jovens é que iam gerir o laboratório de informática, alguns jovens já haviam feito um curso para aprender a manusear os equipamentos. Os computadores como me foi dito já tinham sido comprados, faltando apenas a montagem do equipamento para iniciar seu uso. Foi atribuída aos jovens falta de iniciativa e de interesse porque apesar de já ter toda a infraestrutura, o laboratório ainda não estava em funcionamento.

Mas de uma forma geral todos concordam que estes espaços de lazer são importantes para que os jovens permaneçam no assentamento. Este permanecer não se restringe somente à fixação, mas também na possibilidade de fazer com que o jovem não tenha que se deslocar, principalmente os que não possuem meios para se locomover com maior facilidade, deste modo o campo de futebol, os bares e a criação do laboratório de informática são vistos como fatores importantes para a juventude ali residente.

Valter- Uma coisa que tem que ter dentro do assentamento é diversão. Se tiver diversão e produção os jovens não saem. Os jovens saem pra estudar, mas vai e volta, os jovens quer conviver com os jovens, quer conviver com o povo, esta é uma realidade. Os jovens não são como

as pessoas que estão idosas que levanta de manhã, trata de uma criação, tem um lugar pra ir vai e volta logo, então os jovens não são assim, estão sempre querendo mais coisas, saber mais, que nem agora mesmo que teve esta questão do... A gente está trazendo o telecentro pra cá já era pra ter sido inaugurado já era pra estar funcionando, os jovens se propôs e a gente escolheu tem quatro jovens que vai prestar serviço e tem muita coisa boa, o que eu acho o problema dos jovens aqui é que tem muito jovem a maioria está nos pais. Isso não culpo os jovens não, eu sei que tem muitos jovens que não tem a cabeça bem no lugar, mas a principal culpa é dos pais, que não ofereceu oportunidade ou não se torna amigo dos filhos para que os filhos possa continuar seu trabalho, principalmente esta questão da terra. Tem família aqui os filhos não quiseram trabalhar na terra como o pai era uma pessoa que tinha um pouco de consciência não vendeu a terra, o neto trabalhando, pode dizer hoje é ele que vai ficar com a terra, nem o filho vai ficar, porque o cara trabalha, o cara é gente boa, tá lá trabalhando e mostrando exemplo pros outros. Os filhos não quiseram, mas o neto quis, nós temos isso aí. Menino novo de 22 anos está fazendo, está se destacando, tem vários aqui.

Não foi uma das questões abordadas, mas as atividades do MST, também se inserem neste contexto de atividades de lazer dos jovens, à medida que os espaços das ações coletivas do movimento também possuem espaços de diversão, nas atividades culturais em horários definidos de acordo com cada encontro. Apesar de ser atribuída aos jovens do assentamento pouca disposição para ir às ações do MST, percebi que vários dos jovens já haviam ido a alguma atividade do movimento. Estes espaços podem ser vistos como sociáveis e dá a oportunidade dos jovens envolvidos poderem viajar, já que as atividades são variadas e acontecem em nível municipal, estadual e nacional.

Alternativas variadas aparecem por parte dos próprios jovens, principalmente por aqueles que fazem parte do *grupo* de jovens da igreja católica ali localizada. Entre as iniciativas estão algumas viagens a praias localizadas no município de São Mateus, churrascos entre os jovens solteiros e festas utilizando o espaço da comunidade.

E- e o assentamento aqui tem área de lazer?

Júlia- Olha, aqui assim lazer quase não tem, eu acho assim deveria ter pra agradar a todos, que nem assim o que tem aqui é futebol no domingo e nem todo mundo gosta.

E- e os churrascos acontecem aqui dentro do assentamento?

Júlia- É dentro do assentamento.

E- No lazer você está falando...

Júlia- eles não pensam numa coisa mais criativa, que seja uma coisa assim diferente que veja... Que possa trazer coisas boas para os jovens, não farrear, fazer uma caixa de isopor de farofa, comprar cerveja ir para Guriri (nome de uma das praias em São Mateus), eu não acho assim, eu não concordo. Acho que deveria ter uma coisa mais criativa assim. Tem muitas coisas boas, umas coisas que você pode conhecer, pode ser uma viagem, mas para lugares diferentes, mas nem todos pensam assim. Eles querem ir à praia, eu não penso assim, mas eu não vejo... Eu sei que não adianta eu tentar “lutar” com dez eu sozinha mas eu sempre coloco minha opinião, mas se eu não vou conseguir colocar na cabeça de todos, se a maioria quer e tal eu to junto também, mas eu sempre tento colocar minhas ideias, minha opinião. Eu sou uma pessoa assim que eu gosto de coisas diferentes, coisas novas. Eu adoro coisas diferentes, coisas que me chamam a atenção assim, mas nem todos pensam assim.

Estas iniciativas reforçam a ideia de uma separação das três gerações, com a criação de espaços dos jovens solteiros, jovens casados e o núcleo fundador. Parece-me que estes espaços em alguns momentos ficam bem definidos. E o ponto de ruptura é o casamento e que delimita esta fronteira entre ser jovem, que aqui está fundado em diversas dimensões de percepção do ser adulto ou jovem. Os jovens solteiros se identificam como jovens por outro lado já os jovens casados também se auto identificam como jovens, mas quando se trata de atividades que requerem maior grau de comprometimento, eles se põem como adultos porque assumiram e formaram uma nova família e passam a participar mais dos espaços do núcleo fundador, há uma maior aproximação das duas últimas gerações após o casamento do jovem, fundado num maior nível de responsabilidade que lhe é atribuído. Ser casado, principalmente para os que não acessaram a terra de forma alguma, representa maior disponibilidade para trabalhos fora do assentamento, como diaristas ou no comércio local. Isso distancia ainda mais as duas primeiras gerações de solteiros e casados, que mesmo se auto identificando como jovens colocam-se em lados diferentes.

O *grupo* de jovens como os outros espaços, também constitui um momento de lazer, para além da discussão de temas relativos à vivência dos jovens principalmente dos solteiros.

E- e o grupo de jovens da igreja como funciona? O que vocês conversam quando se reúnem?

Cleber- olha só a princípio assim, logo de começo assim a gente...a primeira coisa a gente se reúne na igreja e primeira coisa

vemos o lado religioso nosso, católico de tá dentro da igreja discutindo todos os problemas, as dificuldades que os jovens tá aqui no assentamento. Um exemplo que acontece que tá atingindo muito os jovens, não só no assentamento, mas em todos os assentamentos, questão de drogas, seja ela qual for de cigarro estas coisas, a gente debate bastante isso pra ver quais os motivos e as maneiras corretas de tá saindo deste vício, um exemplo tem gente que tá fumando, bebendo, chega uma época que falaram que entraram até drogas aqui, mas não foi nada comprovado, mas nós estamos aí debatendo, discutindo isso mesmo que acabou, mas a gente continua discutindo isso porque de repente acontece de num intervalo de quinze dias pra outro talvez a gente não está reunido, assim todos os sábados, todos os finais de semana encontre alguém fumando e bebendo essas coisas assim durante a semana, então a gente sempre tá debatendo isso, as dificuldades que nós estamos tendo com relação a tudo que estamos vivendo.

Em uma de minhas visitas tive oportunidade de acompanhar uma reunião dos jovens da igreja. Aliás, todos que estavam presentes eram solteiros, não havendo assim nenhum casado mesmo sabendo que existem recém casados, que deixaram de ir às reuniões do *grupo* de jovens. Esta organização dos jovens é importante porque algumas atividades, como dito anteriormente, são organizadas pelos componentes do *grupo* e em prol de se ter novas oportunidades de lazer nos fins de semana que não somente as saídas para festas no entorno e municípios vizinhos, a bares e ao campo de futebol existente no assentamento. Já expressado foi o fato de haver a necessidade de criação de espaços de lazer nos assentamentos para maior integração não somente dos jovens, mas também de todo o grupo de pessoas que integram o Vale da Vitória.

Os espaços de lazer no Vale da Vitória são poucos e se resumem aos bares, o campo de futebol, festas promovidas esporadicamente, e aos momentos de reunião na igreja. Há uma tendência à criação de formas de lazer por parte dos jovens solteiros através do *grupo* de jovem da igreja. Viagens, idas à praia, festas no assentamento são algumas ações implementadas por eles. Atividades do MST também aparecem como formas de promover a sociabilidade dos jovens, através de encontros e ações que este movimento promove. De uma forma geral todos os entrevistados acreditam que há necessidade de se aumentar os espaços de lazer no assentamento e que estes sejam diversificados que possa agregar não só os jovens, mas todas as pessoas do assentamento.

4.4 A EFA (Escola Família Agrícola): educação e permanência

Existe uma importância dos mediadores³⁵ no contexto da luta pela terra no processo de reforma agrária no Estado do Espírito Santo. Durante minhas visitas e conversas com os assentados não só do assentamento Vale da Vitória, mas também de outros assentamentos da localidade de Nestor Gomes, percebi que esta influência ainda persiste até hoje. Talvez não numa efervescência como no passado, entretanto com traços marcantes. A EFA³⁶ de Nestor Gomes é destes casos e ainda hoje influencia e serve como referência para formação dos estudantes oriundos da agricultura familiar local e de municípios vizinhos, bem como dos assentados que residem nos assentamentos do entorno. A escola atende alunos que estão estudando cursando o ensino fundamental. Na oportunidade de minha visita a esta instituição pude presenciar a ampliação dos prédios, que, segundo o diretor da escola a intenção é ampliar as turmas e criar turmas de ensino médio para formação de técnicos em agropecuária.

A metodologia adotada é a pedagogia da alternância³⁷ onde o aluno tem um período na escola e outro junto à família ou na comunidade em que participa desenvolvendo o que aprendeu na escola. Segundo o diretor da escola em entrevista,

E- Como funciona a pedagogia da alternância?

Diretor- A filosofia da EFA ela veio da Europa, veio da França em 1935, surgiu na França e em 1968 veio para o Brasil, para o Espírito Santo e daqui se expandiu para todas as regiões do Brasil e a pedagogia da alternância é esta da promoção humana, de estar desenvolvendo o homem em todos os seus aspectos social, político e econômico, este é o básico da pedagogia da alternância.

³⁵ Para maior aprofundamento ver Valadão (1999).

³⁶

Um pequeno grupo de agricultores franceses insatisfeitos com o sistema educacional de seu país, o qual não atendia, a seu ver, as especificidades de uma educação para o meio rural iniciou em 1935 um movimento que culminou no surgimento da pedagogia da Alternância. Esse grupo enfatizava a necessidade de uma educação que atendesse às particularidades psicossociais dos adolescentes e que também propiciasse, além da profissionalização em atividades agrícolas, elementos para o desenvolvimento social e econômico da sua região (citado por, Teixeira et al., 2008).

³⁷ A pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza os conhecimentos acumulados, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico (citado por, Teixeira et al., 2008).

A história da escola família se confunde com a formação e desenvolvimento da localidade, e conseqüentemente da formação dos assentamentos ali instalados nos anos de 1980. Como me contou o diretor da escola,

E- Conte um pouco da trajetória da EFA aqui em Nestor Gomes?

Diretor- A escola família em Nestor Gomes começou em 1972. Aqui havia uma situação de... Era chamada a época do início do chamado, do famigerado milagre econômico e havia na região problemas da invasão das empresas reflorestadoras entrando na região, de certa forma expulsando o homem do campo, um êxodo rural forte, motivado por aquilo que diziam: “vende a terra, coloca o dinheiro na poupança, que você não precisa trabalhar nunca mais”, então era essa uma forma de tirar o pequeno agricultor da terra e ir para a cidade para servir de mão de obra barata nos grandes bolsões que se formaram nas periferias das grandes cidades. E aqui na região foi forte a entrada, principalmente do eucalipto e com isso o êxodo rural muito forte, então a escola nasceu, mais ou menos com esta proposta de estar se contrapondo ao êxodo rural na região, de certa forma foi conseguido algumas coisas, é claro que não sanou o êxodo rural porque a escola também não tem toda esta força, mas de certa forma melhorou as condições de vida do campo, hoje tem pessoas que continuam no campo depois de ter terminado a escola família, se forma e acaba voltando para a região, para a propriedade rural, para a propriedade da família ou em terras, enfim, mas continua ligado ao campo.

Para Caliari (2002) a escola transformadora é o local oportuno para o exercício do ato do ouvir e do ato de refletir sobre a realidade vivida pelo jovem rural. Por um lado, absorvedora da problematização formulada pelo jovem e, por outro, propulsora, mediante ato contínuo da reflexão, da ação refletida. O aluno, sujeito ativo desse processo, capta as indagações e problematizações advindas de sua realidade vivida em sua família e na comunidade. Transfere-as para a escola e, por um processo de explanação em comum, compara com as dos outros envolvidos, as analisa, as interpreta e as generaliza com o coletivo.

A EFA em sua trajetória perfaz todo este espaço/tempo histórico local nas suas mudanças estruturais e fundiárias, sua importância está na sua capacidade através da pedagogia da alternância e da sua metodologia de ensino de fomentar a vontade de permanecer no campo, principalmente por parte dos jovens e do estreitamento da relação família e escola. Pode-se afirmar que a EFA tem um importante papel no desenvolvimento local³⁸. Na compreensão de Caliari (2002) esta forma de

³⁸ Para aprofundamento nesta questão ver obras citadas no levantamento dos trabalhos que envolvem o universo das EFAs no Brasil e sobre Pedagogia da Alternância intitulado “Estudos sobre Pedagogia da

desenvolvimento se converte numa lógica de participação e mobilização popular. É a base de conversão de propostas em práticas efetivas, preponderando o fortalecimento das decisões dos atores sociais envolvidos e sendo capaz de gerar dimensões de mudanças sociais, crescimento econômico, preservação cultural e ambiental.

E- Na década de 1980 começou aqui as ocupações de terra. Eu queria que você falasse como a EFA atuou e se ela atuou de alguma forma naquele período de ocupações principalmente da fazenda Georgina?

Diretor- A escola sempre teve a preocupação principalmente na questão educacional, dá apoio na questão educacional e na época, praticamente não havia nenhuma forma de locomoção, a escola sempre serviu como ponto de encontro, mais até de um carrinho velho que tinha de servir pra levar gente pro hospital. Além de estar discutindo proposta educacional também dando apoio logístico (risos), porque na época não tinha nem uma ambulância na região, então a escola fazia um pouco isso também, tanto quanto assistencialista na época, depois a região foi melhorando veio ambulância, médico e a coisa deslanchou, mas o início além de servir de apoio, esta questão mesmo de transporte que muitas vezes a escola fez porque não tinha outra...

E - Para os acampados da época.

Diretor - pros acampados.

No que concerne a importância da EFA para a localidade e para os assentamentos, que ainda hoje ela figura como local de sociabilidade e de ponto para reuniões não só de assentados como também de agricultores familiares do entorno. Este aspecto demonstra que a importância da escola vai além do aspecto educacional. Isso está ligado à interação e apoio indireto dado às iniciativas de ocupação de terras na localidade desde a primeira ocupação da Fazenda Georgina na década de 1980 do século passado.

Nesta trajetória vários alunos oriundos dos assentamentos passaram pela educação da EFA, exemplo disto são alguns jovens do assentamento Vale da Vitória, que passaram ou pela EFA de Nestor Gomes ou por alguma outra unidade das EFAs que estão instaladas nos municípios vizinhos. Ainda hoje não só nesta mas em outras unidades existe um quantitativo significativo de alunos do Estado que são filhos de assentados. Como podemos perceber na fala do diretor da escola em Nestor Gomes têm alunos que vem de assentamentos do entorno, mesmo tendo uma escola de ensino fundamental e médio vinculado à Secretaria Estadual de Educação que atende a

Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa” desenvolvido por Teixeira et.all. (2008).

população, assentada ou não, desta parte do município de São Mateus. Segundo o diretor da escola apesar da criação de escolas próprias nos assentamentos e da possibilidade de acesso a educação no assentamento, a EFA ainda continua a receber alunos, hoje aproximadamente 09 alunos filhos de assentados estudam na EFA de Nestor Gomes, que ainda atende apenas ao ensino fundamental.

A implantação dos assentamentos na localidade, completa o diretor, mudou o distrito de Nestor Gomes que cresceu bastante não só em termos de população, mas também em termos econômicos, melhorou a agricultura, e proporcionou uma melhoria na formação, na estruturação dos movimentos sociais na região. Para ele, melhorou não só a questão econômica, mas também a questão da formação das pessoas na região. Destaca ainda o fato deste processo de implantação de assentamentos e atuação do MST ter proporcionado a várias pessoas na região a possibilidade de passar por um processo de formação inclusive ele próprio que teve como se qualificar melhor através de cursos e atividades. A EFA atua paralela a este processo e propicia aos jovens um novo olhar em relação à possibilidade de permanecer no campo.

E- Vocês discutem a questão da permanência do jovem no campo?

Diretor- Olha a gente primeiro motiva o aluno dizendo que o campo é um lugar bom de se viver, que é do campo que se tira toda a parte da alimentação humana. Enfim o meio rural é um lugar bom de se viver mesmo os alunos que saíram para fazer cursos fora, que eles procurem voltar pra ajudar a própria formação do campo. Nós temos vários ex-alunos que passaram ou pela Rural (UFRRJ), ou pela Universidade de Viçosa e que hoje estão no campo, estão em suas propriedades ou estão diretamente ligados na terra, estão na formação nas escolas, nos sindicatos, no MPA e em outros movimentos da região. Muitas vezes não estão diretamente ligados na propriedade, mas estão fazendo algo em função do campo.

Segundo Pietrafesa (2008) a EFA proporciona maior integração entre a juventude rural, o sistema produtivo, sua reprodução social e a manutenção das relações familiares, o que pode ser identificado como indicadores de sustentabilidade na área rural. As famílias de assentados e as organizações de apoio (CPT, Diocese de Goiás, Mosteiro da Anunciação, dentre outros), perceberam que para melhorarem as condições de vida dos agricultores familiares de Goiás, a permanência da juventude no meio rural e a elevação de sua escolaridade eram fatores determinantes. A experiência da EFA

indicou que é possível a criação de uma formação que supere a visão bancária de educação. Neste caso pode-se afirmar que a teoria e a prática estavam, enquanto proposta e, enquanto atividades cotidianas, caminhando juntas. Isso permitiu que, entre outras coisas, se abrissem caminhos para que esta juventude refletisse sobre seu papel nas propriedades e seu próprio futuro. Quando perguntado sobre se a EFA tem alcançado o objetivo de fazer com que os jovens permaneçam no campo o diretor afirmou que,

Diretor- tem alcançado, hoje nós temos uma faixa de 85% dos nossos ex-alunos que permanecem no meio rural, mas é claro que a escola não pode ser sectária e dizer: “não o aluno que estudou na EFA tem que ficar no campo”. Eu acho que isso é uma opção de cada um, mas o que nós temos hoje é que em torno de 85% destes alunos permanecem no campo diretamente na propriedade, ou no sindicato, ou no MPA, ou no próprio MST... Mas a grande maioria está na terra mesmo, na propriedade da família ou já conseguiram uma propriedade e estão trabalhando naquilo que é deles.

Não dá para dizer que a permanência de jovens nas propriedades locais é tão somente em função da ação da EFA, entretanto ela tem papel fundamental neste processo. No caso dos assentados a educação formativa da EFA aliada à vivência nos assentamentos, que em si já encerra uma dinâmica diferente, bem como o que significou o processo de luta pela terra, sem dúvida esta instituição com sua formação tem sido determinante em alguns casos para permanência dos que ali passaram. A própria valorização da terra conquistada e o desejo de muitos de continuar no assentamento, já mostrada por autores como Castro (2005), aliada à formação técnica constituem uma motivação de permanência. Isto porque, o ensino técnico aparece como uma ferramenta capaz de proporcionar um melhor manejo da terra e da produção, assim fazer o curso técnico voltado para a área agropecuária significa uma forma de criar meios de através do uso racional da terra, ali permanecer. Isto, aliado à pedagogia da EFA e a tendência à valorização da propriedade por parte dos jovens são, em minha concepção, elementos que aliados ao aspecto do conhecimento se configuram em fundamentais para a permanência dos jovens que passaram pela instituição.

Além da EFA o MST com suas atividades formativas através de suas ações e dos cursos de formação tanto no Centro de Formação Maria Olinda como em outros locais apareceram como importantes. De um lado, temos a formação da EFA que é vista como importante e por outro o MST que através de sua forte atuação nos assentamentos

da localidade de Nestor Gomes consegue influenciar questões diversas. A conjugação da ação destes dois mediadores amplia o leque de pessoas que participam tanto em um como no outro. Desta forma mesmo jovens que nunca participaram de atividades do MST podem ter estudado na EFA e vice-versa. O esforço a seguir foi no sentido de perceber a atuação destes dois mediadores a partir de questões abordadas na pesquisa que visavam entender se realmente existe relação dos mediadores com a permanência da juventude.

4.4.1 A EFA e o MST: opção de ensino e formação que ajudam na permanência.

Como dito no tópico anterior a EFA se confunde com a formação dos assentamentos da localidade. E ainda hoje constitui modelo referencial de ensino para os filhos de assentados da região. Isto vai além da metodologia que prevê um tempo de quinze dias junto à família, o que dá possibilidade do aluno ajudar na propriedade. A opção está em torno do que representa a escola para os assentados. A principal imagem que se formou em relação a EFA, está no sentido de propiciar a permanência e criar no jovem a ideia de que é possível viver no campo. Na estrutura da EFA, na associação de pais existem alguns assentados que fazem parte e que atuam diretamente no cotidiano da escola. Esta instância funciona como um elo entre as famílias e a escola. A conexão entre os assentados e a escola remonta à proximidade que se estabeleceu nestes anos, o que não era e nem é possível com a escola do Estado. Isto porque ela não está voltada para formação do jovem para trabalhar no meio rural e possui uma formação de base tradicional e porque não existe uma integração entre a escola do Estado e os assentamentos.

E- Você acha que nestes anos de fundação do assentamento até hoje, você falou que a permanência é diferenciada e que tem mais jovens que permaneceu no assentamento, você acha que os cursos de formação do MST e a existência da EFA, ela contribuiu de alguma forma?

Jorge- A escola luta pra que o camponês fique no campo, não é uma coisa assim de forçar a barra você tem que ficar, ela vai preparando o indivíduo para ele assumir estas condições. Hoje o camponês, que sempre foi, o que trabalha na enxada, pra fazer as coisas era tido... "Não o cara capina, eu não quero nem saber disso". A vida não é assim. Então o camponês não pode viver na agricultura um cara que não entende nada, nem que ele trabalha com a enxadinha dele, com as coisas que ele tem simples, mas o cara... O que tem ter um cara

estudado aqui dentro? Um engenheiro agrônomo, um técnico? A agricultura precisa disso. E o que a escola prepara é o pessoal para isso. Não é só estudar pra empregar a agricultura também precisa ter gente qualificada, tendo em vista que hoje tem internet, tem computador em todo lugar. Como é que um agricultor vai acessar isso? Até os eletrodomésticos que vem hoje se a pessoa não souber ler nem nada, ele não sabe nem manusear nem uma televisão, nem as coisas de casa. Então não é essa a visão. Nós estamos tentando superar e quem estuda lá (EFA) supera isso, na escola, e os cursos que o movimento faz é para preparar o cara para o mundo. A juventude não pode ficar aí encostada. Para isso o movimento faz muito bem e quem entra no movimento às vezes participa de alguns acampamentos e você vê algumas pessoas quietinhas não fala nada e com esta preparação o cara começa. A gente conheceu muita gente aí que a gente não dava nada por ele e o cara é líder. Ele fala e o cara está estudando, está preocupado e tem toda esta vantagem que ajuda o sujeito a ser “gente mesmo”.

A opção pela EFA ainda tem relação com a importância que é atribuída aos cursos de formação na área agrícola, como forma de melhorar o trato com a terra e maximizar a produção. Os jovens aparecem como elementos a serem formados para trabalhar de forma mais racional e fazer com que a propriedade seja mais bem conduzida. Assim estudar na EFA, concluir o curso técnico, também confere reconhecimento do jovem perante a família e também junto ao assentamento. A importância de estudar aferida pelos assentados, a opção pela educação do campo, como forma alternativa ao ensino tradicional, remonta também da ênfase dada pelo MST na formação educativa das pessoas. Esta consciência da necessidade de se capacitar não é uma particularidade do assentamento Vale da Vitória, na verdade é núcleo comum aos assentamentos do entorno, onde não é difícil encontrar pessoas que estudaram na EFA tanto de ensino fundamental como ensino médio.

A importância dada a EFA pelos assentados do Vale da Vitória apareceu em vários momentos nas perguntas que se referiam à permanência. Quando perguntado em relação à Escola Família, sobre a importância que ele atribuía à EFA em relação à permanência de jovens, Márcio afirmou que,

Márcio- no assentamento teve uma boa parte desta juventude que logo no início eles estudaram na EFA. E aí o que a EFA prega até hoje é isso, a permanência do jovem no campo, e eles se seguraram por aí. Por isso que uma boa parte da juventude não saiu das suas residências até hoje, além de assentados tem aqui os vizinhos que são pequenos

proprietários e que todos eles estudaram na escola família e eles permanecem no campo até hoje.

Elson- Eu me formei na EFA aqui no Km 41 (Nestor Gomes) e me formei no segundo grau em Jaguaré. O bom da EFA é que ela prega a mesma coisa que a gente, prega o socialismo e trabalhar junto, e a questão do nível social. Na EFA tem pequenos, médios e grandes proprietários que estudam. Os “grandes” se sentem à vontade junto da gente que é pequeno. Eles se sentem à vontade porque eles participam mesmo junto com a gente e defendem os mesmo direitos que a gente defende também. Então a EFA é bom por isso daí chama atenção de um monte de gente para trabalhar de forma igual.

Um dos fatores que relacionam a permanência dos jovens à educação do campo aqui mencionada está na vivência e experienciação na escola. A formação voltada para o mundo rural vista sob outra perspectiva propicia uma maior valorização do lugar em que vivem. A educação voltada para a realidade em que o jovem se insere nas particularidades do contexto social se mostra como um fator relevante, porque aproveitam nas suas dinâmicas, fatos voltados para o cotidiano das pessoas. Além de trabalhar a parte de uso racional da terra, ainda trabalha a necessidade de se lançar mão de outras formas de uso da terra como, por exemplo, a prática de técnicas agroecológicas na propriedade familiar.

A interação proporcionada pelos momentos em que o jovem fica na EFA, aproxima os estudantes da escola e dos seus colegas durante o período em que tem que permanecer na escola em atividades de campo e de sala de aula. A escola ainda constitui, como pude perceber nas entrevistas, ambiente de sociabilidade entre os alunos, que é convertida em troca de experiência entre estes. Há uma integração entre os jovens que estudam, independente de suas origens, seja sem-terra, assentado, morador dos centros urbanos, filho de agricultor familiar e de médios proprietários.

E- Você estudou em qual escola família?

Pedro- Eu estudei na escola do assentamento e estudei em Chapadinha³⁹ (Nova Venécia), e depois fui pra Boa Esperança⁴⁰.

E- Na EFA?

Pedro- isso.

³⁹ Esta localidade possui uma Escola Família Agrícola voltada para formação em nível fundamental.

⁴⁰

A EFA localizada no município de Boa Esperança recebe vários alunos dos municípios do entorno e é voltada para formação de técnicos em agropecuária. Os alunos são de origem diversa, desde assentados até moradores dos núcleos urbanos vizinhos.

E- Seu estudo na escola família ajudou você a permanecer aqui no assentamento?

Pedro- Também, pra mim eu acho que a EFA me ajudou muito na questão com relação a encarar mesmo as coisas do dia a dia, de não ter medo de se desafiar, de encarar as dificuldades. Isso aí no período que você está dentro da escola, se a pessoa olhar, aprende muito porque tem que viajar sozinho pra ir pra escola, sair pra fazer estágio. Então, o cara começa a conviver com as pessoas, aí a gente aprende porque você tem que aprender a conviver com as pessoas do jeito que cada um é. Eu acho que pra mim foi muito importante, lógico que além de estar no assentamento, de ter ficado a partir do acampamento, eu acho que uma coisa ajuda a outra. É a escola da vida, uma coisa complementa a outra eu acho, que voltando à questão do início do acampamento, quando você vem convive com pessoas que você nunca viu, não sabe nem do jeito que é, e aí o que a gente tem é que aprender com as diferenças de cada um.

Além do que já foi dito a EFA representa uma oportunidade dos jovens saírem do seu ambiente e de terem mais autonomia em relação aos pais. Eles têm a possibilidade de interação não tutelada, ou seja, é uma forma de se desvencilhar do controle familiar de suas ações. É um momento que o agente participante começa a criar novas redes de amizades com outros de sua mesma geração, experimentar conflitos próprios da convivência com pessoas estranhas a seu ambiente e com histórias e trajetórias familiares e de vida diferentes da sua. A própria troca de experiências destas trajetórias diferentes, de pessoas diferentes acrescenta na vivência do jovem. Um exemplo disto é a troca de experiências individuais no manejo de algumas culturas que são levadas para o coletivo dos alunos na escola e que podem ser adotadas por outra família.

A EFA através da sua forma de educação do campo reforça o habitus de trabalho voltado para o campo. Este processo é reforçado pela vivência e sociabilidades experimentadas pelos alunos quando estão na escola. Este fator pode ser reforçado com a atuação de outro mediador importante no que é o Movimento Sem Terra. Além da inserção direta, criou o Centro de Formação criado pelo MST, o CEFORMA (Centro de Formação Maria Olinda). Esta é uma das particularidades do contexto em que se localiza o assentamento Vale da Vitória. O centro foi criado oficialmente no 15º Encontro Estadual do MST-ES, realizado em seu auditório, entre os dias 13 a 16 de

janeiro de 2004. O centro possui uma área de 10 ha doada pelo Assentamento Joeirana⁴¹ onde já funcionou o CIDAP⁴² (Centro Integrado de Desenvolvimento de Assentados e Pequenos Agricultores do Espírito Santo).



Foto 2: Auditório do Centro de Formação Maria Olinda.

O Centro de Formação Maria Olinda é mantido pelo MST e visa a formação de militantes oriundos de todo o Estado do Espírito Santo e de outros Estados. Ali acontecem cursos e reuniões do MST em nível estadual e também nacional. A existência deste centro de formação é importante e suas atividades são um complemento na formação, isso para além da questão educacional e formação técnica. Na ocasião de minhas entrevistas tive oportunidade de conversar com um dos coordenadores da região e também estadual do MST, a respeito das atividades do centro de formação e sobre seu funcionamento. Segundo José Carlos,

José Carlos- Hoje o CEFORMA - centro de formação Maria Olinda funciona com atividades dos movimentos e vários encontros na área de formação. Não são atividades de formação oficial e ainda não são cursos legalizados, mas são um processo de formação que é trabalhado pelos movimentos sociais através da Via Campesina que

⁴¹ O assentamento Joeirana é originário do 1º PNRA, é composto por 18 famílias que tiveram acesso à terra em 1987 e está vinculado ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

⁴²

O CIDAP foi transferido para o município de São Mateus onde funciona atualmente. Este centro tem como objetivo captar recursos para serem investidos nos assentamentos e na pequena agricultura.

está junto, o MST, o MPA⁴³, a RASEFAZ que é as escolas famílias agrícolas, quilombolas e às vezes participação até de indígenas. Quanto aos cursos aí que a gente está querendo implementar novas turmas. A segunda turma do curso de técnico em agropecuária, do nível médio, uma próxima turma que seria a terceira turma de pedagogia da terra e está em fase ainda de discussão e de elaboração um projeto de um curso de agronomia. Isso é um sonho que nós estamos apostando na ideia de ter esta primeira turma, que passou tantos anos, e nós ainda não conseguimos. Vários outros Estados já tem o curso de agronomia e o Estado do Espírito Santo desde a criação do antigo CIDAP, a gente tinha intenção de avançar nesta área da formação dos cursos, mas acredito que agora a gente vai conseguir ter esta primeira experiência.

O Centro de formação virou um ponto de referência não só das atividades do MST, mas também de outras organizações ligadas ao campo da região e do Estado. A formação⁴⁴ é uma das prioridades dos movimentos sociais, pois garante a continuidade, a reprodução social do movimento. Assim procura-se formar em todos os espaços de ação coletiva, não somente nos cursos, mas nos congressos, plenárias, manifestações entre outros. Acredito que haja uma opção pela formação do jovem no interior do MST dada à ideia corrente de que os jovens têm uma maior predisposição ao novo.

Uma das novidades do centro foi a criação do curso técnico em agropecuária, cujas vagas foram distribuídas entre entidades ligadas ao meio rural do Estado e para assentados. O centro é equipado com dormitórios masculinos e femininos, refeitório, biblioteca, laboratório de informática e de um auditório utilizado para reuniões e cursos. A intenção é avançar em torno da formação não só militante, mas também técnica. Apesar de ser fundado e mantido pelo MST o centro visa formar não só os sem-terra e

⁴³

Movimento de pequenos Agricultores.

⁴⁴

“A formação política é um processo amplo e abrangente, que se realiza integralmente, seja através de cursos, reuniões ordinárias, ações coletivas, etc. Portanto, abrange diferentes momentos e estratégias e se constrói no cotidiano das lutas empreendidas pela organização. Esse processo deve ser programado e desenvolvido para atender os diferentes níveis: base, militantes e dirigentes-quadros da organização. Nesse sentido, dois aspectos merecem destaque: o das mulheres e da juventude. Os processos de formação devem impulsionar e qualificar o debate em torno da participação das mulheres dentro da organicidade e instâncias de coordenação e direção, elevando a participação das companheiras no interior do Movimento, bem como, possibilitar a concretização das linhas políticas em torno desta temática. No que tange à juventude, entendemos que a formação deve criar linguagens adaptadas a essa realidade, mas sempre com o enfoque no sentido da responsabilidade. Deve pensar metodologias criativas, participativas, que permitam o desenvolvimento político da consciência, bem como o seu envolvimento no processo organizativo do Movimento. A formação deve sempre buscar comprometê-la (a juventude). É importante resgatar o papel histórico que a juventude desempenhou em muitos processos revolucionários, como forma de estimulá-la para a luta, para a organização do povo, buscando subverter a ordem burguesa estabelecida”. (Pizzeta, 2007, 243).

assentados, e sim propiciar vagas para formação a outras entidades. Não constitui uma exclusividade do Movimento.

No assentamento, a maioria dos entrevistados já participou de encontros do MST ou alguma atividade de iniciativa do movimento. A imagem em relação ao MST é positiva, este sempre foi lembrado como mais pontos positivos que negativos. A existência do centro de formação garantiu um impulso e uma forma de aumentar as ações. O aprendizado, as experiências são vistas como incentivo ao apego à luta pela terra e conseqüentemente valorização do assentamento. Não só no Vale da Vitória, mas em todos os assentamentos do entorno, esta participação nas atividades é expressiva. De um ponto de vista, o próprio fato de alguns militantes serem remunerados pode ser visto como uma forma dos jovens que ingressam no MST, buscarem isso como fonte de renda, para além do assentamento.

Estas atividades que inserem os jovens são vistas como um incentivo à participação e se converte em capital simbólico perante o grupo. O jovem que sempre se dispõe a fazer parte de alguma atividade do MST, mesmo os solteiros, rompem com a imagem de falta de responsabilidade, que ainda se tem com relação ao jovem que seria, de acordo com alguns entrevistados, próprio da idade que é vista como uma fase de descomprometimento com as questões organizacionais do assentamento e para além do dele. Segundo Márcio e Élson,

E- Vocês acham que o MST influenciou na permanência dos jovens aqui no Vale da Vitória?

Márcio- eu acho que foi mais a questão do incentivo à produção e porque vários encontros que tem do Estado e até fora do Estado mesmo sempre o movimento deu autonomia do assentamento está ajudando a colocar a juventude pra estar fazendo estes cursos.

Élson- o movimento deu força para a juventude. O encontro mesmo, igual Márcio falou, a questão dos encontros fora do Estado ou aqui dentro do Estado, no Centro de Formação Maria Olinda, e eu, por exemplo, participei de um monte de cursos do movimento, por exemplo, *o realidade brasileira, o para jovens do meio rural* em São Paulo na Unicamp.

A participação nos espaços organizacionais do MST, por parte dos jovens do Vale da Vitória e dos assentamentos do entorno, é significativa como pude perceber nas

minhas visitas, com a implantação do Centro de formação provavelmente tenha aumentado. O Centro de formação se soma a todo um complexo de características que a localidade possui que influencia na vivência dos assentados e na dinâmica dos assentamentos, é um local que, como a EFA, se configura num ponto de encontro nas ocasiões em que lá se realiza algum evento.

E- Tiveram outros jovens que participaram destes cursos? Você citou o Realidade Brasileira.

Élson- Daqui do assentamento se não me engano foi eu mais duas pessoas.

E- E em outros eventos a juventude participa?

Élson- não espontaneamente. Eles vão quando convidam para eles irem, porque sair daqui sem ninguém convidar eles não vão não.

Márcio- Ai de mim se não fosse o movimento, foi com o movimento que eu tive os conhecimentos que eu tenho até hoje eu devo muitas graças ao movimento ainda e mais ninguém.

E- mas de uma forma geral você acha que isso contribui?

Aelson- Aqui tem Arloni, que participa, tem o Jonas que se precisar ele participa, tem Salu, ali de Antônio, tem o Akelis que já vivi dentro do movimento, tem esse menino do Valtim, todas essas pessoas...

Estes eventos que os jovens participam além de proporcionar um ambiente de sociabilidade e de aprendizado geram uma sensação de pertencimento e engajamento não só à causa da luta pela terra no país, mas também renova sempre a necessidade do jovem assumir um papel do assentamento perante o *grupo* e na continuidade da propriedade. Uma das queixas expostas vai ao sentido da necessidade de se ter mais eventos e encontros voltados para a juventude dos assentamentos como forma de se trabalhar na maioria dos jovens o comprometimento com a luta pela terra e em relação a ficar no assentamento. Outras falas que apareceram nas narrativas, em alguns momentos, diz respeito aos jovens que são lembrados apenas no momento de se fazer algum tipo de ação coletiva. Não há um trabalho sistemático nos assentamentos com estes jovens por parte do MST. Apesar dos cursos e dos eventos realizados pelo MST, segundo algumas falas é preciso que haja uma ação efetiva em relação a trabalhar nos jovens o desejo de ficar no assentamento. Isso pode ser notado na fala da Júlia que apesar de achar muito importante a ação do MST na formação dos jovens, percebe uma falta de oportunidade de estar frequentando e participando, já que nem sempre são os

assentados que escolhem. Algumas vezes os nomes já previamente indicados para ir aos eventos ou cursos.

Robson- olha pelo que eu percebo, há uma participação. Mas ainda está em baixa, eu acho que deveria ser melhor. Acredito que em todos os passos devíamos pensar na ideia de que a juventude é a continuidade da família no lote, continuar aprovando a ideia da reforma agrária. Porque os mais velhos que vieram com seus quarenta, cinquenta, e sessenta anos para o assentamentos hoje vários estão com oitenta anos, então se não tiver alguém da família para dar continuidade praticamente há um desânimo da permanência daquela família no lote, no assentamento. Desta forma então eu acho que os jovens têm que participar melhor em todos os espaços seja ele o espaço religioso para quem opta pelo lado religioso, seja no espaço mais de organização interna. Eu acho que há uma participação, não podemos negar isso. Não podemos negar que em todos os espaços, inclusive no Vale da Vitória nós temos um bom grupo de jovens que participa na militância do movimento, que está ingressado em curso de formação política, estes cursos informais que o MST organiza a nível estadual como uma escola de formação estadual, mas ainda pode ser maior.

A quantidade de cursos e encontros na visão de alguns é insuficiente e não proporciona uma ampla participação sendo que ainda a quantidade de jovens que nunca participaram é grande. A proposição de que a não participação nestes espaços se deve ao desinteresse de alguns jovens não é a principal causa já que aparece este outro fator que é a falta de mais eventos. O desinteresse dos jovens se daria assim pelo não conhecimento da dinâmica e vivência no movimento o que afastaria os jovens da necessidade de se participar neste espaço. A participação nos eventos traria aos jovens o desejo de ficar e valorizar mais a terra tendo em vista o que eles já vivenciaram durante a trajetória do assentamento. Participar dos cursos do MST proporcionaria uma maior consciência até no trato com a lavoura na “lida” do dia a dia, trabalhando a capacitação do jovem e alertando para a necessidade de se trabalhar de forma coerente a terra, o que se converteria no aumento da valorização do local em que se está morando. Para Cleberson,

Cleberson- contribui pra você estar valorizando sua terra, sua própria terra, porque talvez muitas vezes lá no movimento eles te passam um exemplo, não é só a gente ficar batendo veneno na roça, a gente ficar capinando, temos que fazer diversificação com as plantas qualquer coisa que influencia pra estar melhorando. A tecnologia vai avançando só que dos dois lados: para o bem e para o mal. Um exemplo, estas questões de agrotóxico tão chegando nos assentamentos e o pessoal tá

aplicando só veneno e não quer capinar, coisa que o movimento sem terra, que eu to participando agora, tá ensinando. Não é só bater veneno, é agregar mais valor ao assentamento.

As queixas que aparecem por parte dos jovens, para a não participação nas atividades do MST estão também relacionadas ao tempo que se tem que dispor para estar no evento, ou seja, neste período em que se está fora não se trabalha na propriedade ou em outras atividades remuneradas fora do assentamento. Desta forma para alguns jovens participar das atividades significa perda de tempo, em relação ao período em que poderiam estar desempenhando alguma atividade na propriedade. Esta ideia remete ao fato do valor simbólico que os jovens do Vale da Vitória dão aos bens de consumo, onde o trabalho é a ponte para acessar estes bens.

A EFA e MST têm papel direto na permanência e participação do jovem no espaço a qual está inserido. A EFA entra com o quantum que é o lado formativo seriado e profissional. Mesmo sendo ensino não gratuito, a EFA continua atraindo os jovens assentados não só pelo ensino profissionalizante, mas também pelo que representa na história de formação dos assentamentos e luta pela terra na localidade e no município. O aspecto educacional profissional que o aluno adquire na EFA aliado ao seu conteúdo diferenciado voltado para o contexto ao qual está localizado, desperta em alguns o desejo de permanecer no campo. Outros fatores são a preparação que os alunos recebem, a sociabilidade criada nas escolas que contribui para este fornecimento desta “consciência” sobre o permanecer no assentamento na propriedade de terra familiar. Por outro lado a influência do MST na permanência dos jovens pode ser relacionada à ação que este tem sobre os assentamentos. Os líderes do movimento, na sua maioria, são oriundos dos assentamentos do município de São Mateus. Assim, pode-se afirmar que o nível de interferência é bem maior, já que muitos destes líderes ainda residem nos assentamentos. Aliado a isso, tem-se a opção que é feita pela participação e inserção dos jovens nas atividades do Movimento dos Sem Terra para formação de novas lideranças e militantes. E principalmente, o aspecto formativo encontrado dos eventos e cursos do MST que apontam para a valorização da terra. Os conteúdos dos cursos e suas dinâmicas são motivadores de permanência e engajamento não só às atividades do assentamento, mas também no MST. O aprendizado obtido nos diversos encontros, cursos, ações coletivas influenciam na vivência do jovem lá na base junto aos *grupos* que participam, e neste caso também do *grupão* e junto à família que valorizam este

aprendizado e vêm como uma possibilidade de construir no jovem a “consciência” da permanência.

4.6 O Assentamento Vale da Vitória e seu potencial de atratividade

Na tarefa de entender o lugar do jovem no assentamento incorporei uma questão, que era saber a partir das pessoas o que elas percebiam no Vale da Vitória que era atrativo do ponto de vista da permanência. A questão colocada foi posta aos três cortes geracionais existentes atualmente no assentamento, tanto núcleo fundador, jovens casados e jovens solteiros. Saber dos entrevistados este aspecto constitui de certa forma compilar alguns condicionantes já demonstrados ao longo do trabalho. Alguns fatores se mostraram importantes e valem à pena serem reforçados.

Uma das lembranças recorrentes foi a localização do assentamento e o desenvolvimento da localidade, que se deve principalmente ao desenvolvimento dos assentamentos que a partir do aumento da produção e conseqüente melhoria nas condições de renda, dinamizou a localidade e também a região.

Na opinião de Jorge o que fez com que os jovens permanecessem no assentamento por um lado foi o fato de todos terem vivido na roça desde o período que antecedeu a ocupação a qual eles se integraram, uma herança camponesa que os levou a lutar pela terra e que foi transmitido para os filhos na trajetória histórica do assentamento. Assim a valorização do histórico camponês aliado à valorização da luta pela terra foi importante enquanto condição para a permanência dos jovens no assentamento.

Júlia, filha de seu Aelson, apesar da pouca inserção das jovens na produção dos lotes e na fragmentação destes, acredita que a vida no assentamento é boa e capaz de prover alguns desejos, como fazer um curso superior de enfermagem. Sua família entrou através de substituição de famílias, ou seja, após a desistência eles foram incorporados ao *grupo*, mesmo assim ela admira a organização e a história contada das dificuldades enfrentadas no período de ocupação. A valorização da luta pela terra apesar das diferenças une as pessoas por laços de igualdade em torno do que representa toda a história do assentamento. Júlia acredita que ao conhecer melhor esta história e a

participação nas lutas consegue valorizar mais o assentamento do que algumas pessoas, mesmo aquelas que estiveram desde o início na formação do assentamento.

A criação de espaços para reforçar laços de amizade entre os jovens solteiros, principalmente, também são importante para integração e fortalecimento da união entre eles com a promoção de eventos para entretenimento, sua junção serve como uma forma de se criar alternativas para lazer e pontos de encontro entre eles em finais de semana.

O assentamento Vale da Vitória foi apontado por Ângelo como um lugar bom para se viver onde todos se conhecem e todos são amigos. Ele atribui ao Vale da Vitória o status de ser o melhor e mais desenvolvido dos assentamentos de Nestor Gomes e do município. A amizade também foi lembrada por Élson, irmão de Márcio ambos jovens casados que não quer se afastar do lugar devido aos amigos e à família. Mesmo antes de serem acampados, como destacou Márcio, a maioria das famílias que hoje compõem o Vale da Vitória vieram do mesmo lugar e já mantinham laços de amizade anteriores e de solidariedade como o “mutirão” nas lavouras cultivadas por eles.

Neste exercício de perceber qual a atratividade do assentamento, sua localização é algo muito importante para as pessoas que ali residem. Há um ponto de ônibus em frente à entrada principal do assentamento que facilita a ida de ônibus às cidades de Nova Venécia e São Mateus. Para Sara,

Sara - saiu ali, vai pro ponto ali se quiser ir para São Mateus vai, se quiser ir pra Nova Venécia vai, aí fica mais fácil.

A possibilidade de mobilidade com maior facilidade se mostrou imprescindível bem como o fato de a localidade ter se desenvolvido como fator capaz de promover a permanência dos jovens.

Uma das condições que tornou o assentamento atrativo, para seu Antônio Moraes foi a capacidade que os pais, as famílias tiveram de suportar as dificuldades na implantação do assentamento.

“Para mim isso é mais esforço dos pais que começou a trabalhar e o negócio deu certo. Eles (os jovens) achou que se saísse fora ia “quebrar” a cara. Então preferiu, achou melhor ficar perto dos pais”.

Alguns jovens que saíram retornaram, lembra Júlia, ou os que não voltaram não se afastaram e mantém vínculo com suas famílias que ali ainda residem, mesmo estudando fora do assentamento, fato que ela relacionou mais às meninas que estudam ou trabalham fora e voltam ao assentamento, ao passo que os homens, para ela é natural, que eles estejam ao lado do pai no trabalho diário da roça.

Quando questionado em torno do assunto, Pedro lembrou que quando trabalhou na extensão rural do MST atendendo assentamento em diversos municípios, principalmente região Sul do Estado, percebeu que existem poucos jovens nos assentamentos. Segundo ele,

Pedro- Em alguns assentamentos quase não existem (jovem). Tem uma diferença muito grande de uns assentamentos de outras regiões com os assentamentos desta região aqui. Eu vejo uma diferença, porque nestes assentamentos desta região tem bastantes jovens e em alguns assentamentos de outras regiões quase não tem jovem nenhum. Pode ser que se ele não está lá é porque aquilo não tem importância pra ele. Porque têm muitos que na primeira dificuldade larga e vai embora. Se o jovem não tem muita capacidade de encarar as dificuldades ele não vai dá muita importância àquilo. Agora eu só vejo o seguinte, no caso das mulheres é um pouco diferente porque muitas vão, saem do assentamento procurando emprego. Na roça pra mulher é meio complicado pra questão de trabalho.

Esta particularidade dos assentamentos desta localidade já na visão de Jorge foi o acesso dos jovens à educação. Na sua visão, para alguns jovens ficarem no Vale da Vitória a possibilidade de estudar e mesmo fazer um curso superior é real dado às condições de vida da maioria das famílias. Além disso, algumas vagas em cursos superiores são proporcionados pelo movimento Sem Terra que através de parcerias tem obtido vagas para cursos diversos como, por exemplo, na área de pedagogia.

Os potenciais de atratividade lembrados apontam para a permanência como algo envolto em vários condicionantes e que tem que ser pensado de acordo com cada contexto ao qual o assentamento está inserido.

Conclusões

A pesquisa girou em torno de perceber como se dava a participação, os condicionantes de permanência e a inserção dos jovens no assentamento Vale da Vitória localizado no município de São Mateus no estado do Espírito Santo. O assentamento aqui é entendido como um local de múltiplas dimensões e dinâmicas próprias construídas no processo de sua formação e na interação de sua população que, na maioria das vezes, é composta por pessoas de origens diversas.

A pesquisa mostrou que os jovens do Vale da Vitória se diferenciam entre jovens solteiros e jovens casados e isso foi importante para entender o recorte de juventude do assentamento. A percepção do jovem a partir de uma abordagem relacional permitiu entender melhor como ele é percebido e como se percebe nas dinâmicas dos grupos no assentamento. A concepção de juventude no Vale da Vitória ultrapassa a visão do jovem, simplesmente pela idade. Ser jovem no assentamento tem ligação com os espaços em que estes participam neste local.

Uma vez identificada, as diferenciações existentes, percebi a constituição de três gerações distintas que convivem no interior do assentamento. Cada geração vivencia o assentamento de uma forma, de acordo com sua condição naquele momento. Um ponto de ruptura, termo que optei ao invés de rito de passagem, é o casamento. Este é valorizado pelos assentados porque rompe com um estereótipo construído em torno da juventude, que é ver esta fase como de irresponsabilidade e falta de compromisso. A partir do momento que se casam os jovens passam a ser reconhecidos como não jovens. Assim, passam ser vistos como adultos, e, portanto devem participar dos espaços próprios dos casados. No caso a pesquisa mostrou que a igreja é o espaço em que as três gerações aparecem explicitamente. Os jovens solteiros frequentam o encontro de jovens e os jovens casados, junto com as pessoas que compõem os titulares de lote, o encontro de casais. E todos estes frequentam as celebrações e eventos da igreja.

A questão da inserção dos jovens nos espaços de participação do Vale da Vitória, quando observamos a dinâmica do *grupo*, mostra que na verdade somente os *titulares dos lotes* têm o direito de votar e decidir nas decisões mais complexas do assentamento. Aos jovens solteiros e casados não é dado o direito a voto. Isso fica explícito quando vemos a comissão do assentamento que não possui jovens e nem mulheres. A comissão é formada por titulares de lotes e, preferencialmente, homens,

mesmo que algumas pessoas achem que tanto jovens quanto mulheres devem adentrar este espaço. O *grupão* é um local não privilegiado dos jovens em termos de participação. A inserção e reconhecimento da participação do jovem sejam casados ou solteiros se dá a partir do momento que este acessa a um lote através de desistência ou da compra de um direito. Um vez que se torna proprietário, o jovem pode votar e não terá dificuldades em ser ouvido e se candidatar a um cargo na comissão do assentamento.

De alguma forma os jovens casados são os que ficam mais à margem da participação. Ao se casarem, não participam mais do *grupo* de jovens da igreja e não votam no *grupão*. A única forma de inserção é através do encontro de casados que trata simplesmente de coisas relacionadas à igreja.

Neste contexto de entender a inserção dos jovens, um outro local que agrega aos jovens é associação agroecológica. Nela tanto jovens casados quanto solteiros podem participar através de sua filiação. Além do aspecto produtivo e de gerador de renda a associação é um local que agrega, porque está desvinculado do *grupão*.

As estratégias para permanência dos jovens no Vale da Vitória são múltiplas. As principais que posso destacar são a saída de jovens para outros acampamentos ou assentamentos como forma de realocação de jovens, principalmente os casados, que formam outra unidade de produção familiar em outro assentamento. Outra que aparece em menor quantidade, mas pode crescer é a saída para trabalhar no comércio de Nestor Gomes. Já existem alguns jovens tanto homens quanto mulheres que saem para trabalhar e retornam ao fim do dia para o assentamento. Um outro aspecto é manter o jovem casado no lote da família dando-lhe uma parcela de terra para ele manter sua produção desvinculada da produção familiar voltada para a unidade familiar do *titular do lote*. A fragmentação dos lotes para filhos tanto casados quanto solteiros é comum. A jovem, neste contexto, não é privilegiada, a tendência é que quem assuma estes fragmentos de terra sejam filhos homens ou casados ou solteiros. Existem, em alguns casos algumas exceções, como percebi, onde há filhas casadas morando em lotes com seus maridos, mas, ainda, a maioria dos jovens que tem acesso a terra dentro dos lotes familiares são homens. Isto mostra que mesmo com toda dinâmica e características que colocam o assentamento como um local diferente, ainda é um grande desafio a inserção da mulher jovem em condições de igualdade aos jovens do sexo masculino.

Apesar dos jovens casados terem acesso a estes fragmentos de terra, isso pode ser transitório, podendo durar até conseguir um lote maior em outro ou no mesmo

assentamento. Quando se tem a possibilidade de saída de alguma família, a preferência é de algum jovem casado que tenha condições de adquirir o “direito” sobre o lote. Isso acontece depois que seja aprovado pelo *grupão*. Isso abre uma questão interessante. Idosos que todos os filhos saíram geram uma preocupação por parte de algumas pessoas, sob o argumento de que a terra está parada e tem gente querendo trabalhar, se referindo aos jovens casados.

A permanência depende das estratégias de alocação dos jovens nos espaços produtivos do assentamento e do aumento de sua participação nos espaços do participativos do grupo. Uma vez que isso funcione há uma tendência à permanência dos jovens. Um exemplo disto, foi o acesso a veículos em sua maioria motos. Estes veículos são importantes porque propiciam aos jovens maior mobilidade e facilitam a sociabilidade e diversão já que estes conseguem ir a festas e outros eventos mesmo aqueles que acontecem em outros municípios vizinhos a São Mateus.

Ainda em relação à permanência, outros fatores se mostraram importantes neste processo, vários dos entrevistados pontuaram a localização do assentamento e o desenvolvimento da localidade a qual se insere. Estes fatores são conjugados. O assentamento está próximo a Nestor Gomes e também a outras duas cidades, São Mateus e Nova Venécia, o que facilita a ida para adquirir produtos diversos, para estudar e também para atividades de lazer. O desenvolvimento da localidade por outro lado propicia a circulação da produção, compra e venda. Este desenvolvimento citado remete à fundação dos assentamentos na década de 1980, de lá pra cá houve crescimento da localidade tanto no comércio de vários itens que vão desde supermercados até loja de produtos de irrigação. Este fator se soma ao ambiente do assentamento que as pessoas veem como bom para se viver, e em relação aos jovens percebe-se que há uma migração de retorno, à medida que, quando saem nem sempre os conseguem colocação no mercado de trabalho. Alguns acham que não vale à pena sair porque os ganhos do trabalho no assentamento são maiores do que se eles tivessem em outro trabalho.

Juntamente com os fatores apresentados a existência da EFA em Nestor Gomes e em cidades vizinhas se mostrou importante. Isto porque na história dos assentamentos sempre houve uma proximidade grande entre a instituição que recebe filhos de assentados até hoje e tem em seu corpo de conselho três assentados que fazem parte. Aliado a isso foi uma valorização do conhecimento técnico como forma de melhorar e maximizar a produção. A formação dos filhos no curso de técnico em agropecuária ou

mesmo no aprendizado do ensino fundamental aparece ainda hoje como forma não somente de formação numa escola com uma pedagogia diferente, mas também é visto como uma possibilidade de melhorar a eficiência da produção. Além da EFA, o MST pelo seu significado e pela valorização da luta pela terra ainda persiste no imaginário dos assentados, principalmente dos mais velhos. Mesmo os filhos mais novos valorizam o esforço que os pais tiveram em chegar até o estágio atual dos assentamentos.

Para entender a inserção e permanência dos jovens no Vale da Vitória é necessário considerá-lo dentro de um contexto que irradia múltiplas possibilidades. Não dá para dizer que o assentamento está passando por um momento de estabilidade das famílias, mas a estrutura que a maioria delas alcançou é determinante neste processo. O aumento da produção e conseqüentemente da renda são fundamentais porque ampliam as possibilidades de permanência dos jovens. Isto porque eles estão sendo utilizados no trabalho familiar ou em seus respectivos fragmentos de terra cujo acesso é um dos objetivos principais da juventude.

A atratividade do Vale da Vitória está envolta a uma série de fatores, tanto internos quanto externos, que se complementam. É um somatório de fatores que contribuem decisivamente para inserção e permanência dos jovens no Vale da Vitória. Há uma convergência de fatores na dinâmica que apontam para a permanência como algo flexível. Esta permanência não significa estar fixo, mas pressupõe uma circularidade. Não é possível desvincular fatores externos e internos desta compreensão porque compõem um complexo de desenvolvimento local e dos assentamentos, particularmente, que influenciam nas decisões individuais.

Bibliografia

ABRAMOVAY, R. (et all). **Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou sair?** Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, vol. 12, nº 2, 2004: 194-236.

_____ ; CAMARANO, A. A. **Êxodo Rural, envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos Últimos 50 anos**. IPEA. Rio de Janeiro, 1999.

_____. (et all). **Os Impasses da Sucessão Hereditária na Agricultura Familiar**. Florianópolis: EPAGRI; Brasília: Nead/ Ministério do desenvolvimento agrário, 2001.

BADALOTTI, R. M.; RENK, A.; FILIPPIM, E. S.; BERTONCELLO, A.; ROSSY, A. M.; AMARAL, E., DALLAZEN, R. **Reprodução social da agricultura familiar e juventude rural no oeste catarinense**. II Encontro da Rede de Estudos Rurais. Rio de Janeiro, 2007.

BASILIO, M.A . **Juventude rural: discutindo a construção dessa identidade**. I Encontro da Rede de Estudos Rurais. Niterói, julho de 2006.

BECERRA, C. **Consideraciones sobre la Juventud Rural de América y el Caribe**. S/D, in Site: <http://www.iica.org.uy/redlat/>. (acesso 06/07/2009)

BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: ed. HUCITEC, 1993.

BENEVENUTO, Mônica A. **Um olhar sobre a construção da visão de juventude entre assentados rurais**. XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, 2003.

BOURDIEU, P. **“A juventude é apenas uma palavra”**. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro. Arco Zero Limitada, 1983.

_____. **O campo científico.** In: Ortiz, R. (org). Sociologia. São Paulo: Editora Ática.

_____. **La distinción.** Critério y bases sociales del gusto. Edition de minuit/Taurus Humanidades, 1979.

BRENNEISEN, Eliane. **Entre o campo e a cidade: estratégias organizacionais visando a permanência do jovem no campo.** Dossiê Campo e Cidade. Ano IX. Nº 18. 1º Semestre 2008. ISSN 1518-4196

BRUMER, A.; SOUZA, R.H.V.; ZORZI, A. **O futuro da Juventude Rural.** ALASRU, 2002.

_____. **A reprodução geracional na unidade de produção familiar na agricultura: uma abordagem conceitual.** XI Congresso Brasileiro de Sociologia, setembro de 2003.

_____. **Ficar ou sair: perspectivas futuras dos jovens no meio rural.** VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural, Porto Alegre 2002.

BRUNO, Regina Landin. **Nova republica: a violência patronal rural como prática de classe.** Sociologias, Porto Alegre, ano 5, n 10, jul/dez 2003, p. 284/310.

CALIARI, R. O. **Pedagogia da Alternância e desenvolvimento local.** 2002. 123 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2002.

CAPUTO, Luis. **Jóvenes rurales, algunas intervenciones sociales, obstáculos y alternativas en la promoción de sus organizaciones.** Biblioteca virtual sala de lectura consejo latinoamericano de ciências sociais (CLACSO).

CARNEIRO, M. J. **Herança e Gênero entre agricultores familiares.** Estudos Feministas, Florianópolis, Ano 9, 2º semestre 2001.

CARNEIRO, M. J. **Juventude Rural: Projetos e Valores**. IN: Abramo, Helena W. e Branco Pedro P. Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2005.

CASTRO, Elisa G. de. **Entre ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese (Doutorado em antropologia social) Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005.

_____. de. **“As Jovens Rurais e a Reprodução Social das Hierarquias”**. In: WOORTMANN, E.F.; HEREDIA, B.; MENASCHE, R. (Orgs.). **Margarida Alves. Coletânea sobre estudos rurais e gênero**. Brasília : MDA / IICA, 2006.

_____. **Sonhos, Desejos e a Realidade: Herança, Educação e Trabalho de Jovens Rurais da Baixada Fluminense/ RJ**. www.nead.org.br. (acesso dia 20/06/2009)

CHAVES, Tathiana de Abreu Batista. Assentamento **rural sob o olhar de suas gerações**. XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, 2003.

CHILLÁN, Yuri. Morfologia e cenários das políticas públicas para a juventude: uma leitura. . In: THOMPSON, Andres A. (org). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Ed. Peiropolis,

COMERFORD, John C. Fazendo a Luta - Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. In: **O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Peirano, M. (org.) Rio de Janeiro: Relume Dumará/NUAP/UFRJ, 2002.

_____. As reuniões em um assentamento rural como rituais. In: CARVALHO, Luiz Flavio, FLEXOR, Georges, SANTOS, Raymundo. **Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares** (orgs). Rio de Janeiro: Mauad X; Seropedica, RJ: EDUR, 2008.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação Política do MST**. São Paulo em Perspectiva, 15(4) 2001.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de educação. Set/out/nov/dez n° 24, 2003.

_____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. JOVENES, Revista de Estudios sobre Juventud Edição: ano 9, núm. 22 México, DF, janeiro-junho 2005 pp. 296-313.

DUQUE, G.; SOUSA, E. L. **De Geração a Geração: Um estudo sobre a Disposição dos Jovens em assumirem o trabalho Agrícola**. ALASRU, 2002.

DURSTON, J. **A Juventude Rural Excluída de America Latina: reduzindo a invisibilidad**, apresentação no Congresso de la Asociacion Latinoamericana de Sociologia (ALAS), mimeo, 1997.

_____. **Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual**. NACIONES UNIDAS COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Santiago de Chile, 1998.

_____. **Juventud Rural y Desarrollo em América latina**. Estereótipos y realidades. Santiago do Chile. CEPAL, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST. Formação e territorialização**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

FLITNER, A. Os problemas sociológicos nas Pesquisas sobre Juventude. In: Brito, S. **de. Sociologia da Juventude 1. Da Europa de Marx à América Latina hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1977.

GARCIA Jr., A. G. **O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1989.

_____, A.; Heredia, B. A. **Trabalho Familiar e campesinato**. Rio de Janeiro. CLAPCS, ano 14-Nº 1/2 janeiro/junho, 1971.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Geertz. C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Eds, 1973.

GUIGOU, J. Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural. In: Brito, S. de (org.). **Sociologia da Juventude 2. Para uma Sociologia da Juventude Diferencial**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.

HEREDIA, B.M.A. de. **A morada da vida. Trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KERTZER, D. **Rituais políticos e a transformação do partido comunista italiano**. Horizontes Antropológicos. V 7. nº 15. Porto Alegre. Julho 2001.

KLIKSBERG, Bernardo. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. In: THOMPSON, Andres A. (org). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Ed. Peiropolis,

KRAUSKOPF, Dina. Juventudes na América Latina e no Caribe: dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida. In: THOMPSON, Andres A. (org). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Ed. Peiropolis,

LEITE, S (et all). **Impacto dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. Brasília: Instituto Interamericano de cooperação para a agricultura: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento rural. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. Assentamentos rurais e perspectivas da reforma agrária no Brasil. In: Molina, Mônica Castagna (org). **educação do campo e pesquisa. Questões para reflexão**. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

LÓPES, A. J. **La Contrucción Social de “Juventud” y políticas Públicas de Juventud en Jóvenes Rurales de la Zona Andina Colombiana.** Hologramática - facultad de Ciências Sociais - UNLZ, año IV, n° vi (2007), PP. 145-180.

MANNHEIM, K. **Sociologia.** Coleção os Grandes Cientistas Sociais. Foracchi, M. M. São Paulo: Ática, 1982.

MARQUES, Francisco Roberto de Sousa. **Juventude Rural e Assentamentos de Reforma Agrária: trajetórias e experiências coletivas.** Dissertação (Mestrado em Sociologia.) Universidade Federal da Paraíba, PB, 2006.

MARTINS, H. H.T.S. A Juventude no Contexto da Reestruturação Produtiva. In. Abramo, H. W., Freitas, M. V. e Spósito, M. P. (org). **Juventude em Debate.** São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

_____. **O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação.** Tempo social. Ver. Sociol. USP, São Paulo, 13 (2); 61-87. Novembro de 2001.

MARTINS, José de Souza. **As mudanças nas relações entre a sociedade e o Estado e a tendência à anomia nos movimentos sociais e nas organizações populares.** *Estud. av.* [online]. 2000, v. 14, n. 38, pp. 268-278. ISSN 0103-4014.

MARTINS, Maíra. **Juventude e reforma agrária: o caso do Assentamento Rural Paz na Terra, RJ.** 2008. 142p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

MEDEIROS, Leonilde Sérvo. **História dos movimentos sociais no campo.** Rio de Janeiro :FASE, 1989

MELUCCI, A. **Juventude, tempo e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Educação. Set./Out/Nov./Dez. 1997, n° 6.

MOURA, Clovis. **Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos. Da destruição de Belo Monte ao aparecimento do MST.** São Paulo: Ed. Expressão popular, 2000.

MULLER, Geraldo. **Brasil Agrário. Heranças e tendências.** São Paulo em perspectiva. 7(3). 11-20, julho/setembro. 1993.

NAVARRO, Zander. **“Mobilização sem emancipação” — as lutas sociais dos sem-terra no Brasil** In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). Produzir para viver. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 189-232.

NOVAES, Jose Roberto Pereira. **Jovens migrantes no contexto da reestruturação produtiva da agroindústria da cana de açúcar.** 30º Encontro anual da ANPOCS, 2006.

NOVAES, R. Juventude e Participação Social: Apontamentos sobre a reinvenção da Política. In: Abramo, H. W.; Freitas, M. V. e Spósito, M. P. (org). **Juventude em Debate.** São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

NOVAES, Regina e VITAL, Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andres A. (org). **Associando-se à juventude para construir o futuro.** São Paulo: Ed. Peiropolis,

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária.** ESTUDOS AVANÇADOS 15 (43), 2001.

PALMEIRA, Moacir e LEITE, Sérgio. “Debates Econômicos, processos sociais e lutas políticas” In: COSTA, Luiz Flávio e SANTOS, Raimundo (orgs). **Política e Reforma Agrária.** Rio de Janeiro: Maud, 1998.

PIZETTA, Adelar João. **“A formação política no MST: um processo em construção”.** in OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Año VIII, N° 22, septiembre, 2007.

PAULILO, M. I. S. **Trabalho familiar: Uma categoria Esquecida de Análise.** *Estudos feministas*, Florianópolis, 12(1): 360 janeiro-abril/2004.

PIETRAFEZA, José Paulo. **Sustentabilidade e espaço rural: Escola Família Agrícola de Goiás.** 32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu, MG.

Plano de desenvolvimento Espírito Santo 2025: cenário exploratório para Horizonte 2006 - 2025. Espírito Santo: Macroplan, 2006.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Simson, O. M.V. **Experimentos com história de vida (Itália-Brasil).** São Paulo: vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

SALES, Celecina de Maria V. **Jovens rurais: novos e antigos percursos.** VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, Quito, Equador, 2006.

_____. **Jovens rurais: multiplicidade de desejos e realidades para sua permanência no campo.** XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte, 31 de maio a 3 de junho de 2005.

SANT’ANA, Raquel S.; BRUGNHARA, Ariane C.; OLIVEIRA, Priscila S. **As representações sobre a vida no acampamento Mario Lago de Ribeirão Preto, SP: um enfoque na perspectiva intergeracional.** I Encontro da Rede de Estudos Rurais. Niterói, 2006.

SIMMEL, George. “especial: individualidade, interação e tipo social”. In: FILHO, Evaristo de Moraes (org.). **George Simmel: sociologia.** São Paulo: Ed. Ática, 1983.

SPÓSITO, M. P. e CORROCHANO, M. C. **A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil.** *Tempo social, revista de sociologia da USP*, V. 17, nº 2, 2005.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O movimento (migratório) da juventude rural: em busca do reconhecimento social e da cidadania.** XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, 2003.

STROPASOLAS, V. L. O. **Valor (do) Casamento na Agricultura familiar.** Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360 janeiro-abril/ 2004.

VALADÃO, V.de A. **Assentamentos e Sem Terra. A Importância do Papel dos Mediadores.** Vitória: EDUFES, 1999.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose.** Rio de Janeiro, Zahar editores, 1994.

VIEIRA, Rosangela STEFFEN. **Tem jovem no campo. Tem jovem homem, tem jovem mulher.** In: Woortmann, H.; Heredia, B; Menashe, R.(org) Margarida Alves MDA / NEAD, coletânea de estudos rurais e gênero: 2006.

WEISHEIMER, N. Os Jovens Agricultores e o Processo de trabalho da Agricultura Familiar. ALASRU, 2002.

_____. **Os jovens agricultores como categoria sociológica.** In: XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, 2003.

_____. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes.** Brasília: Ministério do desenvolvimento agrário, 2005.

WOORTMAN, E. **Herança: dimensões do código consuetudinário de camponeses teuto-brasileiros.** Trabalho apresentado à XXV reunião Brasileira de Antropologia, Vitória, ES 1998.

Anexos

Anexo A - Notícias

Produção de café nos assentamentos capixabas gera renda e emprego para famílias Sem Terra e promovem desenvolvimento local

Uma região marcada pela exploração dos trabalhadores rurais em geral meeiros e boias frias, hoje é uma das principais produtoras de conilon do Espírito Santo. Esses trabalhadores, que sobreviviam como assalariados rurais, em situação de bastante dificuldade, atualmente são produtores autônomos nos assentamentos do MST, uma conquista da luta pela reforma agrária. Trata-se principalmente dos municípios de São Mateus e de Jaguaré, no norte do Estado, onde se localizam 11 assentamentos do movimento em que vivem 398 famílias. Apenas nessa região, chamada Quilombo dos Palmares, forma cerca de 40 mil sacas de café pilado, o que a torna destaque pela alta produtividade desta cultura.

Aliás, o café gera renda e emprego em todo o Estado nos assentamentos do MST, promovendo também o desenvolvimento econômico local. Do total de famílias assentadas, cerca de duas mil são produtoras do grão e tem nessa cultura sua principal fonte de renda. A área plantada é de aproximadamente 10 milhões de pés, com uma produção média de 100 mil sacas por ano. Vale ressaltar que o preço médio da saca do café pilado, em 2008, foi de R\$ 200.

Produtividade e renda

As famílias assentadas, devido ao aperfeiçoamento das técnicas de produção e do conhecimento da cultura do café, forma, ao longo do tempo, aumentando consideravelmente o nível de produtividade. Há cerca de dez anos, por exemplo, em um hectare produzia-se 25 sacas de café. Atualmente, a média é de 40 sacas, o que significa, na prática, mais emprego e mais renda para as famílias.

Esse é o caso da família do Salvador Ramos, produtor do assentamento Joeirana, em São Mateus. Eles possuem 16 mil pés de café na propriedade e, apenas este ano, produziram 130 sacas, que, comercializadas, geraram R\$ 26 mil em renda.

“Tenho seis filhos e todos nós trabalhamos na propriedade durante o não inteiro. Em época de colheita, muitas vezes, é preciso ter mais companheiros ajudando. Dessa forma, tem trabalho para família o tempo inteiro”, relatou. Ele explica ainda que a cultura de café é cuidada o ano todo, pois além da colheita e da secagem que são feitas em meados do ano, há os chamados tratos culturais, ou seja, a poda e a desdobra do café, realizadas nos demais meses.

Com visível melhoria na qualidade de vida, Ramos ressalta que, mesmo tendo que trabalhar muito na propriedade para manter essa produção, agora é diferente. “O assentamento para nós foi como sair da prisão, pois quando você trabalha de meeiro ou assalariado é preso ao patrão. No Assentamento, você é livre para trabalhar, é dono de um pedaço de chão e dos frutos do trabalho”, conta.

Outra melhoria advinda da produção nos assentamentos, sobretudo da cultura do café, foi a estabilidade de vida. Isso é evidente na história da família de José Gomes dos Santos e de Neuza Maria dos Santos, que vivem no assentamento Vale da Vitória. “Antes éramos diaristas e tínhamos que mudar de lugar de ano em ano para achar serviço. No assentamento, temos terra e casa própria e aqui fixamos nossa família”, relatou o casal. Apenas em 2008, produziram 110 sacas de café e, em 2007, chagaram a produzir 210 sacas.

Desenvolvimento local

A média de área plantada por família num assentamento é de 2,5 hectares e corresponde à geração de emprego, renda e produção. Apenas a Fazenda Georgina, que foi a primeira área ocupada pelo MST no ES, 1985, e que deu origem a maior parte dos assentamentos apontados nesta reportagem, tinha uma área de 1052 hectares e caracterizava-se pela intensa exploração dos trabalhadores rurais e pela extração de madeira para produção de carvão vegetal. Essa nova situação resultante da reforma agrária traz resultados diretos ao desenvolvimento econômico local. Isso é perceptível no distrito de Nestor Gomes, em São Mateus, e é conhecido pelos próprios comerciantes da região.

“Nosso comércio cresceu com a criação dos assentamentos, à medida que foram aparecendo demandas das famílias”, contou Marcelo Negrís, dono de dois empreendimentos, um no ramo de materiais de construção e irrigação e outro no ramo de supermercado. Ele relatou que antes dos assentamentos havia pouca perspectiva de desenvolvimento local, mas que com a expansão das áreas de Reforma Agrária foram surgindo demandas pela prestação de serviços. “Agora, já iremos ampliar nossos empreendimentos, dobrando os pontos comerciais”, disse ele. O comércio dessa região é basicamente impulsionado pelas famílias ali assentadas.

(Fonte: Revista Sem-Terra, Ano XI nº 46 Agosto-Setembro/2008).

Anexo B: Recorte dos entrevistados na pesquisa que compõem as três gerações existentes no Vale da Vitória

Núcleo fundador.

Jorge. É um dos fundadores do assentamento Vale da Vitória, já foi líder do MST do Estado, como a maioria dos assentados do Vale da Vitória veio de Santa Maria, um distrito da cidade de São Mateus. Ainda hoje tem função de liderança no assentamento, além de participar do conselho da EFA e fazer parte da comissão regional do MST. Foi um dos fundadores da associação agroecológica que agrega famílias que, além do modo de produzir tradicional, optaram por manter uma parte da produção usando métodos da agroecologia.

Valter. Faz parte do núcleo fundador e da comissão do assentamento, é casado com Neuza e pai de Pedro e Dulce. Ambos ainda residem no assentamento no lote familiar. Veio do distrito de Santa Maria. Além de suas atividades, ainda desempenha papel de liderança na comunidade.

Neuza Joana. Esposa de José Gomes já foi no passado uma das primeiras professoras de assentamento da localidade. Atuou em escolas de vários assentamentos dentre eles do Vale da Vitória e do assentamento Joeirana, vizinho ao Vale da Vitória. Não quer que seus filhos saiam do assentamento. Para ela não há necessidade deles saírem já que a família já possui meio deles permanecerem na terra.

Antônio Moraes. É um dos fundadores do assentamento. Mora no assentamento com os filhos. Um deles é caminhoneiro, mas ainda tem residência fixa no lote do pai.

Sara. É do núcleo fundador do assentamento e é casada com Antônio. É mãe de Madalena que ainda é solteira e José Carlos que já é casado. Além destes tem mais um filho e uma filha. A filha casou-se e foi se fixar no assentamento Zumbi dos Palmares, próximo aos assentamentos da localidade de Nestor Gomes.

Aelson. Não faz parte do núcleo fundador, mas já reside no assentamento há mais de dez anos. Comprou o “direito” (termo usado para compra de lotes) tem um filho que é liderança do MST e que ainda reside no assentamento no lote da família.

Dona Maria. É casada com Arlindo e uma das lideranças da comunidade (igreja católica).

Jovens casados:

José Carlos. É filho de Antônio Moraes, é casado com uma jovem do assentamento. Mora no mesmo lote com a família e mantém sua produção a parte. Diz estar satisfeito com a vida no assentamento e não pretende sair dali. Além da casa já adquiriu um veículo.

Robson. É liderança do MST da região é assentado no Córrego Palmeira assentamento vizinho onde adquiriu um lote. É casado com uma jovem do assentamento Córrego da Prata. Ele sempre atuou no MST. Estudou na EFA de Boa Esperança onde concluiu o curso de técnico em agropecuária.

Pedro. É filho de Joana e Valter. É casado com uma jovem do assentamento. Mora no lote da família onde mantém sua produção numa parte do lote já cedida pelos pais. É formado no curso técnico em agropecuária pela EFA de Boa Esperança e trabalhou como extensionista para o MST junto a outros assentamentos do Estado. Gosta do assentamento e não pretende sair mais, porque gosta da vida na comunidade e os seus

ganhos trabalhando a terra superam o que ganhava antes quando tinha saído. Apesar da época difícil tem boas lembranças da época do acampamento em que ainda era criança.

Dulce. É irmã de Pedro e retornou ao assentamento onde está fixada junto ao seu marido que é um jovem filho de agricultores familiares da região. Ela é muito ligada às questões da comunidade onde participa ativamente. Estudou na EFA de Nestor Gomes. Atualmente trabalha numa loja de roupas em Nestor Gomes ao dia e retorna ao assentamento onde mora.

Élson. É irmão de Márcio. Esta família tem uma particularidade de que a maioria dos irmãos, além de Élson que é o filho mais novo, ainda está no assentamento com seus lotes adquiridos através de compra de “direito”. Ele estudou na EFA de Nestor Gomes no atual ensino fundamental e fez curso técnico em agropecuária na EFA de Jaguaré. É casado com uma jovem e atualmente mora junto com a mãe que é do núcleo fundador. Seu pai já é falecido e ele assumiu o lote da família. Ele tem boas lembranças da época do acampamento e diz que sua vida melhorou após o assentamento e não pretende sair para trabalhar fora do assentamento.

Márcio. Irmão de Élson, já tem seu lote adquirido através de desistência de uma família, ainda nas fases iniciais do assentamento. Ainda se recorda dos momentos em que viveu no acampamento e de um grupo de jovens que existia na época e que sempre foi ativo na vida do acampamento. Ele já tem duas filhas que ainda estudam e moram com ele e sua esposa e uma outra filha que se casou e mora no município de Aracruz próximo a Vitória.

Valter. Jovem casado pai de Wanderson. Já possui seu lote adquirido através de compra de “direito”. Morava fora do assentamento, mas retornou e tem irmãos que ainda residem na comunidade. Ele faz parte da associação de agroecologia.

Jovens solteiros:

Madalena. Filha de Antônio Moraes, mora com os pais. É uma jovem solteira e disse que apesar de gostar muito do assentamento e dos amigos que tem no grupo de jovem, sairia se conseguisse um trabalho que lhe proporcionasse mais autonomia.

Julia. É filha de Aelson; ela é solteira, trabalha numa loja de material de construção existente em Nestor Gomes. Gosta da vida no assentamento e não pretende sair dali. Mora com os pais e participa ativamente das atividades da comunidade e do grupo de jovens que para ela é muito importante para os jovens, para discutir questões inerentes a eles, à comunidade e como forma de encontro e união entre os jovens do assentamento, bem como para organizar passeios, viagens. Ela pretende fazer um curso superior na área de enfermagem.

Cleberson. É filho de Adevalter e é um dos jovens solteiros do assentamento. Participa de atividades do MST onde já participou de vários congressos e mobilizações do movimento. Estudou na EFA de Nestor Gomes onde concluiu o Ensino Fundamental e disse que foi essencial para sua formação e pra vencer dificuldades como a timidez que abriu portas para suas atividades no MST e para melhor se entrosar com as pessoas na sua vida diária. Faz parte da associação de agroecologia e participa do grupo de jovens da igreja.

Anexo C: Fotos da pesquisa.



Foto 3: Núcleo familiar.



Foto 4: Escola no Vale da Vitória.



Foto 5: Plantio de mamão numa área arrendada no assentamento Vale da Vitória.



Foto 6: plantio de café conilon uma das principais fontes de renda do assentamento.



Foto 7: Vista parcial de uma reunião do grupo de jovens da igreja.



Foto 8: Vista parcial de uma reunião do grupo de jovens da igreja.



Foto 9: Campo de futebol num dia domingo.



Foto 10: motos estacionadas próximo ao campo de futebol.



Foto 11: boteco.



Foto 12: assentados depois da celebração na igreja católica.



Foto 13: casa de uma família núcleo fundador.



Foto14: casa em construção de um jovem recém casado.



Foto 15: Moradia.



**Foto
16:**

Construção novo prédio para turmas de ensino médio na EFA Nestor Gomes.



Foto 17: crianças em aula na EFA Nestor Gomes.



Foto 18: Centro de Formação Maria Olinda (assentamento Joeirana).



Foto19: forró